

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ANELISE LOPES RODRIGUES

A DESPORTIVIZAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS PARA A JUVENTUDE:
DISCURSOS SALVACIONISTAS E PRÁTICAS COMPENSATÓRIAS

Profª. Drª. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo
Orientadora

Porto Alegre, 2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ANELISE LOPES RODRIGUES

A DESPORTIVIZAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS PARA A JUVENTUDE:
DISCURSOS SALVACIONISTAS E PRÁTICAS COMPENSATÓRIAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora no Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Prof^ª. Dr^ª. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696 Rodrigues, Anelise Lopes
A desportivização das políticas sociais para a juventude :
discursos salvacionistas e práticas compensatórias. / Anelise Lopes
Rodrigues. – Porto Alegre, 2008.
155p. ; il.; 21 x 29,5 cm

Diss. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS, 2008.

Orientadora: Prof^a. Dra. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo

1. Esporte – Aspectos sociais 2. Psicologia do esporte 3.
Jovem – Aspectos sociais 4. Jovem – Psicologia social

CDU: 796.01

Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Responsável: Silvani Caceres Messa – CRB 10/115

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

A DESPORTIVIZAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS PARA A JUVENTUDE:
DISCURSOS SALVACIONISTAS E PRÁTICAS COMPENSATÓRIAS

Dissertação elaborada por
Anelise Lopes Rodrigues

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª.Dr^ª. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo
Orientadora/Presidente – PUCRS

Prof. Dr. Alex Branco Fraga
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Nelson Schneider Todt
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof^ª.Dr^ª. Neuza Maria de Fátima Guareschi
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Porto Alegre, março de 2008

DEDICATÓRIA

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Pessoa

Este trabalho é dedicado a pessoas incomparáveis
que fazem parte de minha vida:

A meu pai, Osmar (que partiu em meio ao percurso): pelo exemplo de coragem;

À minha mãe, Gladys: pelo exemplo de fé, dedicação e pelo apoio constante;

À minha irmã, Ana Tércia: pelo exemplo de ética na profissão e na vida;

A meu irmão, Ocimar: pelo exemplo de tranquilidade e alto astral;

À Liz: pelo exemplo de amizade, pelas *“positive vibrations”*,
e por mais razões do que eu poderia enumerar...

A vocês: todo meu carinho e todo meu amor!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Helena Scarparo – pelo respeito, delicadeza e sensibilidade constantes ao longo dos caminhos e descaminhos que constituíram esta pesquisa;

Ao CNP'q, pelo fomento à pesquisa por meio da bolsa de mestrado;

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – por toda estrutura e serviços disponibilizados;

Ao professor Jorge Sarriera – pela confiança em mim depositada há dois anos atrás, quando – mesmo sem me conhecer – me abriu a porta de seu grupo de pesquisas e “convivências”. Ah, a vida e seus rumos inesperados...;

Aos irmãos Guareschi – Neuza e Pedrinho – extensivo aos membros dos respectivos Grupos de Pesquisa: pela “gentil acolhida” no início da jornada (fundamental ao meu processo de amadurecimento teórico) e pela generosidade em partilhar conhecimentos;

Às colegas do Grupo de Pesquisas Políticas Sociais e Práticas Psicológicas – Luiza, Carla, Pâmela, Jeanice, Aline, Mara, Martina e Ana Carolina, pelo companheirismo e auxílios prestados;

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS – Inês e Cláudia – por todas as informações prestadas, pela eficiência e bom-humor com que realizam seu trabalho;

Aos membros da banca examinadora – pela disponibilidade em colaborar com esse estudo;

Por fim, agradeço a Deus – *o princípio de tudo* – e a todas as pessoas que, de algum modo, contribuíram para que se chegasse até aqui...

RESUMO

Este estudo busca discutir e problematizar as possibilidades de utilização do esporte no contexto das políticas sociais para a juventude no Brasil. Com base na estratégia metodológica da *análise discursiva*, articula-se uma compreensão acerca dos diferentes usos e significações atribuídos ao esporte no âmbito dos chamados *projetos sociais*, buscando compreender como esta discursividade e as práticas a ela associadas implicam na produção de *modos de existência* dos jovens usuários destes projetos. O *corpus* de análise foi composto por discursos veiculados pela mídia eletrônica de um projeto social esportivo, de uma emissora de televisão e por fragmentos de texto de um documento oficial de domínio público – o relatório das Nações Unidas (ONU) “Esporte para o Desenvolvimento e a Paz: em direção à realização das metas de desenvolvimento do Milênio”. A fim de proceder às análises, o estudo se apoiou numa perspectiva social e historiográfica, fundamentando-se teórica e metodologicamente em pensadores como Michel Foucault e Walter Benjamin. Propõe, ainda a interlocução transdisciplinar com autores contemporâneos como Marilena Chauí, da filosofia; Valter Bracht, da sociologia; Alba Zaluar, da antropologia; Kátia Rúbio, da psicologia; Rosa Fischer, da educação; entre outros.

Palavras-chaves: políticas sociais e juventude – projeto social esportivo – psicologia do esporte – psicologia social – mídia e esporte.

ABSTRACT

This study intends to discuss and problematize the possibilities of the utilization of sports in the social politics context to youth in Brazil. Using methodological strategy of *discursive analysis*, it is possible to comprehend about different uses and meanings of sports in the so called *social projects*, looking to comprehend how the discursivity and the associated practices influence the production of *ways of existence* of the young users of this project. The *corpus* of analysis was composed by discourse submitted by electronic media of a sporting social project from a television channel and by text fragments extracted from an official document of public dominion – the report from the United Nations (ONU): *“Sport for Development and Peace: Towards Achieving the Millenium Development Goals”*. To analyze the data, this research has used a social and historiographyc perspective, justifying theoretical and methodologically in thinkers as Michel Foucault and Walter Benjamin. Moreover, it proposes a transdisciplinary interlocution with contemporary authors as Marilena Chauí, from philosophy; Valter Bracht, from sociology; Alba Zaluar, from anthropology; Kátia Rúbio, from psychology; Rosa Fischer, from education; among others.

Keywords: social politics and youth – sporting social projects – psychology of sport – social psychology – media and sport.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	12
Considerações acerca do projeto: "cartografia de um lugar desconhecido	12
NOTAS TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	15
Da temática, da justificativa e dos objetivos da pesquisa	15
Da adoção do referencial teórico e das estratégias de pesquisa.....	27
NOTAS OPERACIONAIS: DO <i>CORPUS</i> E DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	33
<i>Corpus</i> de análise.....	33
Procedimentos de análise.....	39
FORMA DE ESTRUTURAÇÃO DAS SESSÕES DA DISSERTAÇÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
SESSÃO I - A VOCAÇÃO UTILITÁRIO-SALVACIONISTA DO ESPORTE: REATUALIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS HISTÓRICAS.....	46
INTRODUÇÃO: O ESPORTE É UM FENÔMENO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL	46
1 ALEGORIA E GENEALOGIA: INSPIRAÇÕES PARA UM OUTRO OLHAR DA HISTORIOGRAFIA ESPORTIVA	49
2 HISTÓRIAS DO ESPORTE.....	54
2.1 A herança grega: ideais de paz ou ideais de guerra?	57
2.2 Lançando luz às sombras da história: nem só de nobres ideais viveu a grécia	59
2.3 Surge um novo problema: a rivalidade motivada pelos jogos... ..	64
2.4 O esporte na cultura romana: " <i>a política do pão e circo</i> "... ..	65
2.5 A grande ruptura: o Olimpismo em decadência... ..	69
2.6 A redescoberta dos Jogos... ..	70
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS...	80
SESSÃO II - JOVEM CARENTE? ESPORTE URGENTE! O MITO DO ESPORTE COMOSALVAÇÃO.....	83
INTRODUÇÃO: POR ALGUMAS POSSIBILIDADES DE SIGNIFICAÇÃO.....	84
1 CONTEXTOS EM DEBATE: INTERFACES DO ESPORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	90
1.1 A psicologia e as ciências do esporte	90
1.2 A questão do esporte e os projetos de responsabilidade social.....	92
1.3 A questão do esporte como "ferramenta" numa sociedade globalizada.....	96
2 SOBRE O PODER DO ESPORTE: O RELATÓRIO DA ONU	100
2.1 Um breve apanhado histórico	101
2.2 Recomendações e metas da ONU acerca do esporte	106
3 Esporte e Mídia: o esporte à serviço da comunicação e a comunicação à serviço do esporte... ..	109
4 Esporte e Cultura: hipervalorização x marginalização do esporte... ..	115
5 O esporte como ferramenta pedagógica multifuncional... ..	123
5.1 "O esporte é uma escola que forma cidadãos vencedores para a vida".....	123
5.2 "O esporte é uma arma no combate à violência e à criminalidade	128
5.3 "O esporte é uma ferramenta na promoção da paz mundial".....	134
UMA BREVE SÍNTESE	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
À GUIA DE CONCLUSÃO.....	143
ANEXOS	147

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

QUADRO 1 – Principais objetivos elencados pelo Programa Segundo Tempo.....	35
Quadro 2 – Mídia Esportiva (programas esportivos de canal aberto).....	36
Quadro 3 – Mídia Geral (telejornais e programas de canal aberto).....	37
Quadro 4 – Canais “fechados” (TV à cabo).....	37
SESSÃO I – A. VOCAÇÃO UTILITÁRIO-SALVACIONISTA DO ESPORTE: REATUALIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS HISTÓRICAS	
Figura 1 – Zidane x Materazzi.....	54
Figura 2 – Pai agride nadadora.....	54
Figura 3 – Formatura guias cívicos.....	55
SESSÃO II – JOVEM CARENTE? ESPORTE URGENTE! UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DAS POLITICAS SOCIAIS ATRAVÉS DA MÍDIA	
Quadro 1 - Campanha de conscientização através do esporte, Jogos Pan-Americanos Rio 2007.....	85
Quadro 2 – Matérias extraídas da mídia televisiva.....	86
Quadro 3 – Notícias extraídas do Site Institucional do Programa Segundo Tempo.....	88
Quadro 4 – Hierarquização da Instituição Esporte.....	107
Quadro 5 – Campanha de conscientização pelo esporte.....	111
Quadro 6 – Incentivos Fiscais.....	118
Quadro 7 – Concepção de esporte Programa Segundo Tempo.....	125
Quadro 8 – O esporte traz.....	125
Quadro 9 – O esporte evita.....	125
Tabela 1 – O esporte formando cidadãos.....	124
Tabela 2 – O esporte educando para a paz.....	134

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Considerações acerca do projeto: “cartografia de um lugar desconhecido”

Imagine-se na condição de alguém que recebesse o seguinte convite (ou ordem, como preferir):

- “Prepare as malas, você vai viajar!”

A primeira pergunta que invariavelmente surgiria é:

- “Ok, mas para onde?”

Digamos então que obtivesse a seguinte resposta:

- “Sua pergunta é irrelevante; não importa para onde você vai. O fundamental é que você planeje a viagem e ponha na mala tudo o que irá precisar. Além disto, será necessário traçar um mapa do caminho a percorrer, fazer um cronograma do tempo que você levará para chegar até lá, bem como um orçamento adequado dos gastos que você irá efetuar. Ah, um último conselho: tome cuidado para não se perder. Não saia da trilha, mantenha o foco e siga em frente que você chegará lá...”

Guardadas as devidas proporções, me questiono se a situação exposta acima não guardaria semelhanças com o que ocorre quando ingressamos no universo acadêmico e somos *convidados* a elaborar um projeto de pesquisa pautado em algumas exigências e formalidades consideradas *indispensáveis* à execução de um empreendimento científico. Ressalvando toda a importância que a elaboração de um projeto adquire no que diz respeito às possibilidades de melhor refletirmos sobre uma determinada temática ou sobre um estudo a ser empreendido, ousaria perguntar, sob uma ótica bem pragmática: a construção de um projeto não se constituiria numa tentativa inócua de cartografar previamente um lugar desconhecido?

A esse respeito é Aundre Lorde (citado por Fraga, 2005, p. 157) quem emite uma simples - até certo ponto óbvia - mas não menos sábia constatação: "Se traça um mapa de um lugar onde já se esteve antes. Porém, ainda não há mapa do lugar para onde nos dirigimos". O aspecto irônico (se não trágico) que reside no fato de nos apoiarmos num projeto a fim de realizar um empreendimento científico é que, mais cedo ou mais tarde, torna-se possível constatar *na prática* aquilo que *teoricamente* já profetizara um antigo provérbio chinês: "Se não mudarmos a direção, terminaremos exatamente onde partimos".

No meu caso, ('felizmente', creio eu) logo cedo começava a tomar ciência de que certos ajustes correções e/ou até mesmo guinadas bruscas e repentinas nos rumos *projetados* se fariam necessárias e, invariavelmente, ocorreriam ao longo do caminho. Não significa dizer, no entanto, que tais *tomadas de consciência* se deram de forma tranqüila, sem esforços e hesitações. Longe disto...

Reconheço - honestamente - que a certa altura do processo fui tomada pelo *pânico* ao perceber que meu foco de análise assumia novas proporções, numa amplitude que não fora possível dimensionar no escopo de pesquisa inicialmente traçado. As temáticas que supunha previamente transversalizar ou fazer fronteiras com os objetos de pesquisa, espraivavam-se sobremaneira na medida em que me deparava com novos elementos e, por conseqüência, novas questões que emergiam do interior dos materiais submetidos a procedimento de análise. Se por um lado, os novos elementos serviam para aguçar minha curiosidade (na condição de pesquisadora) e impulsionar o estudo, por outro lado, desdenhavam de minha ineficiência para *planejar* e escancaravam cada vez mais as limitações de *meu belo projeto*, diante de novos questionamentos que ele (o projeto) se mostrava incapaz de dar conta.

Ao encontrar consolo nas palavras de Bauman (2005, p.36), para quem "um projeto à prova de equívocos, a prova de riscos, é algo muito próximo de uma contradição", fortalecia a idéia de abandonar de vez os delineamentos do projeto para lançar-me ao campo de pesquisa à procura de *rastros* deixados pelos objetos em análise, por entender que o pesquisador,

A exemplo de quem exercita a arte muda da caça, precisa aguçar a sensibilidade e estar permanentemente à espreita do que nele se entremostra a quem possa ler pistas, seguir o faro, explorar intuições (...) num refinamento que conjuga emoção e razão, um sentir que sabe, um saber que sente e também pressente (ZACCUR, 2003, p.177).

A ciência moderna, ao supervalorizar o refinamento de métodos e técnicas de pesquisa em prol das grandes descobertas científicas, parece haver ignorado o fato de que *durante milênios* o ser humano – como estratégias de sobrevivência – desenvolveu habilidades de caça, que lhe permitiram reconstruir as formas e movimentos de presas invisíveis através de pistas simples, tais como:

[...] pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados [...] aprendendo, além disto a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba e fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (ASSANO, 2003, p.63)

Convencia-me de que, para *espreitar* os objetos desta pesquisa – tal qual o caçador que adentra a floresta desejando espreitar uma caça *especialmente arisca* – não seria preciso seguir um mapa, mas simplesmente perseguir vestígios e pistas por este objeto demarcados. Busquei assim, manter-me ao longo do percurso em permanente estado de alerta, vigilante à diversidade de sinais que a mim se apresentavam sem perder de vista, no entanto, os objetivos traçados, as questões norteadoras bem como as especificidades da temática em estudo. E foi a partir daí que acabei por encontrar *um outro modo* de pensar e executar esta pesquisa que ora assume o formato de uma dissertação ou simplesmente de uma narrativa dos caminhos e descaminhos construídos ao longo do percurso indefinido desta pesquisa. Afinal penso que...

[...] pesquisar é evidenciar o conflito, procurar a tensão, ler o não escrito, escutar o silêncio, tocar o improvável, ir além do primeiro olhar e, sobretudo, não se deter a uma explicação factual e dedutível [...]. É exercer a liberdade política da escrita evitando aprisionar o pensamento a determinações a priori estabelecidas, pensadas, objetivadas. É destemper o conflito, a incerteza, a verdade tornada absoluta (GOELLNER, 1999, p.13).

NOTAS TÉCNICAS E METODOLÓGICAS:

Da temática, da justificativa e dos objetivos da pesquisa

O esporte é um fenômeno sócio-histórico-cultural que ao longo dos tempos vem ocupando espaços significativos na vida dos seres humanos, constituindo-se numa atividade de ampla ressonância na sociedade contemporânea.

No Brasil, evidências de tal amplitude podem ser constatadas através do alto nível de *expansão quantitativa* atingido pelo esporte; expansão esta que se expressa em diferentes aspectos: no crescente número de praticantes de modalidades esportivas diversas (formais e não-formais); na quantidade de eventos e, por sua vez, de profissionais que ocupam espaço de trabalho relacionado ao fenômeno esportivo; nos cientistas que direcionam seus estudos às questões relativas ao esporte; nas indústrias de materiais e equipamentos esportivos; isto sem falar das manifestações da mídia que, por meio das incontáveis horas de transmissão de espetáculos esportivos e da expressiva quantidade de programas de TV, rádio, jornais e *sites* especializados, acabam por conferir ao esporte uma visibilidade *em tempo real* e de caráter quase permanente (BRASIL, [2006]).

Alinhado a este processo de expansão quantitativa, pode-se dizer que, também na esfera das políticas sociais¹ endereçadas à juventude² em situação de pobreza no Brasil,

¹ No contexto deste estudo, o termo *políticas sociais* será utilizado no sentido de referendar tanto as ações realizadas por órgãos ligados à administração governamental dita *direta*, quanto por demais entidades do chamado Terceiro Setor que se utilizam de verbas públicas ou de incentivos fiscais na execução de projetos sociais. A opção pela não utilização do termo *políticas públicas* deve-se a problematização do termo *público* – que no contexto dos projetos supracitados remete invariavelmente à idéia de ações realizadas pela esfera governamental. De acordo com Vieira (1999), o termo Políticas Sociais abarcaria as mais variadas modalidades de ações determinadas por um padrão de proteção social, sejam tais ações implementadas pelo Estado ou pela sociedade civil – com ou sem apoio do Estado. Seu objetivo principal implicaria a redistribuição de benefícios sociais, tendo como foco a diminuição das desigualdades produzidas por um sistema dispar de desenvolvimento sócio econômico. Sendo assim, mostra-se um conceito mais amplo na medida em que estabelece relações com aspectos estruturais tais como as crises econômicas e os baixos índices de qualidade de vida.

² Definir juventude não se constitui em tarefa fácil, devido as diferentes conotações atribuídas ao termo por diversas áreas do conhecimento. A própria Organização Mundial da Saúde (OMS), em seus diversos relatórios, costuma definir *juventude* a partir de uma diferenciação com a terminologia *adolescência*, pressupondo especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas entre ambas. Para a OMS a adolescência seria um processo

o esporte tem ‘literalmente’ *entrado em campo*, assumindo assim lugar de destaque na atualidade. Especialmente nas últimas décadas, evidencia-se a proliferação de uma quantidade expressiva de projetos e programas sociais que se utilizam do esporte como importante ferramenta para a inclusão social e para a formação da cidadania de jovens que vivem em contextos sociais precários.

Associado às questões que se constituíram no mote central para a realização deste estudo, abro um parêntese a fim de destacar alguns aspectos de nossa configuração atual de sociedade que, ainda que neste momento se mostrem *periféricos*, estabelecerão ao longo deste estudo linhas de conexão importantes com os objetos aqui investigados.

O primeiro destes aspectos diz respeito à recorrente afirmação de que *o Brasil é o país das desigualdades*, afirmação esta que se confirma e se legitima através do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2006, elaborado pela ONU, no qual o País é apontado como a 10ª nação mais desigual do mundo. Traçando-se um comparativo entre os índices apontados pelo PIB³, no qual somos elevados à digníssima condição de 11ª maior economia do mundo, e àqueles apontados pelo IDH no qual, dentre um total de 177 países, figuramos na *pouco honrosa* 69ª posição (IBGE, 2006), somos levados – invariavelmente – a concordar com tal afirmação, tendo em vista que se escancara o enorme abismo socioeconômico que segmenta nossa sociedade capitalista.

Os impactos mais profundos de tamanha desigualdade, no entanto, podem ser vistos *a olhos nus*, bastando, para tanto, observarmos o degradante cenário que atinge as grandes metrópoles. Se por um lado o ‘*apartheid*’ social gerado pela disparidade na distribuição de renda tem sentenciado *apenas as classes menos favorecidas* a sobreviverem com condições de vida precárias e sub-humanas, por outro lado, no

fundamentalmente biológico, durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (dos 15 a 19 anos). Já o conceito de juventude resumiria uma *categoria sociológica*, que indicaria *o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adultos na sociedade*, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos (WAISELFSZ, [2007], p.13). Tendo em vista estas diferenciações, e devido ao viés psicossocial adotado para este estudo, serão utilizados os termos “jovens” e “juventude”, em detrimento da terminologia “adolescente”.

³ A sigla PIB, abreviatura de Produto Interno Bruto, é reconhecida como uma espécie de *metro econômico* que afere a soma das riquezas produzidas por um país. Já a sigla IDH ou Índice de Desenvolvimento Humano, seria responsável por medir as condições de vida das populações (IBGE, [2006]).

entanto, vem *aprisionando a todos* com o crescimento indiscriminado e alarmante da violência e da marginalidade. Neste período de efervescência em torno do acontecimento social *violência*, a figura do “*jovem carente*”⁴ ganha intensa visibilidade no grande palco da sociedade moderna. Estimativas apontam que cerca de 15 milhões de jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, estariam vivendo atualmente no Brasil em *situação de vulnerabilidade social*⁵ (IBGE, [2006]).

As temáticas violência e marginalidade juvenis instauram-se na atualidade como um “*acontecimento discursivo*” – definido por Orlandi (2002) como sendo um evento social que, ao instaurar uma discursividade, produz efeitos que afetam a sociedade, a história e os sujeitos em muitas e variadas dimensões: política, cultural, econômica, moral. Índícios deste *acontecimento discursivo* podem ser constatados nas articulações por parte da sociedade civil, que tem travado um amplo debate e cobrado do governo ações que perpassam as diversas esferas: política, econômica, jurídica e social. No que compete a esfera político/econômica sobram reivindicações por maiores investimentos do Estado na área da segurança pública, como forma de *conter os jovens violentos*; no que compete a esfera jurídica, são constantes os apelos e clamores populares por medidas de punição mais rígidas e/ou pela diminuição da maioria penal como forma de *punir os jovens*

⁴ A alcunha “*carente*” tem sido popularmente e amplamente utilizada em nossa sociedade (em especial, por parte da mídia) para adjetivar àquelas crianças e/ou adolescentes oriundos de contextos sociais desfavorecidos economicamente, que habitam as chamadas “periferias”. Ao longo deste estudo, o termo “*jovem carente*” será mantido – sempre grifado e entre aspas – devido a seu uso recorrente tanto nos produtos midiáticos quanto nos documentos submetidos à análise. Porém, não pretendo mantê-lo sem antes “problematizá-lo”, pois entendo que o uso de tal termo não se trata de uma mera questão de ordem semântica. Senão vejamos: O termo “*carente*” consta no dicionário como sinônimo de *desprovido de, necessitado de, privado de, que carece de*. Sendo assim, qualquer ser humano – em alguma medida e em determinada circunstância – é passível de ser considerado como *desprovido de, privado de* ou *carente de* algo ou alguma coisa. Se pensarmos assim, os fatores “*pobreza*” e “*carência*” não estabeleceriam, necessariamente, uma relação de causa-efeito. Parte daí a suposição de que a terminologia “*jovem carente*” vem sendo utilizada em nossa sociedade mais como forma de “*demarcar diferenças*”. No estudo de Zaluar (1994), por exemplo, o termo “*criança carente*” foi definido por professores e estagiários de um programa social esportivo como “*aquela a quem falta tudo, e, por isso, se contenta com qualquer coisa*” (p.38). Fischer [2002], por sua vez, salienta que a mídia se constitui atualmente numa das grandes responsáveis pelos modos de nomear “*os diferentes*” na sociedade. Assim, ao visibilizar à nomenclatura “*jovens carentes*” para designar jovens que se encontram em situação de exclusão social e à margem de grande parte de seus direitos sociais como cidadãos, a mídia ao mesmo tempo em que passa a conferir a estes jovens certo “*reconhecimento social*”, os torna alvo de projetos e programas que visam sua inclusão social e normalização.

⁵ Estimativas referentes a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na qual o indicador de vulnerabilidade social é definido através do percentual de jovens cuja renda familiar *per capita* seja de até ½ salário mínimo (IBGE, [2006]).

infratores; já no que compete a esfera social, exige-se medidas de prevenção e soluções que visem *proteger os jovens em risco*.

Observa-se assim, nesta típica *novela brasileira* intitulada *delinqüência juvenil*, que o sujeito social comumente denominado como “*jovem carente*” assume quase sempre o *papel de protagonista principal* – seja como vítima ou como algoz. As situações de pobreza e vulnerabilidade, responsáveis por torná-los vítimas e ao mesmo tempo algozes da violência, ratificam a cada dia aquilo que Coimbra e Nascimento ([2004]) convencionaram chamar de “*mito das classes perigosas*”. Neste mito, a situação de pobreza representa um duplo aspecto ameaçador, na medida em que se torna um *perigo* ao desenvolvimento e bem-estar destes jovens e, por consequência, os torna potencialmente *perigosos* aos olhos de uma sociedade para quem pobreza e criminalidade parecem estabelecer uma relação de causa-efeito. Neste sentido, as constantes coberturas jornalísticas por parte da mídia acerca de atos delituosos cometidos por “*jovens carentes*”, resultam numa *imagem* e, conseqüentemente, numa significação social na qual lhes são imputadas características tais como a improdutividade e periculosidade.

Sendo assim, frente a uma necessidade que se mostra urgente – promover a inclusão e o desenvolvimento social destes jovens – emerge uma quantidade expressiva de programas e projetos sociais que percebem no esporte um importante aliado para combater ou ao menos minimizar os efeitos das inúmeras mazelas provenientes dos contextos de risco e vulnerabilidade social.

Não somente do ponto de vista social, mas também no que se refere aos aspectos de saúde, educação e assistência, já se tornou lugar-comum o discurso que evoca a importância das múltiplas funções do esporte para a vida destes jovens. A prática de esportes é assim fomentada como uma forma de *preparação para a vida* devido às suas virtudes formativas, tais como desenvolvimento do caráter, da disciplina e da vontade. O aumento vertiginoso na oferta de atividades desportivas para faixas etárias cada vez mais baixas, permite supor que o esporte represente, atualmente, uma das principais (senão a principal) estratégia utilizada na ocupação de tempo livre, não letivo, entre as crianças e os adolescentes na sociedade brasileira.

E ao que parece, este tipo de estratégia não vem sendo adotada exclusivamente no Brasil; trata-se de uma tendência mundial. Estudiosos norte-americanos como Weinberg e Gould (2001) afirmam de modo inequívoco que o esporte é uma das poucas áreas na vida das crianças na qual elas podem participar intensamente de uma atividade que tem conseqüências significativas para elas próprias, para seus amigos, para a família, bem como para a comunidade, de um modo geral. Corroborando tal discurso, Costa (2001) considera que o esporte, se pensado enquanto eixo estruturador de um programa sócio-educativo tende a revelar:

[...] toda sua extraordinária riqueza cognitiva, emocional e social, devido aos importantes benefícios que crianças e adolescentes podem adquirir [...] tais como o desenvolvimento da autodisciplina e da auto-superação, a elaboração de vitórias e derrotas de modo construtivo, a capacidade de tolerar a frustração, de competir com lealdade, superar o individualismo (IBIDEM, p.1).

Este modelo de esporte de caráter utilitário e funcional multivariado enunciado pelos teóricos acima citados (WEINBERG E GOULD, 2001; COSTA, 2001), encontra eco nos discursos que provém da esfera governamental de nosso país. Uma simples busca no portal eletrônico do Ministério dos Esportes, por exemplo, torna-se suficiente para demonstrar que o esporte assume a condição de um *benefício* capaz de *promover qualidade de vida, bem-estar e inclusão social; ocupar o tempo livre; proteger dos perigos das ruas; combater o uso de drogas; ensinar lições de disciplina e formar verdadeiros cidadãos.*

Entretanto, no que se refere ao âmbito estatal, torna-se inusitado não somente o caráter funcional e multivariado atribuído ao esporte, mas em especial o fato desta atividade ser ofertada enquanto um *benefício governamental*, quando se trata antes de um *direito* garantido a todos os cidadãos brasileiros pela Constituição de 1988 e, no que se refere aos jovens de modo específico, resguardado ainda pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) e por grande parte das constituições estaduais e leis orgânicas municipais. Não raras vezes, porém, vemos políticas públicas para o esporte serem alçadas a condição de *benefício* ou *assistência*, que denotam ‘no mínimo’ falta de clareza quanto ao *dever social* que remete ao Estado.

Em resposta a esta falta de clareza envolvendo o que é direito, benefício e assistência nas políticas sociais, importante se faz assinalar a crítica contundente efetuada pela antropóloga Alba Zaluar (1994) para quem a cultura política brasileira de um modo geral tem, ao longo dos anos, se caracterizado “por um enorme hiato e incongruências entre o ideal e o real, entre a teoria e a prática” (p.19), através do qual “benefícios sociais tornaram-se mercadorias e não bens coletivos e universais disponíveis a todos” (p.29). Partilhando da mesma opinião no que se refere aos projetos sociais esportivos, considero pertinente alertar para alguns *pontos obscuros* capazes, a meu ver, de pôr em cheque a legitimidade de algumas funções atribuídas ao esporte com tamanha naturalidade que conduzem à noção da existência de uma *essência positiva* que o constitui.

Podemos ser acometidos por uma ligeira sensação de *estranheza* ao atentarmos para o fato de que, certos slogans do tipo “*esporte é vida*” ou “*esporte é saúde*” (tão freqüentemente enunciados por parte da mídia e/ou por profissionais da área da saúde) parecem ignorar *solenemente* o fato de que milhares de pessoas (atletas ou não) sofrem diariamente sérias lesões, acidentes e/ou mesmo adquirem doenças em decorrência da prática de esportes, acabando por ter suas vidas limitadas social e/ou profissionalmente.

Seria legítimo afirmarmos, por exemplo, que o esporte que serve de ferramenta no combate às drogas é o mesmo que acaba por vitimar inúmeros atletas que, na busca incessante e desenfreada pelo sucesso e pelos altos rendimentos, fazem *uso* e *abuso* de substâncias psicoativas?

A respeito do uso e abuso dessas substâncias no meio esportivo, creio que caiba aqui uma reflexão pormenorizada, ainda que já não cause nenhum espanto o fato de que, há décadas, drogas que melhoram o desempenho vêm sendo desenvolvidas em laboratórios e usadas por esportistas em nível mundial. Resultados obtidos em pesquisa⁶ realizada por estudiosos norte-americanos com 198 atletas olímpicos ou aspirantes olímpicos (WEIBERG E GOULD, 2001) revelam dados surpreendentes e, de certo modo, assustadores. Ao serem questionados sobre uma situação hipotética em que lhes era

⁶ Tais resultados são aqui trazidos com a expressa ressalva de se tratarem de atletas norte-americanos e, portanto, quaisquer analogias com a realidade brasileira não deverão ser tomadas como inferência lógica.

oferecida uma substância potencializadora do desempenho com duas garantias: *(a) a de que não seriam apanhados* e *(b) a de que venceriam a competição*, 195 esportistas afirmaram que usariam tal substância (representando assombrosos 98%), sendo que apenas três atletas responderam que rejeitariam tal substância. Ainda mais chocantes foram as respostas obtidas frente a uma segunda situação, onde seria igualmente oferecida aos atletas uma substância potencializadora do desempenho proibida, mas agora com as seguintes garantias: *(a) a de que não seriam apanhados*, *(b) a de que venceriam cada competição da qual participassem pelos próximos cinco anos*, e *(c) de que após isso morreriam em função dos efeitos colaterais provocados por esta substância*. Em resposta a esta segunda situação, 120 dos atletas revelaram que ainda assim aceitariam usar tal substância (representando 60%) enquanto 75 atletas disseram que se negariam a usá-la.

Diante de tais resultados, somos levados a concluir – contra o próprio bom senso – que nem mesmo a ameaça de morte representa elemento suficientemente coercitivo para coibir o uso de drogas, desde que a melhoria do desempenho, a obtenção do resultado e evidentemente a vitória estejam asseguradas. Esta tendência, embora perversa sob diversos aspectos, pode explicar alguns dos motivos pelos quais, a despeito dos efeitos psicológicos e fisiológicos negativos gerados por este tipo de substância, seu uso insiste em manter-se em alta no meio esportivo.

Restando pouco a fazer para fugir de um colapso que já se torna evidente, impõem-se algumas indagações: Estaríamos nós diante de indícios que remontam a um processo de degradação de valores éticos a incidir na esfera esportiva? Seriam indícios de um movimento de degradação de abrangência ainda maior a atingir nossa sociedade?

Sob a perspectiva de estudiosos como o antropólogo Gilberto Velho ([2000]), em um país como o Brasil – onde o capitalismo contemporâneo impõe a cada dia através dos meios de comunicação sua visão de mundo materialista e individualista de sucesso, a despeito de que boa parte da população não possui meios lícitos para atingi-lo – a transgressão às normas e o uso de táticas e estratégias menos límpidas e honestas passa a constituir-se para muitos na única saída possível e imaginável (VELHO, 2000).

O desejo de vencer a qualquer preço e de qualquer maneira é visto por Zaluar (1994) como um mal que ameaça não apenas a esfera do esporte, mas a sociedade como um todo. Para a autora, vivemos um estado de confusão tão grande entre meios e fins a tal ponto que os meios passaram a justificar ou tornar-se o próprio fim.

Com opinião semelhante, Rubio (2006) se faz valer das idéias de Brohm (1995), para justificar seu posicionamento de que esta lógica de valorização extrema do resultado esportivo, bem como o culto à *hipercompetitividade* (o todos contra todos), à busca incessante pelo recorde e superação de limites – numa *idolatria do êxito a qualquer preço* – seriam *sintomas* apresentados por indivíduos inseridos numa sociedade *em crise prolongada*. Ao invés de uma crise nas instituições esportivas como se poderia pensar, a autora sugere uma *crise social*, segundo ela desencadeada por uma multiplicidade de fatores. Isso incluiria aspectos econômicos, espirituais e ideológicos. Os sintomas decorrentes desta crise, denominados como *tendências mortíferas e suicidárias*, circulariam por meio de impacto midiático, sendo assim absorvidos pelos indivíduos e pelas instituições esportivas.

Não obstante a isto, no que se refere aos efeitos do chamado impacto midiático, pode-se ressaltar ainda o fato de que a constante visibilização por parte da mídia de uma imagem de esporte associada à idéia de um *trampolim* para a obtenção do sucesso e ascensão social e econômica por parte de jovens pobres, pode tornar-se um agravante neste quadro social já suficientemente caótico. Os resultados de um estudo sobre o impacto da mídia na construção e circulação de repertórios discursivos na sociedade contemporânea (MEDRADO, 1999) demonstram que, em face da afluência de público, os efeitos dos veículos midiáticos sobre o cotidiano das pessoas tornam-se inevitáveis, acarretando em transformações substanciais na forma como se produzem sentidos e posicionamentos diante de fenômenos sociais na atualidade.

O poder de *dar visibilidade aos fatos* permite à mídia disseminar de modo global e em tempo real – explícita ou subliminarmente, de modo intencional ou não – discursos de caráter hegemônico que ecoam da transversalidade de vozes dos mais variados interlocutores, provenientes de segmentos sociais distintos e representando os mais variados e difusos interesses; discursos estes que passam muitas vezes a se constituir em

*regimes de verdade*⁷ ditando regras e determinando valores na sociedade contemporânea.

No caso específico do esporte, é bem conhecido o modo como temos sido constantemente interpelados por imagens e depoimentos de atletas bem sucedidos economicamente, vigorosos e saudáveis que passam a inundar nossa visão com um modelo de esporte (ou talvez fosse mais correto falar em um *esporte-modelo*) meio do qual são encobertos todos e quaisquer vestígios capazes de remeter a existência do processo de degradação social de caráter ético, conforme anteriormente comentado.

Através de um jogo de imagens e mensagens, com conteúdos quase sempre doutrinários e reforçadores do que poderíamos chamar de um *modelo angelical ou salvacionista*⁸ de esporte, constroem-se realidades perante espectadores atônitos que parecem assistir a tudo cada vez menos com seus próprios olhos e mais através das lentes pouco isentas dos programas televisivos e propagandas publicitárias.

Apenas em caráter de ilustração, tomemos como exemplo uma campanha recentemente veiculada pela mídia⁹, alusiva aos Jogos Pan Americanos realizados no Brasil em 2007, onde vários atletas de reconhecido talento no âmbito nacional eram mostrados praticando atitudes de cordialidade e solidariedade em situações cotidianas, redundando ao final no seguinte slogan: ***“No esporte você ganha valores que fazem diferença para você e para a sociedade. O esporte ensina lições para a vida toda. Pratique esportes!”***

Agora imaginemos se ao invés disto fossem veiculadas pela mídia cenas com atletas igualmente *consagrados* desferindo cotoveladas ou cusparadas em seu adversário; imagens dos cenários de guerra protagonizados por torcidas adversárias; vídeos com manifestações de racismo em estádios de futebol, utilizando ao final o mesmo slogan acima referido. Não pareceria um tanto insano, ainda que reproduzissem flashes de realidade? Em última análise: será que o esporte que ensina lições de ética,

⁷ Termo usado por Foucault – remete a tudo aquilo que muitos dizem, acreditam e repetem sem maiores questionamentos, aparecendo de modo regular em diferentes discursos numa dada sociedade (Foucault, 1996).

⁸ O termo salvacionista será utilizado no sentido de criticar um modelo de esporte que se apresenta como uma espécie de messias salvador, capaz de fazer libertar de toda e qualquer mazela social.

⁹ Alguns episódios desta campanha integram o *corpus* de análise deste estudo.

responsabilidade, disciplina e obediência às regras é o mesmo que faz milhares de pessoas vibrarem numa partida de futebol com aquele gol de mão e em situação de impedimento, ocorrido aos 47 minutos do segundo tempo e que só o juiz não viu? Seriam estes exemplos de diferentes faces de uma mesma moeda?

As reflexões até aqui compartilhadas são parte de algumas inquietações e questionamentos que surgiram em minha experiência pregressa como atleta e que foram recentemente [re]suscitados por intermédio de minha atuação como psicóloga junto a projetos sócio-desportivos direcionados a “*jovens ditos carentes*”, moradores de favelas do Estado do Rio de Janeiro. Convivendo diariamente com o cotidiano destes projetos, passei a ouvir um *discurso* uníssono, uma espécie de *slogan* de parte de gestores, educadores e demais profissionais do setor; slogan este que, com o passar do tempo, soava como um *mantra*¹⁰ aos meus ouvidos: “*Nosso objetivo não é formar atletas, mas sim formar cidadãos*”. A cada projeto ao qual visitava este *mantra* ia sendo repetido de modo quase linear, o que em certa medida começou a causar-me *estranhamentos* e certo grau de perplexidade. Pensava: Mas afinal, que *tipo de cidadão* se quer *formar* através do esporte? E que *tipo de esporte* servirá para formar o *tipo de cidadãos* que se quer?

Partindo de tais experiências e motivada por sentimentos de insatisfação pessoal tanto frente a este modelo de esporte (ou esporte-modelo) que aí está posto, bem como quanto aos rumos que as políticas sociais brasileiras que dele se utilizam têm tomado, venho propor através deste estudo um convite à reflexão e problematização desta noção hegemônica de esporte que tem *permeado mentes e movido práticas cotidianas*.

O mote central para a realização deste estudo se inscreve, portanto, no plano das produções discursivas que evocam as utilidades do esporte para a vida dos “*jovens carentes*”. Sua proposta consiste, sobretudo, em descrever e tomar em análise os discursos que emergem de diferentes campos de saber, enunciados por diferentes vozes, e que se

¹⁰ De acordo com os fundamentos filosóficos budistas, um *mantra* ou *fórmula mântrica* são sons vocálicos, puros ou combinados, passados dos mestres aos discípulos. Costumam ser verbalizações secretas de poder, transmitidas como fórmulas rituais particulares ou de domínio geral, aplicados à coletividade, especialmente em prol da paz ou saúde do planeta. Considerados sílabas místicas, os *mantras* são entoados como uma espécie de oração que, ao ser repetida, fixa a mente sobre uma idéia ou pensamento. Assim, a função de um mantra é calar a mente que teria a tendência a pensar e raciocinar o tempo inteiro. Informações disponíveis em: <http://www.dharmamet.com.br/vajrayana/mantra.htm>.

proliferam em nossa sociedade contemporânea na medida em que são captados, reproduzidos e disseminados por uma diversidade de produções midiáticas e fontes informativas – tais como programas televisivos, jornais, sites da internet, documentos oficiais, textos acadêmicos.

Com base em tudo que vimos até aqui, suspeito que minha postura reflexiva (e, sob certos aspectos, passível de ser considerada *demasiadamente* crítica) em relação ao fenômeno esportivo na atualidade possa – à primeira vista *insinuar* que este estudo advoga em causa contrária à prática e/ou ensino do esporte no âmbito das políticas sociais para crianças e adolescentes.

Neste sentido considero pertinente ressaltar, em que pese à adoção de uma perspectiva de reflexão, problematização e desnaturalização de algumas *verdades* e saberes hegemônicos acerca do esporte, que não será proposta desta pesquisa a simples desconstrução de sua imagem, de modo a conduzi-lo do papel de herói a vilão da mesma história. Particularmente, entendo como *mais do que justo* considerar que esta imagem construída de esporte em muito se deve a méritos adquiridos legitimamente por esta atividade de origem milenar que *agrega* e *congrega*, até os dias atuais, milhares de pessoas em torno de sua causa. Entendo que tal fato seria, por si só, suficiente para legitimá-lo enquanto patrimônio social e cultural da humanidade, sem a necessidade de torná-lo mero objeto passivo de processos de *purificação* e *normatização* aos quais vem sendo constantemente submetido.

De todo modo, o mérito reconhecido não se constitui (a menos a meu ver) em justificativa plausível para que nos furtemos em refletir sobre os efeitos decorrentes deste processo de *blindagem* que cerca o fenômeno esportivo atual, e impede a identificação dos pilares que dão sustentação a esta imagem de esporte *encapsulada* em contornos de bondade, que nos é ofertada *embrulhada para presente*.

Um dos desafios a que esta pesquisa irá se propor, no que se refere ao âmbito político, será o de confrontar a debilidade de certos discursos, questionando-se o atual paradigma que rege as políticas sociais para o esporte ancorado em vícios clientelistas e assistencialistas. Para Franco (2004, p.13), são estes discursos que, estando a serviço de interesses de ordem político-partidária, financeira e/ou *marketeira* tornam-se, no mínimo,

co-responsáveis para que os tradicionais programas sociais voltados à pobreza em nosso país “(...) *se alimentem da pobreza, alimentem a pobreza e mantenham a pobreza (...)*”.

Por acreditar que mudanças nestas políticas far-se-ão possíveis na medida em que o caminho esteja aberto para uma nova compreensão do fenômeno esportivo – contemplado sob suas mais variadas nuances – este estudo propõe uma re-construção conjunta de saberes. Assim, penso ser possível questionar algumas das visões românticas, moralistas e/ou compensatórias associadas ao esporte, visões estas que acabam por se constituir em entraves ao desenvolvimento de políticas sócio-desportivas capazes de *efetivamente* fazer frente a grande parte dos problemas a que se propõem.

Um segundo desafio, agora no que diz respeito ao âmbito científico acadêmico, refere-se à busca por promover uma maior aproximação entre as áreas da psicologia social e do esporte visando suprir (ainda que minimamente) a escassez de estudos que, partindo da perspectiva da psicologia, contemplem o esporte na interface com problematizações sociais. Muito embora precursoras da área como Kátia Rúbio (2002) venha defendendo a idéia de que se faz urgente e necessário um amplo debate sobre a função e o papel da Psicologia do Esporte – que passa inevitavelmente pela discussão do modo como tem sido construído e explorado o imaginário esportivo na atualidade – é notório o fato de que a psicologia esportiva pouco tem declinado sua atenção ao estudo do esporte numa perspectiva social. Basta perceber que boa parte das pesquisas e publicações em psicologia esportiva vem contemplando prioritariamente os chamados esportes de alto rendimento.

Atualmente, a presença de psicólogos(as) trabalhando junto a atletas e equipes competitivas, ainda que esteja muito aquém das demandas do meio esportivo e das expectativas dos próprios profissionais da área *psi* – parece ser vislumbrada como o *lugar* por excelência para sua atuação. Repensar as implicações desta forma de atuação, afastando-se de um modelo voltado para as habilidades individuais e buscando uma maior aproximação com a Psicologia Social, mostra-se uma importante via para o efetivo estabelecimento da Psicologia Social Esportiva defendida por Rubio (2002), que poderá representar um campo novo e promissor a ser desbravado e encarado *sim* como *lugar de psicólogos(as)*.

Da adoção do referencial teórico e das estratégias de pesquisa

Na medida em que, tendo abdicado de me guiar por um projeto *a priori*, já não podia contar com a pretensa segurança que um mapa com caminhos bem definidos pudesse inicialmente me trazer, entendia necessário *assegurar-me* (apoiar-me, precaver-me) através da escolha apropriada de autores para a interlocução teórica¹¹ do estudo, bem como em algumas estratégias metodológicas que permitissem movimentar-me com certo grau de autonomia e liberdade no campo de estudo das análises discursivas.

Desde uma etapa prévia de *garimpo*¹² por elementos que se prestassem à estratégia de análise que pretendia empreender, indícios já apontavam para a seguinte constatação: apesar dos diferentes campos que se articulavam para falar da função do esporte para a vida dos chamados “*juvens carentes*” (campo da educação, da saúde, da política, do jornalismo, etc.) e da amplitude de dispersão destas falas em diferentes fontes informativas (jornais, TV, sites de internet, documentos), no que se referia ao ‘conteúdo’ tais falas ou discursos mantinham certa ‘regularidade’. Evidenciava-se um padrão discursivo (beirando uma unanimidade) que conferia ao esporte funções e valores quase que exclusivamente positivos no que se referia a formação integral destes jovens.

A esta altura da estruturação da pesquisa, me convinha [re]pensar sobre quais ferramentas teóricas e metodológicas me permitiriam problematizar uma configuração discursiva fortemente impregnada de caráter de verdade. Indagava a mim mesma: Como propor a desnaturalização de saberes e verdades tão presentes em nossa vida cotidiana se, como bem já me alertara Marilena Chauí (1999, p. 3), somos todos constantemente impregnados por “crenças silenciosas”, que se sustentam na “aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias?”.

¹¹ Cabe ressaltar que, com o uso do termo interlocução teórica visou contrapor as técnicas clássicas de utilização de autores como sustentáculos de verdades, como tentativas inócuas de re-escrever aquilo que consideramos que este ou aquele autor quis dizer. Compartilhando do entendimento de Moraes (2007), assumo o termo interlocução teórica como o “intercambio de idéias” a partir do qual utilizei os argumentos de diferentes autores como forma de sustentar argumentos que me são próprios.

¹² Desta etapa de sondagem dos materiais (de caráter genérico e aleatório), apenas alguns – escolhidos em razão de seu significante – vieram a constituir o *corpus* definitivo de análise deste estudo.

Pois foi a própria autora que tanto me *descolocava* ao longo da leitura de “Convite à filosofia” que me propôs um outro tipo de posicionamento perante as evidências e as verdades, posicionamento este que a meu ver, tornou-se uma ferramenta indispensável para fazer *estilhaçar* certas “verdades” acerca do esporte, que já soavam quase naturais e óbvias aos meus ouvidos: refiro-me a “*atitude filosófica*”. Tal atitude pressupõe, segundo a autora, a decisão de tomar distância da vida cotidiana e de si mesmo, por meio de indagações sobre as crenças e sentimentos que alimentam, de modo silencioso nossa existência. Ao adotar esta atitude de distanciamento (que em nada tem a ver com aquele distanciamento pregado em prol da dita *neutralidade científica*) passamos a interrogar a nós mesmos, a partir do desejo em conhecer por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Atitude de distanciamento esta que entendo como aplicável à atividade de pesquisa na medida em que nos afasta de uma posição essencialista sobre nós mesmos, e por conseqüência de nossas crenças e saberes, possibilitando-nos outros modos de aproximação com nosso objeto e campo de estudo. Interessa-me, acima de tudo, tomar por empréstimo da autora sua compreensão peculiar do que seja filosofia:

[...] a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido (CHAUÍ, 1999, p. 4).

A adoção deste tipo de atitude, a meu ver, permitiria fazer frente a um padrão de discursividade legitimado socialmente. Por outro lado, já sob influência das leituras que fazia de um *outro filósofo*, me sentia cada vez mais disposta a compreender a complexidade das dinâmicas de saber e poder que supúnhamos (o filósofo e eu) formar uma espécie de *base de sustentação* para este padrão de discursividade que nitidamente buscava naturalizar o esporte enquanto uma atividade dotada essencialmente de valores positivos.

Este *outro filósofo* ao qual me refiro é Michel Foucault (1926 – 1984), pensador francês pelo qual fui interpelada, em diferentes momentos durante o curso de mestrado, e

que a mim se impôs *não somente* em termos conceituais, mas *principalmente* por sua atitude filosófica, seu modo de pensar e fazer pesquisa.

O uso em pesquisa da análise discursiva numa perspectiva *dita foucaultiana* não se constitui em tarefa fácil, haja vista a complexidade que envolve imergir no seu mundo de idéias intrigantes. Tal complexidade torna-se evidente diante dos constantes esforços de autores ditos foucaultianos em sistematizar sua obra, dividindo-a mais freqüentemente em três diferentes fases – *arqueológica, genealógica e ética* – ou ainda procurando fragmentar seu pensamento em termos de diferentes domínios – *ser-saber, ser-poder e ser-consigo* – seja por questões de ordem cronológica ou mesmo de ordem didática (VEIGA-NETO, 2004).

A intempestividade de seu modo de pensar e o viés paradoxal através do qual Foucault costumava esquadrihar seus objetos de estudo, são aspectos que revelam seu descompromisso para com essências e verdades universais e, ao mesmo tempo, possibilitam ao pesquisador que o toma como inspiração “(...) a construção de uma metodologia própria, com um amplo grau de liberdade (...)” (CARNEIRO, 1999, p.188) e “(...) com um horizonte aberto de possibilidades (...)” (VEIGA-NETO, 2004, p.41).

Foucault compreendia a filosofia como uma prática de pensarmos sobre o próprio pensamento. A ele interessava mais perguntar do que responder sobre *os caminhos* que nos levaram a aceitar e acreditar que isso ou aquilo se constitui, num determinado momento histórico, numa verdade a ser admitida e proclamada. Isto implica uma atitude completamente avessa à busca de qualquer tipo de *certeza pronta, de verdades permanentes, de princípios universais* (VEIGA-NETO e GALLO, 2006).

Ainda que não tenha detido seu olhar analítico a temáticas relacionadas especificamente ao *fenômeno esporte*, o modo como Foucault analisou as instituições e as relações de saber-poder tendo como principal alvo investigativo o discurso – elemento central na construção dos saberes, das verdades e dos sujeitos sociais – deixa aberta uma via através da qual se torna possível transitar e refletir sobre tal questão (FOUCAULT, 1988).

É importante frisar que Foucault, na medida em que não ateuve seus estudos a um campo específico de saber, evitando vínculos mais efetivos a uma determinada corrente

epistemológica, transitou livremente por campos de saber distintos tais como a filosofia, a história, o direito, a sociologia, a lingüística, a literatura, entre outros. Sua produção teórica, não estando circunscrita a uma única área de saber constitui-se, na visão de Veiga-Neto e Gallo (2006) como uma espécie de *pensamento transversal*, um exercício autenticamente *transdisciplinar*, cuja temática gravita ao redor da constituição do sujeito moderno, tomado enquanto uma produção histórica. Uma história que, por sua vez, é constantemente desnaturalizada por parte do filósofo, a partir da compreensão de que *objetos e sujeitos* não existem em essência por si mesmos.

Seguindo numa mesma direção em termos conceituais, busquei apoiar-me ainda em algumas importantes contribuições fornecidas pela autora e pesquisadora Rosa Fischer, que pautada nas idéias do mesmo filósofo e pensador, entende por sua vez, o discurso enquanto um *acontecimento*, ligado a um certo regime de verdade e diretamente relacionado à constituição de sujeitos individuais e sociais. Conforme a autora:

[...] tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente. [...] Ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas as relações de poder, que as supõem e as atualizam (FISCHER, 1996, p.103).

No que se refere à importância atribuída por Foucault à história, a autora chega a considerá-lo quase um *teimoso*, na medida em que se encontra presente em quase toda a sua obra a “afirmação e reafirmação de que os discursos são sempre históricos”, não somente pelo fato de que se constroem num determinado tempo e lugar, mas devido a sua *positividade concreta* – ou seja – por estarem *vivos* nas instituições e numa infinidade de práticas, técnicas, procedimentos que, por sua vez, “agem nos grupos sociais, nos indivíduos, sobretudo nos corpos” (IBIDEM, 1996, p.55).

Como forma de melhor abranger e/ou espreitar os objetos aqui estudados, esta pesquisa transita, a exemplo dos estudos de Foucault, por campos de saber distintos (ainda que, a meu ver, nem tão distantes) como são o caso da psicologia, políticas sociais, esporte, e mídia em sua intersecção com a constituição dos sujeitos “*jovens carentes*”. Para tanto, será adotada a estratégia da análise de discursos.

Numa breve retomada, pode-se dizer que a análise de discursos teve origem numa postura crítica perante as ciências sociais tradicionais partindo da convicção de que todo conhecimento é socialmente construído, ou seja, de que nossos modos atuais de compreensão do mundo são datados histórica e culturalmente, na interdependência com os processos sociais. Desta convicção surgiu o compromisso em explorar como as construções sociais (de fenômenos, problemas sociais ou de sujeitos) estão ligadas a ações ou práticas sociais. A noção de construção discursiva remete ao uso construtivo da linguagem como um aspecto significativo da vida social a permear o modo como lidamos com o mundo – sendo o discurso compreendido como uma *prática social* na medida em que pressupõe uma orientação à ação e uma orientação funcional. A ação e função do discurso estão circunscritas a um contexto interpretativo (onde e quando ele é evocado, quem o enuncia e a quem se destina) e isto implica dizer que uma análise discursiva pressupõe simultaneamente uma análise do contexto interpretativo (GILL, 2002).

Tomando o conceito de discurso enquanto “práticas” que, permeadas por relações de poder, acabam por formar “os objetos de que falamos” (FOUCAULT, 2000, p.56) a análise buscará compreender e descrever de que modo as produções discursivas que circundam o universo dos projetos sociais esportivos buscam atribuir sentidos e significações ao esporte. Buscar-se-á analisar, ainda, os sentidos que, por consequência, são atribuídos aos “*juvens carentes*”, visando compreender os modos a partir dos quais os mesmos passam a produzir a si próprios por meio de sua participação nestes projetos.

Acerca disto, creio ser possível tomar de empréstimo o conceito e a definição de “*dispositivo pedagógico da mídia*” empregada por Fischer (2000, p.115) para, no âmbito deste estudo, aplicá-la por extensão – e de modo bastante específico – ao esporte. Com base em resultados de recentes pesquisas sobre a temática *televisão e educação*, Fischer desenvolveu tal conceito, concebido e pensado a partir das idéias e mais especificamente de dois dos conceitos de Foucault: o de *dispositivo de sexualidade* e o de *modos de subjetivação*.

Através do conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” a autora visa discutir a multiplicidade e complexidade das questões que permeiam as formas de produção de sentidos e sujeitos na cultura contemporânea e explicar, de forma específica, o modo pelo

qual a mídia opera efetivamente na constituição de sujeitos e de subjetividades na sociedade contemporânea, por meio da produção de “imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p.153). Para ela, a mídia se faz pedagógica na medida em que lança mão de todo um aparato de “técnicas e estratégias de interpelação dos sujeitos”, aparato este “discursivo e ao mesmo tempo não-discursivo a partir do qual haveria formas muito particulares de produção do sujeito contemporâneo” (IBIDEM, 2002, p. 85).

De minha parte, entendo que ao proceder a uma análise do esporte que busque contemplar os diferentes “usos” (uso pedagógico, social, publicitário, assistencial e até mesmo político) através dos quais ele tem sido constantemente (e até insistentemente) visibilizado no cenário contemporâneo, torna-se possível trabalhar com a seguinte *hipótese conceitual*, tomando como base o conceito de “dispositivo pedagógico” descrito por Fischer (2002): a de que a veiculação através da mídia de imagens, discursos e mensagens acerca do esporte, assim como as práticas esportivas realizadas no âmbito dos projetos sócio-esportivos, constituem-se em estratégias e técnicas de interpelação que visam influir no processo de formação e subjetivação de uma categoria específica de sujeitos, neste caso os ditos “*jovens carentes*”.

A partir das concepções e supostos teóricos até aqui apresentados, as questões que nortearam este estudo foram as seguintes:

- Como, na atualidade, são construídos e visibilizados saberes acerca da função social do esporte para a vida dos sujeitos denominados “jovens carentes”?
- Como se constroem, em diferentes momentos históricos (e em diferentes culturas), redes de poder/saber que enunciam discursos acerca do esporte numa perspectiva sócio-educativa?
- De que modo aspectos de caráter social, histórico, cultural político e/ou econômico, articulam-se na transversalidade destes discursos, possibilitando que os mesmos assumam contornos de “verdade”?

NOTAS OPERACIONAIS: DO *CORPUS* E DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Corpus de Análise:

Eleger como objeto de caça aquilo que se fala no cotidiano a respeito da função do esporte para a vida dos *“jovens carentes”* significou a demarcação de um campo investigativo bastante amplo, composto por um mosaico do qual fazem parte diferentes campos de saber. Era preciso, portanto, simplificar, proceder algumas escolhas e eleger os materiais que iriam compor o *corpus* de análise.

Tendo em vista que o presente estudo, apoiado num referencial pós-estruturalista, se propôs a adotar uma estratégia de análise baseada na transversalidade discursiva – através da qual se busca a regularidade dos discursos em diferentes fontes informativas – o *corpus de pesquisa*¹³ foi construído por elementos multivariados (numa espécie de bricolagem) levando-se em conta as linhas de conexão supostamente existentes entre eles. Sendo assim, para a seleção dos materiais, partiu-se do entendimento de que,

[...] às vezes não é um documento ou uma série específica de documentos que importa, mas a presença ubíqua de uma temática em documentos distintos que serve como sinal para a desfamiliarização inicial (SPINK, p. 1999, p.142).

A composição final do *corpus* de análise efetivou-se por meio de diversos materiais extraídos da mídia eletrônica, bem como de documentos oficiais considerados de *domínio público*, que na visão de Peter Spink (1999, p. 136) são:

[...] produtos sociais tornados públicos. Eticamente estão abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização. Podem refletir as transformações lentas em posições e posturas institucionais assumidas pelos aparelhos simbólicos que

¹³ *Corpus* de pesquisa pode ser entendido como um conjunto limitado de materiais variados, escolhidos em razão de sua função simbólica, determinados de antemão e de modo proposital pelo pesquisador-analista e sobre o qual o trabalho será feito. (Bauer e Aarts, 2002).

permeiam o dia-a-dia ou, no âmbito das redes sociais, pelos agrupamentos e coletivos circulantes assumidas ou advogadas.

Passo a apresentar, a seguir, os veículos midiáticos que se constituíram em fonte para coleta de dados, bem como os documentos dos quais foram extraídos os produtos finais que compuseram o corpus de análise desta pesquisa:

1. O site de um projeto social esportivo: o “Programa Segundo Tempo”

Do Site Institucional do Programa Segundo Tempo - <http://www.esporte.gov.br/segundotempo> - cujo domínio pertence ao Ministério do Esporte – foram extraídos e analisados um total de 45 produtos¹⁴, veiculados ou publicados no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2006¹⁵. O principal objetivo da escolha deste veículo foi fazer um acompanhamento sistemático daquilo que era apresentado como notícia a respeito do programa sócio-esportivo desenvolvido por iniciativa do Governo Federal (e, portanto, considerado de ampla abrangência e visibilidade em nível nacional) em um ano especialmente marcado por eventos significativos nas esferas política e esportiva brasileira: as eleições gerais e a preparação do Brasil para sediar os Jogos Pan-Americanos.

Contextualizando brevemente, o Programa Segundo Tempo foi criado oficialmente no ano de 2003, sendo que contava (no recorte de tempo estipulado pela pesquisa) com um total de 3.073 núcleos instalados em 870 municípios brasileiros, com meta de

¹⁴ Ver quadro demonstrativo apresentado na página 92.

¹⁵ Este foi o recorte temporal pré-estabelecido como critério para seleção dos materiais midiáticos que compuseram o *corpus* de análise. Tal recorte foi estabelecido tendo em vista a intenção de abranger, de forma bastante ampla, tanto o período pré-eleitoral (das eleições realizadas em 2006), quanto o período Pré-Pan-americano (realizado em 2007 no Brasil). Partiu-se da suposição de que estes eventos, tanto no que se referia ao programa social quanto a mídia televisiva – devido à sua relevância no contexto brasileiro – teriam repercussões (implícitas e/ou explícitas) nos matérias analisados. E pelo que poderá ser constatado a partir das análises, tal recorte pode ser considerado representativo de um período marcante no que se refere ao fenômeno esportivo brasileiro, na medida em que a preparação aos jogos pan-americanos foi precedida por um “*bombardeio*” de informações esportivas por parte da mídia. Um dado interessante que veio diretamente ao encontro das supostas repercussões que os Jogos Pan-americanos teriam no contexto midiático refere-se a um “convenio” assinado entre o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o Comitê Organizador dos Jogos Pan-americanos RIO 2007 (CO-RIO) e as Organizações Globo. Por meio da celebração deste convênio, cuja meta seria “aproveitar a mobilização em torno do RIO-2007 para usar o esporte como fator de integração e desenvolvimento social”, as empresas de mídia Globo se comprometeram a dar “ampla cobertura” a tudo que cercasse o evento, assegurando grande visibilidade para o RIO-2007 em suas várias plataformas de mídia. (na sessão de anexo deste estudo pode ser lida a matéria “Globo, COB e CO-RIO firmam convenio”).

atendimento total correspondente a 1.262.406 jovens. O Programa é dirigido a crianças e adolescentes, todos matriculados nos níveis de ensino fundamental e médio do sistema de educação pública do País, com prioridade de atendimento aos jovens cujas escolas localizem-se em áreas consideradas de *risco social*¹⁶.

A estratégia de implantação e funcionamento dos núcleos esportivos se dá através da descentralização de recursos federais, por meio de parcerias de cooperação técnica, abrangendo assim dentre seus *parceiros* tanto Órgãos Governamentais quanto Organizações Não-Governamentais (ONGs) e demais entidades da sociedade civil (TCU, 2006). Os principais objetivos deste projeto, de acordo com as Diretrizes e Orientação do Programa Segundo Tempo (DOPS), estão contidos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Principais objetivos elencados pelo Programa Segundo Tempo

Objetivos do Programa Segundo Tempo:
1. Promover a difusão do conhecimento e conteúdo do esporte;
2. Oferecer a prática esportiva de qualidade;
3. Despertar a consciência da prática esportiva como atividade necessária ao bem estar individual e coletivo;
4. Contribuir para o desenvolvimento humano, em busca de qualidade de vida;
5. Contribuir para com o processo de inclusão educacional e social;
6. Garantir recursos humanos qualificados e permanentes para coordenar e ministrar as atividades esportivas;
7. Promover hábitos saudáveis para crianças, adolescentes e familiar-higiene, saúde e de alimentação;
8. Estimular crianças e adolescentes a manter uma interação efetiva em torno de práticas esportivas saudáveis orientadas ao processo de desenvolvimento da cidadania;
9. Contribuir para ampliação das atividades educacional, visando um caráter de educação permanente e integral por meio do esporte;
10. Contribuir para redução do tempo de exposição de crianças e adolescentes a situações de risco social (violência, trabalho infantil e fome);
11. Apoiar as ações de erradicação do trabalho infantil;
12. Contribuir com o processo de diminuição dos índices de evasão e repetência escolar da criança e do adolescente;
13. Apoiar a geração de emprego e renda pela mobilização do mercado esportivo nacional;
14. Implementar indicadores de acompanhamentos a avaliação do esporte educacional;
15. Obter reconhecimento nacional e internacional do Programa.

Fonte: DOPST, [2006], p.7.

¹⁶ No âmbito do programa analisado, o termo *risco social* englobaria "(...) todas as situações que expõem a vida de crianças e jovens a perigo constante" (BRASIL, [2006], p.19).

Dentre os materiais analisados no âmbito deste programa social, se inclui o Relatório de Avaliação do Programa Segundo Tempo, publicado e editado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), no ano de 2006. O documento é fruto de uma auditoria realizada no exercício de 2005, e cujo principal objetivo era o de apurar em que medida as ações implementadas no projeto estariam colaborando para o alcance dos objetivos pretendidos.

II. O site de uma emissora de televisão – o “Portal de Notícias G1”

Do endereço eletrônico – <http://www.g1.globo.com/esportes> – de domínio da Rede Globo de Televisão – foram extraídos e analisados, ao todo, 28 produtos televisivos veiculados na grande mídia e na mídia esportiva – todos em formato *on-line*¹⁷ - dentre os quais se incluem os seguintes gêneros jornalísticos: notícias, reportagens e vinhetas. Destes materiais, cinco em especial¹⁸ referem-se a uma campanha de conscientização (de iniciativa da Rede Globo) alusiva aos Jogos Pan Americanos que, por meio da utilização da imagem de atletas consagrados nacionalmente, tinha como objetivo relacionar o esporte a valores que auxiliem na melhoria da sociedade e na transformação social. Os demais 23 produtos referem-se a reportagens veiculadas em telejornais e programas esportivos do sistema globo de emissoras (de canal aberto e fechado) distribuídos e categorizados conforme os quadros que seguem:

Quadro 2 – Mídia Esportiva (programas esportivos de canal aberto)

Nome do programa	Abrangência/freqüência/horário
<i>Esporte Espetacular</i>	Nacional, semanal, aos domingos pela manhã;
<i>Globo Esporte</i>	Nacional, diária, do meio-dia e meia à uma da tarde

¹⁷ O termo *Online* ou *on-line* é considerado um anglicismo, ou seja, uma palavra proveniente do inglês e usada em português devido à necessidade de designar objectos ou fenômenos novos, para os quais não existe designação adequada na nossa língua. A tradução literal para o português deste termo que se popularizou com o advento da Internet seria "em linha", mas com o significado mais claro de "ao vivo", "conectado" ou "ligado". No contexto de um web site ou portal de notícias, como é o caso, significa estar disponível para acesso em tempo real.

¹⁸ Ver quadro demonstrativo apresentado na página 89.

Quadro 3 - Mídia Geral (telejornais e programas de canal aberto)

Nome do programa	Abrangência/freqüência/horário
<i>Jornal Nacional</i>	Nacional, de segunda a sábado, às 20:00 hs;
<i>Jornal Hoje</i>	Nacional, de segunda a sábado, às 13:30 hs;
<i>Bom Dia Brasil</i>	Nacional, de segunda a sábado, às 07:15 hs;
<i>RJTV</i>	Regional (RJ), de segunda a sábado, em 3 edições (matutina, vespertina e noturno).
<i>Ação</i>	Nacional, aos sábados, as 07h30min
<i>Criança Esperança</i>	Nacional, campanha anual de solidariedade, em parceria com o UNICEF, inserções em horários variados

Quadro 4 – Canais “fechados” (TV à cabo)

Nome do programa	Abrangência/freqüência/horário
<i>Em cima da Hora (Globo News)</i>	Internacional, 22 edições (inserções) diárias, com duração de 30 (trinta) minutos, exibidas a cada uma hora com notícias do Brasil e do Mundo
<i>Momento Olímpico (Sport TV e Sport TV news)</i>	Internacional, esporadicamente em dias e horários variados

A escolha deste veículo midiático se deu, em especial, devido ao amplo alcance nacional (e também internacional) desta emissora, considerada importante veículo *formador de opinião*. Cabe ressaltar, que embora a Rede Globo de Televisão não autorize a cópia ou reprodução de toda/ou qualquer parte de sua programação, todos os produtos que foram aqui analisados encontravam-se, por ocasião do período em que ocorreu o processo de *clipagem*, disponibilizados livremente no site desta emissora (em formato vídeo). Deste modo, para fins de estudo, passo a caracterizá-los como *documentos de domínio público*¹⁹. Nestes produtos foram analisadas as falas provenientes de diferentes protagonistas sociais que se articulavam em torno da *temática* esporte, numa perspectiva sócio-educativa, dentre as quais se destacam: autoridades políticas, jornalistas, profissionais das áreas da saúde e educação, jovens que integram projetos sócio-desportivos, bem como seus familiares.

¹⁹ Conforme definição de Peter Spink (ver p. 34).

III. O Relatório das Nações Unidas (ONU) intitulado “Esporte para o Desenvolvimento e a Paz: Em Direção à Realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio”

O referido relatório constitui-se numa iniciativa da chamada “Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz”, desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU). O documento é composto ao todo de 53 páginas, cujos objetivos expressos são os seguintes:

- Promover a utilização mais sistemática e mais coerente do esporte em atividades relacionadas ao desenvolvimento e à paz;
- Estabelecer uma lista de programas existentes envolvendo o esporte para o desenvolvimento; identificar exemplos construtivos;
- Incentivar o sistema das Nações Unidas a incorporar o esporte em suas atividades;
- Trabalhar para a realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs), gerando assim um maior apoio entre governos e organizações ligadas ao esporte.

Visando atingir a estes objetivos, o Secretário Geral das Nações Unidas, em julho de 2002, reuniu uma Força Tarefa entre diferentes agências ligadas ao Sistema das Nações Unidas. Formada pela união de agências com “experiência significativa na utilização do esporte em seu trabalho”, tais como a UNESCO, OMS, UNICEF, PNUD²⁰, entre outras, e devidamente representadas por membros designados pelos chefes das referidas organizações participantes, a Força Tarefa reuniu-se por duas vezes (entre outubro de 2002 e março de 2003) a fim de definir estratégias e decidir sobre as recomendações. A consolidação do relatório final, tomado aqui como objeto de análise, visava, segundo seus relatores, aproveitar o interesse crescente do mundo do esporte em atividades das Nações Unidas, bem como a consciência também crescente sobre o potencial mais amplo do esporte por parte das várias federações e organizações desportivas, para a execução de ações concretas (ONU, 2003).

²⁰ Os acrônimos referem-se, respectivamente, à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência, e Cultura; à Organização Mundial da Saúde; ao Fundo de Emergência das Nações Unidas para as Crianças e ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Procedimentos de Análise

Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso, uma interpretação fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado (GILL, 2002, p.266).

A fim de proceder a análise dos discursos foi efetuado procedimento de *clipping*²¹ eletrônico dos materiais. As reportagens, matérias e noticiários de TV (em formato vídeo), foram assistidos (anotando-se simultaneamente os principais detalhes da cena) e submetidos a gravações de áudio por meio de fitas-cassetes, de modo a propiciar transcrição literal das falas. A ilustração de imagens (em que não havia falas) se deu através de pequenos textos de apoio, contendo a descrição geral da seqüência de ações, ainda que o foco de análise residisse sobre o conteúdo das *falas*.

Cabe salientar que procedimento de *clipping* se constituiu simultaneamente em processo de análise, posto que a escolha das falas efetivou-se mediante a evidência de um *padrão de regularidade discursiva*²², o que exigiu análise prévia do material a ser selecionado. No entanto, não foram estabelecidas quaisquer categorias à priori, optando-se por deixar que tal padrão de regularidade emergisse livremente do minucioso processo de leitura e releitura dos dados, processo este que foi imprescindível à familiarização com o *corpus* da pesquisa.

Considerando ser o discurso para Foucault (2000) uma prática sistematicamente formadora daquilo de que fala, a ênfase do processo de análise se deu no sentido de identificar os diferentes campos de saber que se articulam para falar da importância do esporte para a vida dos “jovens carentes” na atualidade, bem como alguns dos enunciados que emergem destas falas. Com isso se buscou compreender efeitos decorrentes de tais discursos nos modos de assujeitamento e/ou subjetivação²³ daqueles

²¹ Refere-se à técnica de seleção, registro e arquivo de materiais (textos e/ou imagens) por meio eletrônico.

²² Refere-se às marcas comuns das falas que se mostraram regulares e homogêneas, e cuja presença se mostrou dispersa em diferentes fontes informativas.

²³ Por *modos de assujeitamento*, entenderemos, no contexto desta pesquisa, as formas de *submetimento* dos sujeitos “jovens carentes” aos discursos, às práticas e normas sociais específicas que os interpelam e, por consequência, produzem efeitos em suas percepções acerca de si próprios. Já por *modos de subjetivação*, entenderemos o modo predominante como estes jovens se relacionam com o regime de verdades, com as regras e normas que atravessam

de quem se fala, e ainda os possíveis efeitos que tais enunciados adquirem quando são produzidos e se instalam como regimes de verdade.

Para Fischer (1996) uma vez que diferentes atores sociais falam *através da mídia*, torna-se possível contemplar o receptor *dentro* da mídia. Assim também entendo que, apesar do foco investigativo deste estudo ter se atido aos discursos midiáticos, podemos tomar os diversos sujeitos que se articulam para falar sobre a importância do esporte para a vida dos *“jovens carentes”* (incluindo-se os próprios jovens) tanto como *atores na mídia* quanto como *receptores da mídia*. Ou seja: discursos que remetem a um processo cíclico de subjetivação.

Por meio dos procedimentos de análise aqui descritos, buscou-se atingir os seguintes objetivos anteriormente elencados e retomados logo abaixo de modo sintético:

- ✓ Discutir e problematizar as possibilidades de utilização do esporte nas políticas sociais para a juventude no Brasil.
- ✓ Refletir acerca da noção hegemônica de esporte na contemporaneidade;
- ✓ Questionar alguns “vícios” presentes no atual paradigma que rege as políticas sócio-desportivas;
- ✓ Promover uma maior aproximação entre a psicologia social e a psicologia do esporte.

seu cotidiano. Lembrando que, em se tratando de uma perspectiva foucaultiana, mesmo o termo *submetimento* adquire um caráter paradoxal, não significando um aprisionamento às normas, na medida em que traria em si possibilidades de resistência. *“O discurso não constitui um sujeito unilateralmente, mas simultaneamente e, por isso, a mesma norma que aprisiona traz em si a possibilidade de resistir a ela”* (NARDI e RAMMINGER, 2007, p.273).

FORMA DE ESTRUTURAÇÃO DAS SESSÕES DA DISSERTAÇÃO

Partindo de uma concepção de esporte que pressupõe implicações de ordem social, cultural, política e econômica – radicadas historicamente – e partindo ainda da concepção de que os discursos acerca deste objeto são, por extensão, produções que possuem igualmente inscrições na história, buscou-se compreender por meio da interlocução com a história como se dá a construção de discursividades sobre o tema em foco, em diferentes cenários.

Na primeira sessão deste estudo, me arrisco a perscrutar alguns rastros deixados pelo esporte a partir de diferentes momentos históricos e culturais. Alia-se a isso, uma discussão de caráter teórico-metodológico que – para além da pretensão em *explicar* – visa articular *uma compreensão* dos caminhos por ele (esporte) tomados, os lugares por ele habitado, até atingir este *lugar* de ampla ressonância, relevância e visibilidade em nível mundial.

Na segunda sessão, destinada às análises propriamente ditas, o foco residiu sobre os produtos midiáticos e os documentos de domínio público. Buscou-se assim, contemplar algumas das relações visualizadas entre as temáticas *esporte, mídia, políticas sociais* e o *fazer em ciência* na atualidade. Através das análises empreendidas busco oferecer algumas possibilidades de significação para aquilo que vem sendo *dito* e *visibilizado* cotidianamente através da mídia, em especial no que se refere às tão propagadas *funções do esporte* na vida dos “*jovens carentes*”. Imagens e falas; discursos e práticas que, conforme veremos, participam efetivamente da construção de objetos e sujeitos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANO, Christiane R. D. V. (2003). **Caçadores de sons**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BAUER, Martin W. e AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Orgs.); tradução Guareschi, P. G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Campinas: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1990.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Política Nacional do Esporte**, 2006. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/conferencianacional/documentos.jsp>> Acesso em: 13/08/2006.

CARNEIRO, Vera C. G. **Profissionalização do professor de matemática: limites e possibilidades para formação inicial**. 1999. 327 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999. Disponível em: <<http://www.br.geocities.com/mcrost02/>> Acesso em: 26/09/2006.

COIMBRA, Cecília M. B. e NASCIMENTO, Maria L. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php?link=.%2Ftextos%2Ftexto23.htm&codtexto=23&cod=23&tp=t&nome_autor=&p=>> Acesso em: 14 ago. 2006.

COSTA, Antonio C. G. da. **A educação no paradigma do desenvolvimento humano**. (Texto). In: Instituto Ayrton Senna (Org). *Encontro da Rede Atletas pelo Brasil*. São Paulo, 2001.

DOPST – DIRETRIZES E ORIENTAÇÃO DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO. Brasília, 2006. Acesso em: http://www.upv.org.br/SegundoTempo/manual_diretrizes_orientacoes_segundotempo.pdf
> Acesso em: 07 abr. 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado. 1996.

_____. **A paixão de trabalhar com Foucault.** In: COSTA, M. (Org.). Caminhos investigativos novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996b.

_____. **Técnicas de si' na TV:** a mídia se faz pedagógica. Educação Unisinos, São Leopoldo (RS), v. 4, n. 7, p. 111-139, jul./dez. 2000.

_____. (2002). **Problematizações sobre o exercício de ver:** mídia e pesquisa em educação. In *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, 83-94. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>> Acesso em: 14 mar. 2007.

_____. (2002b). **O dispositivo pedagógico da mídia:** modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, vol.28, n. 1, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 28 abr. 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do Saber.** – 6. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da Informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. 2005. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

FRANCO, Augusto de. **O local mais desenvolvido do mundo DLIS.** Distrito Federal: Agencia de Educação para o Desenvolvimento, 2004.

GILL, Rosalind. **Análise de discurso.** In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Orgs.); tradução Guareschi, P. A. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed, 2002.

GOELNNER, Silvana Vilodre. In: MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil:** panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2003 – PNAD.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 jul. 2006.

_____. Relatório de Indicadores Mundiais de Desenvolvimento 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 out. 2007.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editor, 1999.

MORAES, Roque. **Participando da conversa: construindo competências argumentativas na fala e na escrita**, 2007. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/manualred/textos/texto4.php>,> Acesso em: 05 out. 2007.

NARDI, Henrique Caetano, RAMMINGER, Tatiana. **Modos de subjetivação dos trabalhadores de saúde mental em tempos de Reforma Psiquiátrica**. *Physis*. v.17, n.2, p.265-287, 2007.

ONU. **Relatório do Desenvolvimento Humano**. PNUD, 2006. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh>> Acesso em: 22 nov. 2006.

_____. **Esporte para o desenvolvimento e a paz: em direção à realização das metas de desenvolvimento do Milênio**. Nações Unidas, 2003. 53 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Ed. Pontes - 4º ed. - São Paulo, 2002.

RUBIO, Kátia [2002]. **Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil**. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. VII. nº 373, 10 de maio 2002. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocript/b3w-373.htm>. > Acesso em: 08 jul. 2006.

_____. **O imaginário da derrota no esporte contemporâneo**. *Psicologia & Sociedade*, v.18, p.86 - 91, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a12v18n1.pdf>. Acesso em: 04 maio 2006.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editor, 1999.

SPINK, Peter. **Análise de documentos de domínio público**. In: SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editor, 1999.

TCU – TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Relatório de avaliação do Programa Segundo Tempo**. Brasília, Brasil, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. e GALLO, Sílvio. Ensaio para uma filosofia da educação. In: REVISTA EDUCAÇÃO. **Foucault pensa a educação**. São Paulo: Editora Segmento, 2006.

VELHO, Gilberto (2000). **Crise de valores leva classe média ao crime**. Folha de São Paulo, 21 de jan. de 2000. Disponível em: <
<http://www.geocities.com/athens/acropolis/6634/velho.htm> >Acesso em: 23 jul. 2006.

VIEIRA, E. **Democracia e Política Social**. Polêmicas do Nosso tempo. V.49. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1999.

WEINBERG, Robert S. & GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. – 2 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2001 .

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2007. Disponível em: http://www.oei.org.br/mapa_da_violencia_baixa.pdf. Acesso em: 12 dez. 2007.

ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

SESSÃO I – A VOCAÇÃO UTILITÁRIO-SALVACIONISTA DO ESPORTE: REATUALIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS HISTÓRICAS

INTRODUÇÃO: O ESPORTE É UM FENÔMENO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL

Nesta sessão do estudo, me proponho a articular uma compreensão do fenômeno esporte a partir de uma perspectiva historiográfica. Sendo assim, o esporte será aqui abordado na condição de um objeto que vai se construindo na interdependência com a diversidade de aspectos presentes no mosaico social de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos. Partindo do entendimento de que os discursos atuais acerca da significação e função social do esporte possuem igualmente sua historicidade, buscarei descrever, por meio de uma incursão histórica, como o esporte foi sendo incorporado à sociedade através de diferentes práticas (religiosas, educativas, médicas, militares) e dos diferentes campos de saber que a ele se associam.

Antes de lançar os primeiros passos na busca por re-visitare algumas *memórias* e *histórias* acerca do esporte, desejo reportar-me uma vez mais à assertiva introdutória²⁴ - *o esporte é um fenômeno sócio-histórico-cultural* – buscando, desta feita, contemplá-la de um modo que seja possível ir um pouco além da simples superposição das palavras. Enunciá-la novamente representa um *firmar compromisso* com o contexto social, cultural e histórico que circunscreve o esporte; compromisso este que implica abordá-lo e analisá-lo em correlação com os diferentes aspectos (políticos, econômicos, sociais, religiosos) que a ele se articulam. Representa ainda a derradeira tentativa de sintetizar e traduzir em uma única frase a concepção de esporte adotada neste estudo. Conforme já assinalava anteriormente, na medida em que se opta pela adoção de referenciais sócio-históricos, construcionistas e pós-estruturalistas, torna-se evidente que o esporte seja aqui tomado, analisado e compreendido não como algo *natural, universal*, constituído de (ou por) uma

²⁴ Esta mesma assertiva já foi utilizada para introduzir as justificativas desta pesquisa.

essência positiva ou *negativa*. Será aqui tomado como um fenômeno que se constrói e emerge atravessado por certas condições sociais, históricas e/ou culturais, e que em decorrência destas mesmas condições, se transforma, se reatualiza²⁵, se reinventa na história.

Repensar o esporte através de um viés historiográfico significa, antes de mais nada, estar alerta para o fato de que “ainda que o esporte tenha adquirido centralidade na vida moderna, ele não é uma invenção do presente” (...), mas antes resultado de conceitos e práticas edificadas historicamente no pensamento ocidental e cujos significados foram e são alterados no tempo e no espaço em que aconteceram e acontecem (GOELLNER, 2005, p. 80). Ou seja: o esporte não é “*algo em si, mas um produto histórico e cultural sobre o qual são atribuídas diferentes significações*” (IDEM, p. 82).

Bracht (2003), ao fazer uma análise crítica do fenômeno esportivo moderno, diz ser necessário superarmos o processo de *reificação*²⁶ que tomou conta do esporte no mundo contemporâneo, resgatando-se a compreensão de que o esporte é produto da construção de homens e mulheres e não algo natural e, contraditoriamente, estranho ao ser humano.

Diante das concepções ora apresentadas, penso que a compreensão das conexões existentes entre a prática de esporte e os aspectos históricos, sociais, políticos, e econômicos de uma determinada sociedade passa antes pela identificação e análise dos diferentes usos, funções e significações atribuídas a esta atividade ao longo dos tempos. E por assim pensar, pretendo ao longo desta sessão reportar à fragmentos de memórias e histórias do esporte visando possibilitar outros modos de apreensão deste *fenômeno humano*, que se foi desenvolvendo desde a antiguidade, quando as atividades atléticas

²⁵ A partir de uma perspectiva foucaultiana, compreende-se que conceitos, discursos, enunciados, possuem uma trajetória histórica (uma espécie de acúmulo de memória ou um conjunto de já-ditos) passível de constantes deslocamentos e transformações. Assim, “qualquer seqüência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas; haveria assim um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente” (FISCHER, 1996, p.121).

²⁶ Termo utilizado por Berger e Luckman (1995) para definir o processo através do qual os fenômenos humanos são apreendidos em termos não humanos ou super-humanos, ou seja, o mundo objetivado passaria a ser entendido como uma fatalidade não humana, perdendo assim sua inteligibilidade. A reificação, segundo estes autores, caracterizaria o grau extremo do processo de objetivação do mundo social.

eram ainda consideradas como práticas embutidas em instituições, como, por exemplo, as militares, religiosas e/ou escolares. Não possuindo um fim específico, estas atividades – como veremos – assumiam diferentes (e até mesmo divergentes) funções utilitárias tais como: manifestações de ritos religiosos, simulação de situações de combate e preparação para caça e pesca. Já em sua configuração moderna, como veremos, o esporte passa a ser considerado uma instituição²⁷ ‘até certo ponto’ autônoma.

²⁷ Para autores como Bouet, (1968, citado por STIGGER, 2002, p.17), o esporte pode ser pensado numa perspectiva institucional na medida em que nele são encontrados todos os elementos que comporiam uma instituição, na concepção que o termo assume na sociologia: “*possui elementos materiais e produtos culturais (no caso quadras e campos para os jogos, competições e eventos); grupos específicos (equipes, clubes, federações); agentes de autoridade e hierarquias; papéis (atletas, dirigentes, árbitros); símbolos coletivos (bandeiras, cores); comportamentos determinados (ritos, regras); e um conjunto de representações e idéias (a imagem do campeão, o espírito esportivo, a idéia da performance)*”.

1 ALEGORIA E GENEALOGIA: INSPIRAÇÕES PARA UM OUTRO OLHAR DA HISTORIOGRAFIA ESPORTIVA

O viés historiográfico através do qual iremos a partir de agora transitar e desenvolver algumas reflexões decorre da aproximação de alguns conceitos, proposições e idéias de dois *distintos*²⁸ pensadores: o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) e o filósofo francês Michael Foucault (1926 – 1984). Ainda que o diálogo entre ambos possa ter sido promovido a partir de uma apropriação apenas fragmentária de algumas destas idéias, proposições e conceitos, penso que, ao articulá-las, acabei por estabelecer uma *composição* que se mostrou capaz de traduzir com fidelidade o sentido de história que pretendi imprimir a este estudo.

Não busco, porém, ao promover tal aproximação, induzir a uma falsa noção de conciliação teórica entre Benjamin e Foucault, até mesmo porque estaria me afastando dos objetivos propostos para este estudo e ignorando o fato de que proceder tais articulações implicou mover-me por um campo marcado por *tensões* e *contradições*. Entendo, isso sim, que a perspectiva *anti-substancialista* dos escritos destes dois filósofos (perspectiva esta através da qual vieram a contestar veementemente a legitimidade das *grandes narrativas*) pode me servir como uma espécie de *certidão de posse autorizada*, da qual me valho para articular algumas de suas idéias na construção de uma ‘outra narrativa’, permeada de outros sentidos e argumentações que me são próprios.

Primeiramente e de um modo geral, desperta atenção na aproximação entre estes dois filósofos, o fato de ambos apresentarem afinidades no que diz respeito à preocupação filosófica em pensar e refletir seu próprio tempo e de não abandonar a óbvia inserção no presente histórico. Assim, o estudo historiográfico aqui apresentado tem em si a intencionalidade de engendrar no presente outros significados acerca do em estudo, a partir de discursos produzidos na esfera do esporte. Para tanto, serão aqui

²⁸ O termo “*distintos*” é utilizado na frase em seu duplo sentido semântico: tanto para atribuir sentido de notáveis, nobres, ilustres aos pensadores em questão, quanto para indicar de que ambos diferem, não se confundem com outrem.

analisadas narrativas da historiografia do esporte a partir das quais serão tomadas e evidenciadas algumas regularidades de modo que se torne possível desnaturalizar alguns saberes e verdades. Alia-se a isso, a necessidade de proceder análises contextualizadas historicamente, que busquem desprender-se de esquemas interpretativos ou topologias universais.

No que se refere à compreensão de história, as idéias de Foucault e de Benjamin apontam na direção da compreensão genealógica de história de Nietzsche, ou seja: “Não se trata de uma concepção unificadora, nem totalizadora, tampouco se fundamenta numa universalidade a partir da qual se desenrolaria o processo histórico” (MURICY, 1998, p. 214).

Para Benjamin (1994) “a história é objeto de uma construção” (p. 229), e assim sendo “articular historicamente a história não significa conhecê-la como ela de fato foi” (p.224). Não há, portanto, na perspectiva deste autor, fidelidade aos fatos em se tratando de história. Sequer pode-se compreendê-la como acabada, encerrada ou recuperada em sua *origem*. A história pode ser definida como “apropriações estratégicas de descontinuidades, construção de sentidos que se entrecruzam com as urgências do presente” (RIBEIRO, 1994, p. 19).

Na perspectiva foucaultiana o conceito de genealogia assume um formato crítico que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se nos conceitos de *proveniência* e *emergência*. Foucault via a verdade como o produto de regimes ou gêneros discursivos que possui seu conjunto próprio de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas (PETERS, 2000). Buscando um caminho semelhante, o presente estudo pretende construir algumas articulações possíveis atinentes às práticas esportivas, desvelando algumas de suas regras, alguns de seus regimes e gêneros discursivos. Para tanto, apóia-se no conceito de *jetztzeit* (o tempo-do-agora) formulado por Benjamin que toma o tempo presente invariavelmente a partir de sua relação com o continuum da história, tempo presente este que assim se constitui como espaço de experiência. Experiência esta que, na acepção benjaminiana, seria algo que necessita de uma descoberta retrospectiva e, como tal, traduz-se na construção de uma relação significativa com o passado. A experiência traduz, na perspectiva deste pensador, a

noção de historicidade do passado. Noção esta que, ao serem associadas a novas experiências propiciadas pela recusa do continuum da história, tornariam possível a conquista de um sentido para o presente. Ao historiador, incumbiria a empreitada de lançar,

[...] um olhar retrospectivo saturado de experiência e orientado, por conseguinte, não só para a relevância do presente, mas, antes de mais nada, para a construção das condições de emergência desse presente (IDEM, 1994, p. 11).

Um aspecto que desperta especial interesse, particularmente no que se refere à edificação da narrativa histórica que pretendi empreender, diz respeito ao conceito de alegoria (*Allegorie*) formulado por Benjamin. A perspectiva de história alegórica vê o mundo (e por consequência a história) como ruína, como um amontoado de destroços e fragmentos dispersos. E são estes fragmentos e destroços que, ao serem analisados em separado e não enquanto uma *totalidade* – reconhecida como sendo *enganosa* - permitiriam entrever o esboço de uma outra realidade, construída a partir da atribuição de outros sentidos, cuja incumbência estaria a cargo de cada historiador (BENJAMIN, 1994). Esse conceito traduz a perda da evidência do sentido na medida em que exprimir-se como *relação puramente arbitrária* dependente inteiramente do ato de construção: “o significado da alegoria é sempre apenas o significado que lhe é dado pelo sujeito” (RIBEIRO, 1994, p.13).

A fim de melhor ilustrar seu conceito de alegoria, Benjamin utilizou ao longo de sua obra a figura do colecionador. Esse sujeito retira os objetos do contexto em que valem e no qual são úteis – descontextualizando-as, inscrevendo-as numa ordem desconectada. Na capacidade de descobrir outra ordem nos objetos fora de lugar, está a via para uma um novo olhar dirigido ao passado, um olhar político. “O truque que rege esse mundo de coisas – é mais honesto falar em truque que em método – consiste em trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político” (BENJAMIN, 1986, citado por MITROVITCH, 2005, p.6).

Essa perspectiva não se prestaria, portanto, para análise de uma totalidade social, na medida em que jamais se encontra terminada, e não é definitivamente passível de ser interpretada. Portanto, uma análise desse tipo não pode prescindir de uma releitura

profundamente desconfiada da historiografia vigente, buscando deslocar o passado do conjunto de dados e fatos pré-fabricados que nos impediriam de percebê-lo em sua *verdade*. Verdade que não seria, neste caso, outra coisa senão saber que o passado é o leque de *possíveis* que ele próprio encerra, tenha estes *possíveis* se realizado ou não. A tarefa do historiador consistiria em revelar alguns “*possíveis esquecidos*”, mostrando que o passado comporta outros futuros além deste que realmente ocorreu (IDEM, 2005, p.11).

O argumento de que a história oficial se constitui numa versão deformada do passado construída no presente acentua o caráter narrativo e construtivo da história. Além disso, tal concepção resultou em inúmeras reflexões sobre a influência decisiva do presente sobre as percepções do passado, desfigurando-o e distorcendo-o. Destaca-se a conceituação de *lembança* que, para o sociólogo francês Maurice Halbwachs (citado por Cannerton, 1993), seria, em larga medida,

[...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (p. 70).

Esse conceito pode ser relacionado às críticas feitas por Foucault à historiografia dita tradicional pautada na crença de que os historiadores seriam capazes de, efetivamente, se colocarem fora da História, capturar a fonte e serem objetivos a ponto de descobrirem a verdade sobre o passado (FUNARI, 2005). Aliada a este aspecto está a noção do *enviesamento* das escrituras históricas postulada por Benjamin, através da qual entendeu que as narrativas históricas correspondem, em sua maioria, a *visões triunfalistas*, ou seja, partem da perspectiva dos vencedores ou dos chamados grupos dominantes.

Sendo assim, por meio deste estudo, assume-se a perspectiva de desafiar as representações da história do esporte vulgarmente aceitas e estabelecidas, acompanhando a proposta de Benjamin de uma historiografia crítica por meio da qual se deve interrogar e estranhar a história na medida em que, mais do que um *fato* ela se constituiria num *problema*. Daí seu chamamento a que se construam outras narrativas, incitando-nos à “*escovar a história à contrapelo*” (BENJAMIN, 1994, p.225) , superando

o perigo do esquecimento, da deslembração, do silenciamento da memória, por entender que *“irrecuperável é toda a imagem do passado que corre o risco de desaparecer com cada instante presente que nela não se reconheceu”* (IDEM, p. 224).

Cabe ressaltar ainda que a perspectiva de história adotada neste estudo, se constituiu – antes de mais nada – numa espécie de “pano de fundo”²⁹ através do qual tornou-se possível proceder algumas análises no que se refere as diferentes construções de sentidos e significações que foram sendo tecidas acerca do objeto esporte em diferentes contextos e momentos históricos. Assim sendo, os fragmentos de idéias e de conceitos dos autores aqui apresentados e discutidos visam atentar para a importância de debruçarmos sobre o processo de construção histórica do esporte como forma de melhor compreender alguns dos discursos que a ele se articulam e passam a produzir implicações no processo de desportivização das políticas sociais destinadas a juventude no Brasil.

²⁹ Com o uso do termo “pano de fundo” busco apontar para o fato de que, embora muitas das idéias e conceitos fruto da aproximação entre estes dois autores não venham a aparecer propriamente aplicadas e/ou articuladas explicitamente no corpo do texto que foi sendo produzido para este estudo, foram – sem dúvida – a partir de tais idéias e conceitos que me vi capaz de estruturar um outro modo de pensamento e de narrativa histórica que culminaram no modo como as análises foram sendo empreendidas ao longo deste estudo.

2 HISTÓRIAS DO ESPORTE...

“Zidane: de promessa de herói a vilão na final da Copa 2006”



FIGURA 1 – ZIDANE X MATERAZZI FONTE: Site Globoesporte.com, 2006

Berlim/Alemanha - Julho de 2006. Final da Copa do Mundo de Futebol. Itália e França disputam o título mundial de num torneio até então marcada pelo estímulo ao *Fair Play* e por campanhas anti-racismo no mundo. O astro do futebol e embaixador da ONU Zinedine Zidane joga sua última partida antes da anunciada aposentadoria na condição de atleta ‘mais cotado’ para ser eleito pela FIFA o melhor jogador da copa do mundo. Tudo se encaminha para um grande desfecho de espetáculo. O jogo se mantém empatado durante os 90 minutos regulamentares e entra no período de prorrogação. Eis que o ‘inusitado’ acontece: Zidane, o craque francês, desferiu uma potente cabeçada – não na bola, mas sim no peito do adversário italiano Materazzi que desaba ao chão, após haver desferido uma não menos potente ofensa ao pé do ouvido de Zidane. A pergunta que não quer calar: Qual teria sido o teor da ofensa para que um atleta experiente e consagrado como Zidane perdesse a cabeça e o *fair play* numa final de copa do mundo? Ao certo, até hoje, não se sabe. Indícios apontam que as ofensas teriam sido de cunho racista, devido ao fato de Zidane ser filho de Argelinos, embora naturalizado Francês...

“Nadadora é agredida por seu próprio pai no Mundial”



FIGURA 2 – PAI AGRIDE NADADORA FONTE Site Globoesporte.com 28/03/2007

Melbourne, Austrália – Março de 2007. Durante o Mundial de Esportes Aquáticos, um fato ‘inusitado’ chocou atletas e todos os que acompanhavam as disputas do evento e vira *caso de polícia*. A cena da nadadora ucraniana Kateryna Zubkova, de 18 anos, medalhista de ouro nos 100m costas e prata nos 50m costas do Campeonato Europeu de 2004 sendo agredida por seu próprio pai e também treinador, Mikhail Zubkov, foi veiculada pela mídia internacionalmente. A agressão supostamente teria sido motivada pelo fato da atleta não ter conseguido se classificar para as semifinais dos 50m costas do Mundial. Por determinação da polícia local, Mikhail Zubkov teve que respeitar o limite de 200m de distância da filha durante o restante da competição...

“Tumulto na formatura dos guias cívicos”

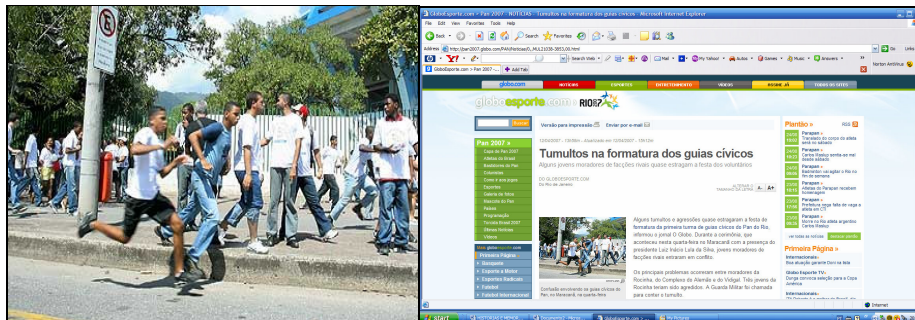


FIGURA 3 – FORMATURA GUIAS CÍVICOS FONTE: Site: Globoesporte.com 12/04/2007

Rio de Janeiro, Brasil – Abril de 2007. Maracanã lotado. Não para assistir a um clássico do futebol, mas para a realização da cerimônia de formatura dos “guias cívicos” – jovens selecionados em 116 comunidades carentes do Rio de Janeiro e treinados para auxiliar na organização e fiscalização dos Jogos Pan-Americanos. Os jovens, com idades entre 14 e 24 anos, foram capacitados durante três meses com aulas de cidadania, ética, solidariedade, educação moral e cívica, trânsito, turismo inglês e espanhol através do projeto “Legado Social”, iniciativa do Comitê de Gestão do Pan Rio 2007. O presidente Lula se fez presente ao evento e em seu discurso, dirigiu-se aos jovens dizendo: *“O Pan é apenas o início de tudo pra vocês, depois começará o jogo da vida. A imprensa às vezes faz questão de passar as desgraças em vez de passar as coisas boas que os jovens fazem. Tenho certeza que vocês são infinitamente melhores do que a imprensa passa na TV”*. No transcorrer do evento, porém, eclodiram tumultos e conflitos entre guias cívicos de comunidades rivais, causando situação ‘desconfortante’ aos organizadores do evento. A Guarda Militar conseguiu rapidamente controlar a situação, embora tenha sido noticiado, posteriormente, que a comissão organizadora do Pan estaria “repensando” a participação dos jovens como guias cívicos...

O que há de comum nos episódios³⁰ acima relatados? Quais aspectos os aproximam? Quais os distanciam?

Sob um ponto de vista bem particular, estes episódios ilustram algo que eu ousaria chamar de *eventos rupturas* ocorridos no universo esportivo em meio ao período de elaboração deste estudo. Rupturas porque literalmente *rompem* com uma infinidade de discursos que buscam associar o esporte a valores essencialmente positivos. Rupturas porque estilhaçam com a blindagem que visa *proteger* o esporte enquanto um *bem social* e *ferramenta de educação para a paz*. Rupturas por tratar-se de eventos que vieram a *disparar o gatilho* para alguns dos questionamentos e reflexões que ora tomam corpo neste estudo. São eventos que, embora tenham tido repercussão por parte da mídia

³⁰ Importante ressaltar que os episódios acima relatados se tratam de eventos ocorridos no período de realização deste estudo e que são aqui trazidos como mera ilustração, na medida em que não fazem parte do *corpus* oficial que se constituiu no alvo principal das análises, cujas matérias se encontram listadas nos quadros demonstrativos localizados nas páginas 85, 86 e 87, respectivamente.

televisiva e eletrônica na condição de *atos inusitados* do mundo do esporte, talvez sejam menos inusitados do que possam – à primeira vista – parecer.

Senão vejamos: Troca de agressões e ofensas como as ocorridas na final da copa do mundo são *atos inusitados* ou *atos comuns* facilmente presenciáveis em um *campinho* ou quadra esportiva qualquer, em meio a disputa de uma simples *pelada*³¹? Brigas entre jovens de comunidades rivais, a exemplo da ocorrida entre os *guias-cívicos* são fatos inusitados ou seria algo semelhante ao que ocorre entre torcidas organizadas de clubes de futebol que, volta e meia digladiam-se até a morte? E quem de nós jamais presenciou a cena de um pai ou uma mãe *à beira de um ataque de nervos* (ou mesmo chegando às vias de fato) durante uma competição esportiva na qual o filho participava? Ora, eu mesma confesso já haver presenciado, em competições amadoras da *categoria fraldinha*³² (acreditem), pais humilhando seus filhos, engalfinhando-se com pais de adversários, agredindo *verbalmente* os árbitros das competições, tudo isso face a não obtenção da tão almejada *vitória e medalha* por parte do filho.

Estes fatos apontam, direta ou indiretamente, queiramos ou não, para uma relação entre *esporte e violência*. Impõe-se uma dúvida: seriam tais eventos *mais um* entre os inúmeros proclamados *males da modernidade* ou seria possível encontrarmos algum tipo de correspondência de ordem histórica? Recorramos a algumas histórias e memórias do esporte...

³¹ Gíria utilizada para referir-se a uma disputa esportiva informal, geralmente realizadas em áreas públicas (praças, parques, ou mesmo nas ruas) e com o seu de regras mais flexíveis e maleáveis.

³² Alcinha utilizada para categoria que abrange crianças entre 7 e 9 anos de idade, em diferentes modalidades esportivas.

2.1 A Herança Grega: Ideais de Paz ou Ideais de Guerra?

Uma das principais questões que procurei dirigir às memórias do esporte foi: Quais as condições/fatores presentes no contexto sócio-cultural grego que possibilitaram a emergência e o desenvolvimento do esporte a partir daquela civilização?

Em busca de respostas a este questionamento, procedi a uma espécie de rastreamento bibliográfico apoiada nas memórias dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Tais Jogos, realizados no Santuário de Olímpia há 776 anos antes de Cristo são considerados pela *historiografia esportiva oficial* como sendo a primeira grande manifestação humana ligada ao esporte da qual se tem notícia. Ao que pude constatar, em uma primeira e sucinta análise, a partir do que me fora relatado pela *maioria das obras consultadas* (COUBERTIN, 1965; GODOY, 1996; LANCELOTTI, 1996; CARTLEDGE, 2002), dois aspectos são destacados como preponderantes para a emergência dos jogos atléticos naquela civilização. O primeiro deles residiria no forte caráter religioso presente na cultura grega, que teria criado tais jogos como uma forma de reverenciar Zeus (deus supremo dos gregos) realizando oferendas e sacrifícios em sua honra durante as disputas esportivas. O segundo, refere-se aos chamados *nobres ideais gregos* de paz e fraternidade entre os povos, ideais estes que viriam a se imortalizar no meio esportivo através do que até os dias de hoje é reconhecido e referendado como *ideário olímpico*³³.

Mas para uma pesquisadora mergulhada nas leituras de pensadores ditos *pós* (estruturalistas e modernistas), seria um contra-senso aceitar uma versão como *verdade única* pelo simples fato dela constar *na maioria das obras consultadas*, ao menos sem maiores contestações. Numa espécie de contrapartida ao *teor de veracidade* que freqüentemente se costuma associar (implícita ou explicitamente) à expressão *maioria das obras consultadas*, Bauman (2005) utiliza um argumento a meu ver suficientemente

³³ Por *ideário olímpico* ou *olimpismo* entende-se o movimento que caracteriza uma espécie de propósito universal ou Código de Ética "informal" entre esportistas, que supõe o comportamento cavalheiresco no esporte. Idealizado pelo Barão francês Pierre de Coubertin, a partir de valores oriundos da antiga civilização grega, o olimpismo (atualmente também reconhecido nos termos *espírito esportivo*, *fair play* ou *jogo limpo*) presume a formação ética e moral dos atletas, de modo que em situação de competição, este não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes (RUBIO, 2001).

coercitivo no sentido de estilhaçar com *evidências* ou *fatos* que conduziriam à noção de existência de uma *versão verdadeira em história*. Diz ele:

Histórias são como holofotes e refletores – iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão. Se iluminassem igualmente o palco todo, de fato não teriam utilidade. Sua tarefa afinal é “limpar” o palco, preparando-o para o consumo visual e intelectual dos espectadores (...). É missão das histórias selecionar, e é de sua natureza incluir excluindo e iluminar lançando sombras. (...) Sem seleção não haveria histórias. (p.26)

Ora, aliando-se este argumento aos pressupostos benjaminianos e foucaultianos acerca da história, torna-se *tranquilo* pensar que nem mesmo aquilo que esteja contido na *maioria das obras* por mim consultadas seja *suficiente e inequivocamente* capaz de dar conta da complexidade dos aspectos implicados na emergência dos Jogos Olímpicos na Grécia antiga.

Assim, é preciso esclarecer que, também as narrativas históricas que se seguem são fruto de *seleções* e *escolhas* de ordem pessoal, frente ao universo das fontes pesquisadas. Certamente aqui também *refletores e holofotes* foram direcionados para alguns aspectos específicos do contexto social grego, sendo que outros permaneceram à sombra. Diferente daquelas histórias cujo olhar recai sobre os nobres ideais sagrados de paz e fraternidade como fatores preponderantes para a emergência dos jogos, as histórias que serão aqui relatadas, apontam não apenas na direção dos aspectos *mais nobres*, mas na direção de outros aspectos que estando presentes no contexto social grego - ainda que não figurem na maioria das obras consultadas – podem ser igualmente considerados proeminentes para a criação e implementação dos Jogos Olímpicos.

2.2 Lançando luz às sombras da história: Nem só de nobres ideais viveu a Grécia...

A civilização grega, ao que tudo indica, desfrutou do que se poderia chamar de uma *harmonia cultural*, posto que o povo helênico falava a mesma língua, e possuía modos de vidas e hábitos religiosos bastante semelhantes. No que se refere ao contexto sócio-político, entretanto, já não se poderia pensar em termos de uma vida *harmoniosa*. Devido à inexistência de um sistema que unisse as 160 cidades-Estado da Grécia Antiga (cada qual com seu governo soberano), eclodiam constantemente, por todo território, guerras e desavenças. Em face desta fragmentação política e dos conflitos dela decorrentes, a militarização tornava-se uma necessidade à organização da sociedade. Crescia com isso a convicção de que as práticas esportivas poderiam potencializar e estimular de forma decisiva o vigor atlético dos cidadãos gregos de modo a torná-los mais fortes e velozes para os embates (GODOY, 1996).

O modelo de educação grega, conhecido como Paidéia, tinha por objetivo propiciar a formação integral do ser humano, de modo que se agregava conhecimentos de filosofia, da gramática, da música e também o ensino de atividades atléticas (SOUZA, 1975, apud SIGOLI e JUNIOR, 2004). As instituições de ensino, sob regência Estatal, mantinham seus objetivos alinhados aos objetivos sociais em vigor, e sendo assim, a educação grega voltava-se, primordialmente, para fins de preparação militar. As atividades atléticas e ginásticas – além de fazerem parte do ideal grego de formação integral do homem – eram, portanto, altamente valorizadas nos currículos escolares de jovens entre os 7 e os 21 anos como método de preparação para as guerras. A forte ligação entre as atividades atléticas e a guerra pode ser evidenciada no discurso do filósofo Sócrates:

Nenhum cidadão pode desconhecer a importância do esporte, devendo aprimorar suas condições físicas para melhor combater pela pátria, quando o Estado assim exigir. (SCHINEIDER, 2004, p.14).

Com a extensão dos conflitos internos atingindo um nível já indesejável e até certo ponto incontrolável, a assinatura de um tratado de paz entre os reis das cidades-estado de Pisa, Esparta e Elis, em 884 a.C. propunha a realização de um evento a fim de celebrar a paz entre as cidades: criavam-se assim os Jogos de Olímpia. Apenas um pequeno parêntese: É preciso sublinhar que, a despeito de toda nobreza dos ideais e do caráter religioso, foi a partir de um *ato político* – a assinatura do tratado – que se instauraram os Jogos Olímpicos na Grécia antiga; jogos estes que seriam realizados ininterruptamente ao longo dos doze séculos subseqüentes (SIGOLI; JUNIOR, 2004).

Durante o período em que ocorriam os jogos olímpicos imperava a chamada “*trégua sagrada*” – tempo de paz coletiva em que se cessavam as guerras e hostilidades por completo. “*Que o mundo esteja livre do crime, do assassinato e do ruído das armas*” (GODOY, 1996, p. 65). Assim dizia a carta de proclamação da *trégua*, emitida por parte do senado olímpico, e lida por mensageiros que recebiam a atribuição de anunciar o tratado de paz por todo território grego. Três meses antes da abertura das competições, separados em grupos, os embaixadores encarregados de anunciar a boa nova partiam com seus auxiliares a fim de percorrer todo o território grego. Estes eram recebidos por associações locais que, por sua vez, transmitiam a mensagem à população, aos chefes de estado, de modo que todos tomassem conhecimento da proclamação da *trégua* (IDEM).

A partir do início das competições, todo tipo de atividade guerreira era suspensa a fim de que atletas, treinadores, pessoal de apoio e viajantes pudessem dirigir-se ao território da Elida e participar da jornada esportiva. Importante frisar que todo e qualquer ato delituoso ou violento, ainda que praticado de forma isolada por um único cidadão, era considerado responsabilidade de cada cidade, que deveria punir severamente os transgressores como forma de conferir reputação e legitimidade aos Jogos – considerados um símbolo da fraternidade universal (SCHNEIDER, 2004).

Pode-se dizer que os Jogos Olímpicos se constituíram, à época, na medida encontrada para controlar a violência, na medida em que se promovia um relacionamento político amigável entre as cidades-estado ao mesmo tempo em que se fazia estabelecer um sentido de unidade entre os povos. E se considerarmos o fato de que durante os doze

séculos em que foram realizados os jogos, apenas em cinco ocasiões a *trégua* teria sido violada, pode-se dizer que tenha sido uma medida *altamente eficaz*.

Com a aproximação dos jogos uma efervescência coletiva percorria o território grego, sendo que, há contar um mês para seu início, todos os afazeres eram suspensos. Deste modo milhares de pessoas – de diferentes idades e camadas sociais, e até mesmo povos rivais que viviam em luta, por ocasião dos jogos, uniam-se pelo mesmo entusiasmo e se deslocavam para a sede dos jogos (CABRAL, 2004).

No que se refere aos aspectos sócio-econômicos, durante os jogos Olímpia transformava-se num grande palco de manifestações de diversas ordens, o comércio aquecia-se com a instalação de barracas onde eram vendidos alimentos, artesanatos com a imagem dos deuses ou com motivos esportivos, entre outros artigos. A cultura e a arte eram também divulgadas através das manifestações de filósofos, escritores, pintores. Já os políticos, faziam dos jogos um ponto de encontro onde, além de discutirem problemas comuns aos gregos, aproveitavam para proferir seus discursos, divulgar seus planos e distribuir panfletos (IDEM).

A figura do esportista grego era altamente valorizada, sendo que no transcorrer dos jogos olímpicos da Grécia Antiga “o homem chegava a Olímpia como atleta e voltava para sua cidade como um semideus” (GODOY, 1996, p.99). Os nomes dos campeões percorriam todo o território grego repetidos por milhares de bocas sendo que, após os Jogos, os campeões olímpicos percorriam os ginásios de suas cidades transmitindo conselhos, ministrando ensinamentos técnicos, encorajando a prática de atividades esportivas bem como o esforço pessoal como condição básica para a projeção do indivíduo na sociedade. Ao cessar do último dia das competições festivas, porém, Olímpia retomava o seu cotidiano normal: a *trégua de paz* terminava, o povo retomava suas atividades habituais e os conflitos e guerras recomeçavam entre as cidades-Estado.

Dadas às devidas proporções e mantendo-se a noção da distinção entre as culturas e os períodos históricos, torna-se possível estabelecermos desde aqui alguns paralelos significativos com a cultura esportiva brasileira na sociedade contemporânea.

No que se refere à esfera educacional, já por volta do século XIX, a prática e o ensino de atividades esportivas passa a ser reconhecida no Brasil como um importante elemento para o *forjar* daquele indivíduo *forte* e *saudável*, e, portanto, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, (no início da segunda década daquele século) buscava construir seu próprio modo de vida. Deste modo, a Educação Física – considerada o canal institucional da prática e ensino do esporte no Brasil – teve suas origens marcadas pela influência das instituições militares, sendo *contaminada* pelos princípios positivistas e chamando para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da *ordem social*, quesito básico à obtenção do almejado *progresso* (CASTELLANI FILHO, 1988).

No que diz respeito especificamente à dialética que se estabelece entre *esporte* e *violência*, entendo que sejam válidas algumas considerações. Ainda que não mais se encontre em vigor um legítimo *acordo de paz*³⁴ nos moldes do que ocorria na antiguidade através da *“trégua sagrada”*, é possível observarmos no período em que ocorrem competições esportivas de nível internacional (como são o caso as Copas do Mundo de Futebol, Olimpíadas ou Jogos Pan-Americanos) o clima de confraternização que reina entre os povos e, por conseqüência, uma *aparente* diminuição da violência. (Ou, quem sabe, fosse melhor falarmos em diminuição de nossa sensibilização com relação à violência?).

Tomemos como ilustração, um exemplo recente e ainda bastante vivo na memória de todos nós, brasileiros – os Jogos Pan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro, em julho de 2007. Os meses que antecederam os jogos naquela cidade foram marcados pelo que poderíamos chamar de um estado de *guerra civil* numa das maiores favelas cariocas – o chamado *Complexo do Alemão* ou *Morro do Alemão* – que sofreu a ocupação por parte da Força Nacional de Segurança do exército brasileiro. De acordo com dados do Movimento Nacional de Direitos Humanos (2007), nos mais de sessenta dias que antecederam o período de realização dos jogos, o saldo do

³⁴ A despeito da escassa divulgação, encontra-se em vigor, desde 25 Outubro de 1993, a Resolução de número 48/11 – instituída pela Assembléia Geral das Nações Unidas, cujo intuito é de fazer reviver a antiga tradição grega da *“Trégua Olímpica”* e propagar a construção de um mundo pacífico e melhor através do esporte e do ideal Olímpico (Nações Unidas, 2003).

espetáculo teria sido de 48 mortos e 76 feridos, segundo dados oficiais. No entanto, segundo a mesma fonte, haveria suspeitas de que tenham sido contabilizadas mais de 80 mortes (muitas das quais através de execução sumária).

Vejamos o que nos traz a esse respeito, um trecho extraído de uma reportagem televisiva³⁵, que a meu ver, retrata a relação entre os jogos e a violência:

Vinte dias de jogos, festas e premiações. Terminadas as disputas por medalhas de ouro, prata e bronze, uma "nova" disputa recomeça no Rio de Janeiro. Saem os atletas, entram em cena policiais e traficantes. Um dia após o término do Pan-Americano, comunidades como Jacarezinho, Vigário Geral e Morro da Mangueira já tiveram suas operações de ocupação retomadas.

Também no que se refere à figura do esportista grego, pode-se perceber algumas semelhanças significativas com nosso *modelo* de atleta atual. Bem como acontecia na Grécia, no Brasil hoje também se pode dizer que o atleta campeão torna-se um *semi-deus* aos olhos da mídia e do público em geral. Através da obtenção do sucesso na esfera esportiva, o atleta contemporâneo – muitas vezes oriundo de classes sociais menos favorecidas – acaba por ascender social e economicamente numa velocidade meteórica, sendo considerados legítimos *alpinistas sociais*.

Outro dado interessante e que tem se tornado bastante comum, em especial no que se refere aos projetos sociais esportivos desenvolvidos no Brasil, refere-se à iniciativa de parte de atletas consagrados nacional e/ou internacionalmente e bem sucedidos economicamente em desenvolverem iniciativas de caráter social ou ainda *emprestar* seu nome e sua imagem à ONG's, Fundações e/ou Empresas Socialmente Responsáveis que executam este tipo de projeto. Deste modo, estes atletas passam a servir de *exemplos-vivos* de como a conjunção entre a prática de esportes e o esforço pessoal pode render *bons dividendos*.

³⁵ Trecho de reportagem intitulada "Complexo do Alemão", transmitida pela Rede Record, no dia 05 de agosto de 2007, realizada pelo repórter Paulo Henrique Amorim, e produzida por Flavio Salgueiro, Antonio Carlos Ribeiro e Bruno Menezes.

Disponível em: http://www.rederecord.com.br/programas/domingoespetacular/conteudo_ver.asp?c=206

2.3 Surge um novo problema: a rivalidade motivada pelos jogos...

Retornando à Grécia Antiga, com o passar dos tempos, as competições esportivas que ostentavam o mérito de configurar-se no maior encontro pacífico do povo grego sofreram o que se poderia chamar de um processo de desgaste e/ou degradação de seus valores. Os jogos olímpicos, até então considerados uma solução em termos de manutenção da paz coletiva, começam a acarretar um outro tipo de problema: a rivalidade entre as cidades em busca do sucesso e da consagração esportiva (GODOY, 1996).

Torna-se interessante analisarmos o caráter cíclico e dialético que as atividades atléticas foram adquirindo no seio da sociedade grega: um instrumento de preparação para as guerras; um meio de pacificação contra as guerras; um novo pretexto a fomentar rivalidades e desavenças.

Na medida em que o profissionalismo se fortalecia – fomentado por sua vez pelo aumento da rivalidade – o sentido de *honra* cedia cada vez mais espaço para o *lucro*, sendo que os valores morais e religiosos, bem como os ideais de paz e fraternidade gradativamente desvirtuaram-se. Nesta nova configuração, os melhores atletas (semelhante ao que ocorria com os melhores escravos) passavam a ser disputados e negociados entre as cidades, sendo que aqueles que uniam ambas as funções (atletas e escravos) já não viam problema em trapacear nas provas atléticas quando seus donos prometiam-lhes liberdade em caso de vitória (CABRAL, 2004).

Começava a tornar-se perceptível o fato de que os atletas vencedores – os chamados “*olimpiônicos*” – não mais correspondiam ao protótipo do atleta equilibrado e perfeito, posto que passavam a se submeter a árduos processos de treinamento e exagerar na alimentação a fim de aumentar a capacidade gástrica e transformarem-se em “*montanhas de músculos*”. Por estes motivos, as classes consideradas *cultas* iniciavam uma campanha maciça contra os esportes ao considerarem que o atleta *super-treinado* era uma figura antinatural, que desprezava a busca da saúde em prol do sucesso pessoal. Galeno, médico do II século da era cristã, entendia que “enquanto montes de carne e sangue se acumulavam, o espírito chafurdava na lama” (GODOY, 1996, p.101).

Prenunciava-se assim, a partir deste movimento encabeçado pelos *homens cultos* da Grécia, a interrupção dos Jogos Olímpicos da antiguidade, o que viria a se efetivar em 393 da chamada Era Cristã. Para que possamos, porém, melhor entender o movimento que culminaria nesta ruptura, torna-se necessário compreendermos como se deu a inserção do esporte e dos jogos olímpicos numa outra cultura. Para tanto, nos transportemos para Roma Antiga, sob a regência do Império Romano.

2.4 O esporte na cultura Romana: a política do pão e circo...

Durante o Império, Roma viveu um período de grandes conquistas territoriais e expansão externa. Tendo dominado a Grécia em 146 a.C., os romanos adquiriram o direito de disputar os Jogos Olímpicos, fato que acarretou transformações substanciais nos valores e comportamentos dos esportistas, bem como no próprio formato das competições em si (GRIFFI, 1989).

Apesar do período de expansão e conquistas externas, internamente as políticas sociais eram muitas vezes sonegadas, causando a ira da população. Como forma de amenizar ou dissolver *tensões sociais* – evitando-se assim rebeliões e levantes populares – os governantes buscavam distrair e de certa forma *alienar* o povo por meio de espetáculos grandiosos que durava o dia todo. O imperador se fazia presente e, a fim de melhorar sua imagem perante o povo, tratava de providenciar a distribuição de guloseimas a todos os espectadores, entre estas cotas de pães e vinho – o que viria a se popularizar mais tarde como a Política do Pão e Circo (*panis et circenses*).

Na cultura romana, a vitória esportiva não mais estava condicionada às qualidades físicas e a técnica apurada dos competidores, mas sim ao prestígio social. Assim, qualquer nobre, ainda que desprovido de força e agilidade, intimidava seus competidores e tornava-se campeão. Além disto, ao contrário do caráter sagrado destinado pelos gregos aos festivais esportivos – no qual o esporte estava associado à saúde e ao enobrecimento espiritual, sendo a superioridade física considerada uma condição fundamental – na cultura romana, os Jogos Olímpicos soavam como uma

atividade ociosa. Como forma de se tornarem as competições mais atrativas, o *ócio* foi transformado em *negócio*³⁶ e os jogos foram transformados em espetáculos violentos e perigosos (GODOY, 1996).

Assim, as lutas contra animais ferozes e os combates de gladiadores³⁷, tornaram-se as modalidades esportivas mais apreciadas. Formados em sua maioria por escravos, os gladiadores participavam das competições ambicionando algo que para eles ia muito além das elevadas somas em dinheiro destinadas aos vitoriosos: competiam por sua liberdade. Se conseguissem sobreviver após três anos de arena, tornavam-se homens livres. O destino dos perdedores dependia sempre da decisão democrática do público – polegares para cima era o sinal de misericórdia; para baixo representava a morte imediata, porque na sociedade romana, *um lutador vencido não tinha nenhum valor* (CABRAL, 2004).

Façamos uma pausa a fim de procedermos, uma vez mais, aproximações de caráter histórico. Sugiro apenas que façamos algumas reflexões: *Na sociedade contemporânea, seria correto dizer que nossos atletas são cidadãos livres?* No caso de pensarmos num “sim” como resposta, o que dizer da submissão dos atletas aos desejos e obrigações perante seus clubes, treinadores, empresários, patrocinadores e até mesmo torcedores? Será que, através das cobranças constantes por melhores resultados (que acabam por influenciar muitos atletas a fazerem uso de substâncias que além de potencializar suas *performances*, potencializam riscos de morte) não estaríamos – ainda que indiretamente – influenciando os rumos de suas vidas, tal como os cidadãos romanos ao movimentarem seus polegares para cima ou para baixo?

Na visão de Betti (1991), a atividade do atleta contemporâneo encontra-se controlada por regulamentos e leis que restringem sua liberdade esportiva e civil: não pode mudar de clube à sua vontade, não pode escolher as competições que deseja participar. O esportista, segundo o autor, encontrar-se-ia *alienado* também com relação

³⁶ No que se refere à associação etimológica, a palavra *negócio* vem da combinação de *nec* + *otium*. No latim, *otium* é descanso, lazer, e a partícula *nec* é um advérbio de negação. Praticar o *não-ócio* é negociar, trabalhar para. Assim, pode-se dizer que foi a partir da transposição da cultura grega para a romana que o esporte se transformou em um negócio.

³⁷ Os gladiadores se enfrentavam usando como arma uma lâmina curta chamada de gládio; daí a origem do termo gladiadores.

ao seu treinador, totalmente submetido à sua autoridade, a quem pertence seu corpo. A própria atividade do esportista não seria livre e espontânea, mas sim a atividade da lógica esportiva.

Também na visão de Orlick (1989), as modalidades esportivas estão sendo estruturadas, a cada dia, com regras altamente rígidas e organizadas, de modo que a maioria dos esportes estimula o confronto em níveis tão exacerbados a ponto de eliminar a diversão e alegria de jogar. São regras, segundo ele, estruturadas para *eliminar pessoas* e para *produzir perdedores*, mais do que vencedores. Isto, por si só, torna os espetáculos esportivos em espaços de tensão e ilusão.

Ainda que tais visões possam parecer, à primeira vista, demasiadamente *deterministas* e ou *negativistas*, basta pensarmos que até poucos anos atrás os jogadores de futebol – um dos únicos esportes legitimamente profissionalizados no Brasil – podiam ser considerados *tipicamente escravos* de seus clubes. Escravidão esta *regulamentada* pelas determinações da chamada *Lei do Passe*³⁸ que fora instaurada no ano de 1976 – e que só viera a ser substituída no ano de 2001, pela chamada Lei Pelé³⁹ – sob intensa contestação por parte dos clubes e crônica esportiva de um modo geral.

Além disto, não são raros os casos em que clubes de futebol ou de outras modalidades esportivas contratam *seguradoras* para resguardar partes do corpo de seus atletas, como forma de obter algum benefício financeiro em caso de lesão. Além disto,

³⁸ Cabe ressaltar o fato de que, no caso do futebol profissional brasileiro, até recentemente (1998) o atleta não tinha o direito escolher livremente o seu empregador (clube). A chamada Lei do Passe [Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976] que dispunha, entre outros fatores, sobre as relações de trabalho do “atleta profissional de futebol”, previa que o mesmo praticasse o futebol sob a subordinação de seu empregador, mediante “qualquer modalidade de remuneração”; entendendo-se subordinação pelo estado de dependência ou obediência em relação a uma hierarquia, de posição ou valores. Assim, o atleta – cujo trabalho consistia, segundo o art. 6º desta lei, em “adestramento e exibição”, tinha seu passe considerado um “direito cativo” do clube que tivesse cuidado de sua formação, até que o mesmo “tendo prestado 10 (dez) anos de serviço efetivo ao seu último empregador”, alcançasse a idade de 32 (trinta e dois) anos (art. 26). Idade esta que, levando-se em conta os padrões atuais, um atleta passa a ser considerado “velho” e praticamente incapacitado para o esporte competitivo.

³⁹ Com o advento da chamada Lei Pelé [Lei nº 9.615 /1998], cuja entrada em vigor se deu somente em 26 de março de 2001, ficou instituído o sistema do passe livre, segundo o qual, cessado o contrato de trabalho, cessa também o vínculo desportivo; ou seja: o regime do passe é substituído pelo da cláusula penal, que prevê uma multa a ser paga ao time no caso de o jogador sair do clube antes de findo o contrato. Certamente, não deve ter sido por *força do acaso* que, no Brasil, o regime de escravatura perdurou por mais de três séculos, tendo sido o último país das Américas a abolir a escravatura. Dada a herança de mais de trezentos anos de escravidão e a precariedade das condições sociais e de trabalho na atualidade, há quem diga que a senzala brasileira apenas aumentou de tamanho, de um modo que inclui agora não apenas os negros, mas uma parcela significativa da população.

podem-se estabelecer cláusulas contratuais com o objetivo de restringir atividades nas vidas pessoais dos atletas, atividades estas que possam vir a causar impedimentos, incapacitações físicas e/ou em prejuízos de quaisquer ordens em sua atuação profissional. Tornaram-se comuns, por exemplo, proibições de uso de motocicletas, participações em esportes de aventura ou prática de esportes em âmbito não-profissional. Pode-se dizer, inclusive, que tais medidas hoje já se configuram numa *tendência* adotada internacionalmente. Diante disto tudo, seria correto falarmos em liberdade?

Bourg, 1995 (citado por OLIVEIRA, 2001) entende que na esteira das mudanças nas ordens econômicas, o esporte moderno encontra-se submetido a uma lógica produtivista (o rendimento) e a seu modo de avaliação (a moeda), ao passo que a ideologia do mais vale competir do que ganhar deixou de refletir o interesse geral. E escreve de modo crítico e contestador:

É preciso vencer sim, a qualquer custo. As massas desejam recordes que igualem os esportistas aos super-heróis patrocinados por grandes empresas, que investem em tecnologia para esses homens aprimorados correrem cada vez mais, nadarem cada vez mais, pularem cada vez mais e venderem cada vez mais os produtos que são consumidos pelas massas, que aí se imaginam um pouco super também, fechando-se assim o ciclo. (p.92).

Retornando à história da Antiguidade, trago um exemplo interessante que bem ilustra a proporção das transformações ocorridas nos Jogos Olímpicos após a ascensão romana. Conta-se que Nero – o imperador – por ocasião da duocentésima-décima-primeira olimpíada, teria alterado propositalmente o período dos Jogos de modo que coincidissem com uma viagem que faria à Grécia. Competiu em uma corrida de carros denominada *quadriga* – que de acordo com as regras deveria ser puxada por quatro cavalos – mas que no seu caso particular foi puxada por dez cavalos. Apesar de ter caído várias vezes e não alcançado a linha de chegada, sagrou-se vencedor e foi proclamado *olimpíônico* por um único detalhe: não havia outro concorrente⁴⁰ (GODOY, 1996).

⁴⁰ Com relação ao ocorrido, resta a dúvida histórica se Nero havia proibido qualquer outra inscrição além da sua, ou se os demais competidores, temerosos, teriam desistido de competir assim que o imperador anunciou que participaria da prova.

Torna-se perceptível entender que, com todas estas mudanças na maneira de ser e viver dos povos, as competições esportivas deterioravam-se cada vez mais. Aumentava, a cada dia, o interesse pelas provas de lutas entre escravos, sendo que as provas puramente atléticas tornavam-se desinteressantes. Esportistas e guerreiros – já despreocupados com sua condição física – trocavam os longos períodos de treinamentos pelos prazeres dos grandes banquetes, onde a conjunção entre a fartura de comidas, vinhos e danças redundava nos chamados bacanais – festividade característica do período Imperial. A tal ponto que um poeta satírico chamado Juvenal, apresentando em suas obras contrariedade em relação aos vícios do Império Romano, imortalizou a célebre frase *“mens sana in corpore sano”⁴¹*, popularmente conhecida como uma das *máximas* utilizadas no incentivo à prática de esportes (IDEM, p.110). Em 393 da era Cristã, os Jogos Olímpicos da antiguidade foram abolidos oficialmente.

2.5 A grande ruptura: o Olimpismo em decadência...

Para além da conjunção dos fatores anteriormente expostos, poucas fontes historiográficas se detêm sob os fatores que teriam motivado decisivamente a interrupção dos Jogos Olímpicos, abolidos oficialmente pelo então imperador Teodósio I, “O Grande” em 393 da era Cristã.

Godoy (1996) foi o único entre os autores consultados que, surpreendentemente, atribui ao declínio da filosofia grega e ascensão do cristianismo e da chamada ideologia cristã como um dos fatores determinantes para a interrupção dos jogos. Mas como o cristianismo interferiria decisivamente no universo esportivo?

Segundo ele, em 390, dez mil gregos que reivindicavam sua liberdade foram exterminados pelo exército a mando de Teodósio, imperador de Roma. Após este assassinato em massa, teria este imperador sido acometido por grave enfermidade. Em desespero recorreu a Ambrósio, bispo de Milão, pedindo boa saúde e paz, tendo

⁴¹ No entanto, dadas às circunstâncias em que o esporte vinha sendo praticado na época, e a personalidade irônica de Juvenal, alguns autores põem em dúvida o *sentido* que ele teria pretendido imprimir a essa frase.

recebido como sugestão converter-se ao cristianismo. Assim o fez e curou-se. Então, em reconhecimento, resolveu atender a todas as solicitações do bispo, que lhe pediu a extinção das festas pagãs. Sendo os Jogos Olímpicos naquela época, nada além de manifestações dessa espécie, Teodósio aboliu uma das mais extraordinárias contribuições da Grécia para a História.

Deste modo, “*sem pompas nem glória*”, chegava ao fim a chamada Era Olímpica, que fora durante 12 séculos um fator de unidade da civilização grega (TODT, 2007, p.221).

Após este fato, Olímpia viria a sofrer a invasão dos bárbaros, sendo saqueada e tendo suas edificações destruídas. Cem anos mais tarde, viriam terremotos que fariam desmoronar suas ruínas e enchentes que fizeram submergir os vestígios que ainda restavam da sede dos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Assim, Olímpia dormitaria no silêncio e no esquecimento por mais de mil anos (GODOY, 1996).

2.6 A redescoberta dos jogos

O Renascimento, ocorrido na Europa entre os séculos XV e XVI, trouxe à tona os ideais humanistas que, dentre outros valores, propunha a valorização da Antiguidade. Ocorre assim a redescoberta da cultura greco-romana e juntamente a idéia de que a prática de exercícios físicos era algo salutar (IDEM).

Mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, sob as influências dos pensadores Iluministas, o poder da Igreja entra em declínio, sendo que a visão de homem e as concepções educacionais passam por novas modificações. Um destes pensadores - Jean Jacques Rousseau – acreditava que a criança deveria ser educada livre das influências dos pais e das instituições da sociedade em especial a Igreja, considerada grande condutora de ideologias da época. Rousseau valorizava uma educação pautada na autonomia da vontade e da razão e na formação moral e cívica do jovem. Estes ideais podem ser considerados condições que possibilitaram a emergência da Educação Física na sociedade da época. Inicialmente, isto se deu por meio das Escolas Ginásticas, que

surgiram na Europa no início do século XIX e desenvolveram-se simultaneamente em diversos países tendo por objetivo o desenvolvimento pedagógico, higiênico e militar do homem, buscando preparar os jovens para a vida e para a prestação de serviços à sociedade (MARINHO, 1980).

Para estudiosos como Allen Guttman, 1978; Jean-Marie Brohm, 1976 e Richard Mandell, 1986 (todos citados por STIGGER, 2002), a invenção do esporte moderno está diretamente vinculada ao processo de industrialização em curso na Inglaterra do século XIX. Primeiramente, se faz importante compreender que a Revolução Industrial significou uma ruptura no pensamento e nos modos de vida humanos, provocando paralelamente uma série de modificações no mosaico social inglês e, conseqüentemente uma série de conflitos que precisavam ser solucionados. Temendo a articulação de tendências revolucionárias, propiciadas pelas experiências entre os jovens aristocratas e os filhos de operários, os governantes entendiam ser necessária uma reforma que pudesse *desviar* a atenção dos jovens dos problemas políticos e sociais, que se pressupunha pertencerem à alçada exclusiva dos governantes. Acreditando que o esporte, além de arrefecer tendências revolucionárias, desenvolveria nos alunos autoconfiança e senso de responsabilidade, Thomas Arnold introduziu uma reforma educacional que previa a prática regular de atividades físicas. O esporte era então concebido como uma atividade essencial à preparação do jovem com vistas à entrada na vida adulta (GODOY, 1996).

À medida que a sociedade inglesa se transformava pelo processo da industrialização, algumas das suas características (a racionalização, a estandardização e a precisão de medições) integravam-se cada vez mais na vida e na cultura inglesas, o que viria também a caracterizar – mais do que noutros períodos – os passatempos populares. Esta nova concepção de esporte passa então a ser difundida por todo o mundo, com especial receptividade nos Estados Unidos da América, na medida em que a prosperidade da sociedade inglesa é vista como modelo para as demais (STIGGER, 2002)

Assim, o esporte moderno estaria vinculado a aspectos político-ideológicos, relacionados com as novas condições culturais e materiais presentes também no desenvolvimento industrial e com as adaptações psicológicas para a vida moderna: a

ênfase em resultados, objetivos racionais, organização, burocracia, disciplina, autoridade, competitividade, ideologia democrática, meritocracia. Segundo Mandel, 1986 (apud STIGGER, 2002) o esporte contém mensagens intrínsecas em favor do mérito, da democracia e do êxito verificável, valores que, segundo ele, não têm funcionado nem no esporte nem na sociedade moderna.

Já para Dunning e Elias (1995) o esporte moderno é compreendido como o resultado do processo de civilização ocorrido na Inglaterra do século XVII, cujo aspecto central residiria no *aumento das sensibilidades em relação à violência*. Entendem estes autores que a aversão à violência por parte do Estado Inglês, se refletiu nos hábitos sociais dos indivíduos, sendo substituída pela *violência simbólica*. Assim, da mesma forma que a arte da guerra era substituída pela retórica e pela negociação, os passatempos recebiam regulamentações que visavam controlar a violência, controle este que se dava tanto por parte do Estado como também de forma autocoercitiva, à medida que os indivíduos aprendiam a dominar suas próprias emoções.

Interessante, no entanto, o modo como se deu a incorporação destes preceitos ao esporte moderno. Nas escolas aristocráticas inglesas ou *Public Schools*, a educação era rígida e formal tendo em vista a preparação dos futuros dirigentes políticos, empresários e legisladores ingleses, tendo sido esta a instituição responsável pela regulamentação do esporte moderno. Nos períodos de tempo livre, os *jovens lordes ingleses* tinham autonomia de escolha de suas atividades e acabavam, assim, por buscar entretenimento em atividades de *moral duvidosa*: cometiam atos de vandalismo como invasão de propriedades, arruaças, abuso de bebidas alcoólicas e envolviam-se com a prática dos até então chamados *jogos de recreação populares*, que na falta de regras podiam ser disputados de forma violenta e vulgar. Em decorrência disto, gerava-se uma má fama em torno da escola e seus alunos. Isso despertou a necessidade da efetivação de uma reforma educacional nas escolas aristocráticas inglesas, sobretudo no que se referia às atividades exercidas no tempo livre dos alunos (GRIFFI, 1989).

Assim, sob a iniciativa e liderança do pedagogo e sacerdote Thomas Arnold, diretor do colégio de Rugby, teve início uma série de regamentos destinados às atividades e jogos esportivos, com o objetivo de reduzir a violência e atribuir valores

educacionais às práticas esportivas, desenvolvendo valores de liderança e disciplina nos futuros dirigentes ingleses. A linha pedagógica adotada em Rugby teve destaque e configurou-se rapidamente em modelo para todo o sistema de educação das escolas inglesas, tornando o esporte um componente curricular fundamental e obrigatório (GODOY, 1996). Um aspecto inusitado é que a sistematização dos jogos populares acabou sendo implantada por parte daqueles que anteriormente foram o alvo de sua idealização – os agora legisladores e empresários formados pela linha educacional de Rugby. Foram eles que implantaram leis, lançaram campanhas e toda uma *maquinaria* de técnicas e práticas contra os jogos populares, sempre sob o pretexto de melhorar a saúde, combater vícios e mais: sob a acusação de incitarem a violência e ocasionarem faltas no trabalho, causando assim inúmeros prejuízos ao sistema de produção industrial capitalista (SIGOLI e JUNIOR, 2004).

Na visão crítica de Bracht (2003) a regulamentação da prática esportiva atendeu, sob diversos aspectos, aos interesses de doutrinação e de dominação da burguesia inglesa junto ao proletariado: instaurava-se, desta feita, o uso do esporte para desenvolver valores como o respeito às normas e a hierarquia, a disciplina e o rendimento – a higienização e a melhoria da saúde supostamente seriam pretextos para a obtenção destes fins. Segundo ele, as escolas estatais – que por determinações do governo incluíam o esporte em seus programas, e a igreja – que a fim de atrair fiéis, construía campos de futebol ao lado das igrejas, promovendo disputas após as cerimônias religiosas – podem ser consideradas agentes propagadoras do esporte moderno.

Com o desenvolvimento das atividades esportivas, no final do século XIX, vieram as ligas e os campeonatos, fazendo surgir a figura do espectador esportivo, bem como a construção de estádios que comportassem um número cada vez maior de torcedores. Há boas razões para se pensar que tenha sido por volta desta época, que o esporte começa a ser utilizado como veículo para a alienação de trabalhadores. As fábricas, notando o interesse crescente de seus funcionários pelas atividades esportivas, organizavam campeonatos após o expediente, geralmente aos sábados, quando os funcionários dirigiam-se aos estádios para praticar ou assistir aos jogos das equipes de suas fábricas. A disputa entre as empresas, gerava um sentimento de coesão e fidelidade entre o

trabalhador e a fábrica, ao mesmo tempo em que desviava a mente dos trabalhadores dos problemas empregatícios e de organizações sindicais. Os operários que se destacavam nas equipes esportivas recebiam benefícios tais como dias de folga, horários especiais para treinamento e bonificações extras (SIGOLI e JUNIOR, 2004).

Na esteira das multidões que se dirigiam aos estádios esportivos, surge o interesse jornalístico sobre os jogos e competições esportivas. Inicialmente limitados a noticiar os resultados, os jornais passam a perceber o interesse dos leitores pelas temáticas esportivas e criam novos espaços tais como colunas especializadas, crônicas, entrevistas com atletas, que passavam a embasar e dar margem as discussões populares sobre esporte no cotidiano. Os órgãos governamentais, percebendo por sua vez o poder de abrangência do esporte também passam a fazer uso de suas estruturas por meio da estatização das entidades esportivas, trazendo a tona o patriotismo e sentimento de nacionalidade, sobretudo com a convocação de seleções para a disputa de campeonatos internacionais. O estado, num processo de transfusão, recebia por meio do esporte valores como prestígio político e econômico (IDEM).

Devido ao fato de, durante o século XIX, a Inglaterra ter se firmado como a grande potência imperial do mundo e em face de seu imenso poder econômico (decorrente da grande produção industrial e da soberania de sua marinha), a expansão de seus domínios por todas as partes do globo possibilitou a exportação de tecnologia e empresas para áreas consideradas colônias inglesas. E foi junto a essas empresas que o modelo esportivo inglês foi exportado para o mundo, favorecendo assim a difusão cultural junto aos países dependentes da Inglaterra (RUBIO, 2001).

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de todo o texto é contar histórias, ainda que não haja intenção do autor. Irremediavelmente, na medida em que um leitor percorre seu olhar pelas linhas distribuídas em algum pedaço de papel, seja de um texto literário, científico técnico ou de outra classificação qualquer, surgem personagens, regras, medidas, saberes. Sendo assim, há tipos distintos de histórias – aquelas com as quais os olhos estão acostumados e os demais sentidos familiarizados; e aquelas mais selvagens, subdivididas em duas espécies: as passíveis de domesticação e as quase completamente indomáveis. (COIMBRA, BULCÃO, et all, 1992)

Conforme se buscou demonstrar neste *exercício de construção* de uma narrativa histórica a partir de algumas estratégias benjaminianas e foucaultianas, o esporte foi sendo forjado pelos diferentes usos e significações a ele atribuídos nas diferentes culturas, em diferentes momentos históricos. É, portanto, fruto de um processo sócio-histórico-cultural.

Com base em fontes historiográficas distintas que aqui foram sendo “forjadas, lidas e exploradas” a partir dos “filtros do presente” (GOELLNER, 2005, p. 80), foi possível articular algumas aproximações entre eventos distintos e/ou distantes temporal e culturalmente no decurso do que se poderia chamar de *historiografia oficial* relativa ao esporte.

Na medida em que se assumiu a proposta de “escovar” algumas memórias e histórias do esporte “à contra-pelo”, tal qual sugerido por Walter Benjamin (1994), buscou-se apresentá-lo sob uma ótica não essencialista.

Levando-se em conta as diferentes faces do esporte aqui examinadas, podemos considerar um equívoco as inúmeras polarizações a que, historicamente, o esporte vem sendo submetido na sociedade. Pois se insistimos em dizer que o esporte é um instrumento de promoção da paz e conagração entre os povos, cabe lembrar que é, na mesma medida, passível de se tornar um instrumento de discórdia e de guerra. Já não podemos considerá-lo meramente como uma atividade de ócio sem lembrar que, em inúmeras circunstâncias, tem sido usado como um grande negócio.

Assim, abdicando de uma visão singular e pensando o esporte mais sob uma ótica plural pode-se compreender que:

Um sentido do desporto por si mesmo não existe; decorre das valorações que ligam as pessoas ao desporto. O sentido do desporto é variado e multidimensional (BENTO, apud STIGGER, 2002, p. 33).

Tomando por base as conceituações de história tecidas por Foucault e Benjamin, busquei descrever, a partir de uma perspectiva historiográfica, algumas das práticas e técnicas por meio das quais as atividades esportivas foram se inserindo na sociedade desde a antiguidade até o momento atual. No entanto, cabe abrir um parêntese no que se refere à noção de descontinuidade histórica e o exercício de narrativa histórica que foi aqui empreendido. Estou ciente de que a opção por percorrer e narrar algumas memórias e histórias do esporte tomando como ponto de partida os Jogos Olímpicos criados na Grécia Antiga, passando por sua inserção na cultura romana, sua ascensão e expansão na Inglaterra (a partir da Revolução Industrial) e sua *chegada ao Brasil*, possa ser tomada pelos leitores (em especial os *foucaultianos*) como *resquícios* de um modelo de pensamento ainda *linear*, como uma *incoerência* ou mesmo como um *deslize* de caráter *teórico-conceitual*, na medida em que a narrativa tende a assumir, nestes moldes, uma *aparência* um tanto temporal, linear e/ou cronológica.

De minha parte, cabe apenas argumentar que o exercício a que me propus consistiu em *perseguir rastros e as pegadas* deixadas pelo esporte ao longo dos diferentes momentos históricos e das distintas culturas nas quais ele se foi produzindo. Ao persegui-lo *de lá pra cá* (indubitavelmente dentro de uma certa perspectiva de temporalidade), objetivei evidenciar rupturas e colher algumas migalhas que por ventura tenham ficado dispersas pelo caminho ou guardadas no esquecimento e que, a meu ver, tenham se mostrado capazes de auxiliar na compreensão desta atual configuração de esporte, especialmente no que se refere a sua insurgência nas políticas sociais destinadas à juventude no Brasil, nestas últimas décadas.

Como bem expôs Fischer (1996), o fato de fixar datas e locais numa narrativa histórica não significa necessariamente empreender a demarcação de um ponto de

partida ou de dados definitivos. As datas e locais podem e devem ser entendidos como *referências* que se ligam às condições de produção de um dado discurso, que se enuncia diferente e que se torna *outro* em cada um desses lugares e instantes. Faço minhas as palavras da autora:

Não se trata de forma alguma de fazer interpretação cronologista nem de ir situando os elementos, como se fosse possível uma seqüencialidade. Uma coisa é tratar de domínios como *os* de atualidade, memória e antecipação; outra é afirmar que há um “antes-agora-depois”, disposto numa linearidade fundamental. Aqueles domínios, considerados e operacionalizados, permitirão caracterizar o que se repete, o que instaura rupturas, o que se transforma, o que está nas fronteiras de um determinado campo (p.121).

Um outro aspecto que gostaria de ressaltar, por entender que possa ter soado como controverso, refere-se às possibilidades de associações entre as diferentes culturas e momentos históricos que foram aqui apresentados. Segundo o antropólogo e historiador Guarrinello (2005), seria um grave equívoco pensar em termos de continuidade do mundo antigo, de repetição de experiências passadas ou ainda de um desenvolvimento progressivo que uniria o mundo contemporâneo ao antigo, tendo em vista o simples fato de que se trata de *mundos diferentes*. Referendando esta compreensão, entendi como viável proceder a algumas *aproximações* entre as memórias do esporte em diferentes culturas ao longo de diferentes momentos históricos, como forma de iluminar nossa compreensão sobre este fenômeno na atualidade, desde que – obviamente – preservando a consciência desta distinção. Com estas aproximações não pretendi apontar para *continuidades* ou *repetições* de eventos históricos, mas sim para os modos como alguns destes eventos se *atualizam* no transcorrer da história.

Necessário também salientar que abduco de imediato de toda e qualquer *suposta pretensão* em buscar subtrair das memórias do esporte uma *única história* factual e cronológica. Vejo isso sob dois aspectos.

O primeiro deles refere-se ao fato de que – a fim de fazer jus às perspectivas teóricas aqui apresentadas – a incursão histórica que procurei empreender jamais se pautou numa suposta existência da “*História do Esporte*”. Partiu sim da convicção de que são *muitas as histórias* existentes e passíveis de serem narradas, dependendo tanto do

referencial teórico por detrás do olhar do narrador como também das fontes acessadas (GOELLNER, 2005).

O segundo aspecto justifica-se na medida em que, ao vasculhar as histórias e memórias do esporte sem o intuito de reproduzir uma história factual do esporte, acabei por colocar em funcionamento uma outra narrativa. Narrativa esta que, se por um lado não se pautou na busca por *uma verdade* supostamente existente, pautou-se por outro lado, na construção de *uma verdade interna ao texto* (ou uma coerência textual, como queiram) produzida a partir de *novos arranjos* aplicados aos fragmentos das histórias e memórias revisitadas.

Aproximo-me assim da compreensão de Jenkins (2004, citado por GOELLNER, 2005) para quem a narrativa histórica é uma construção que se dá no presente, a partir de fontes historiográficas que são também construções do presente na medida em que são *“forjadas, lidas e exploradas no presente, com os filtros do presente”* (p.80). Uma história que não se pauta numa linearidade, por meio da qual fenômenos vão acontecendo, desenvolvendo-se ou evoluindo; ao contrário, história e memória são compreendidas como:

[...] campo pleno de avanços e recuos, contradições, persistências e rupturas” que na medida em que não nos aprisionam ao passado “nos conduzem à indagar e melhor compreender o presente (IDEM, p. 80).

Neste estudo, inspirada na construção de narrativa histórica benjaminiana e foucaultiana, foram feitas articulações entre eventos pertencentes a diferentes temporalidades a partir de elementos comuns evidenciados entre eles. Busquei com isso outras possibilidades para a compreensão do esporte dentro de uma perspectiva histórica atual, buscando conseqüentemente, compreender a própria *especificidade histórica* dessa atualidade.

Lembrando que Walter Benjamin construiu uma perspectiva histórica por meio da qual vislumbrava como possível trabalhar com analogias entre diferentes temporalidades. Buscava assim desmistificar o *pensamento ilusório* de que se poderia recuperar o passado em sua totalidade e como ele de fato acontecera. Nas palavras do autor:

[...] o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido (p.224), sendo que (...) nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios (BENJAMIN, 1994, p. 232).

Finalizando, podemos entender com isso que, o estudo do passado passa a fazer sentido na medida em que se parta de questões que estão sendo apresentadas pelo tempo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. – 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter, in NETO, Amarílio Ferreira; GOELLNER, Silvana Vilodre. **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.
- _____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- BRASIL. LEI Nº. 6.354, DE 2 DE SETEMBRO DE 1976.
- CABRAL, Luis Alberto Machado. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga: Olímpia Antiga e os jogos olímpicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- CARTLEDGE, Paul. **História ilustrada da Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.
- COIMBRA, Cecília M. B.; BULCÃO, Irene; et all (1992). **Uma história: afirmações de um grupo sujeito**. In: NASCIMENTO, Maria L. do N. (Org.) Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política. Niterói: Departamento de Psicologia – UFF, 1994/1995.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- COUBERTIN, Pierre de. **Memórias Olímpicas**. Lausane, Bureau Internacional de Pedagogia Desportiva, 1965.
- DUNNING, Erick; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado, 1996.

FUNARI, Raquel dos Santos (2005). **Comentários sobre as “Teses sobre a Filosofia da História”, de Walter Benjamin.** Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=25>> Acesso em: 24 jun. 2007.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.** São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Locais da memória: histórias do esporte moderno.** Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.1, p. 79 - 86, jul./dez., 2005.

GRIFFI, Giampiero. **História da Educação Física e do Esporte.** Porto Alegre: Luzzato, 1989.

GUARRINELLO, Norberto Luiz. **Cidades-estado na antiguidade clássica.** In: PINSKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi (orgs.). **História da cidadania.** São Paulo: Contexto, 2005.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Walter Benjamin e Michel Foucault: a importância ética do deslocamento para uma outra história.** Revista Comum (Rio de Janeiro), v. 9, p. 56-75, 2004.

LOWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin.** Estudos avançados. São Paulo, v. 16, n. 45, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 out. 2007.

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física e Desportos no Brasil.** São Paulo: Cia Brasil Editora, 1980.

MELO, Victor de Andrade. **Historia da educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas.** São Paulo: IBRASA, 1999.

MITROVITCH, Caroline. **A destruição construtiva da história.** Publicada em 03.12.04 - Última atualização: 13 agosto, 2005. Revista Urutágua: Maringá/PR Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br//007/07mitrovitch.htm>> Acesso em: 12 nov. 2007.

MOVIMENTO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Carta aberta: Inimigos não mandam flores,** Brasília, 06 de julho de 2007. Disponível em: <<http://www.concepto.com.br/cclf/admin/modules/noticia/?id=190>> Acesso em: 23 jun. 2007.

MURICY, K. **Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **A reinvenção do esporte**: possibilidade da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PETERS, Michael. Pós-Estruturalismo e a filosofia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, António Souza. **Walter Benjamin**: pensador da modernidade. Conferencia proferida em março de 1994 (Encontro da Associação de Professores de Filosofia). Disponível em: < <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/041/041.pdf> > Acesso em: 04 jul. 2007.

RIBEIRO, Tiago Barbosa (2003). **Walter Benjamin, a história dos vencidos e a guerra civil espanhola**. Disponível em: <<http://socioblogue.weblog.com.pt/arquivo/013214.php>> Acesso em: 06 jul. 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: C. Letras, 1987.

RUBIO, Kátia. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SCHNEIDER, Roque. **A fascinante Grécia**: seus jogos olímpicos, seus heróis e sua mitologia. São Paulo : Loyola, 2004. 117 p

SIGOLLI, André Mário; JUNIOR, Dante de Rose. **A história do uso político do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v.12, n.2, p. 111-119, junho de 2004.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores associados, 2002.

TODT, Nelson Schneider. **Jogos olímpicos da antiguidade**: o festival panelênico e seus diversos significados. In: Ética e compromisso social nos estudos olímpicos. (organizadores) RUBIO, Kátia... [et al.]. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SESSÃO II – JOVEM CARENTE? ESPORTE URGENTE!

O MITO DO ESPORTE COMO SALVAÇÃO

PRÓLOGO

“As **crianças e os jovens carentes** necessitam de urgentes providências dos poderes públicos e da sociedade em geral para que tenham oportunidade de freqüentar a escola **e, nos momentos disponíveis, ocupação sadia**, que possam ensejar a sua orientação segura para que venham a se constituir nos homens de amanhã, trilhando o caminho do trabalho e do respeito ao próximo, sendo úteis à sociedade.

Os representantes do povo devem procurar iniciativas que possam evitar que as crianças e os jovens possam ingressar nos caminhos da violência e da criminalidade, que estão tornando a vida insuportável, e este Projeto de Lei é mais um dos caminhos para amenizar a atual situação de insegurança que atravessamos.

Educação, saúde e disciplina, dentre outros temas, são ainda mais imprescindíveis hoje para a boa formação dos cidadãos de amanhã, e para que haja mais paz e melhores condições de vida para toda a população.

A falta de ocupação sadia, a vadiagem, a ausência da presença do poder público e do apoio correto da sociedade facilitam o descaminho de muitos e medidas urgentes precisam ser tomadas já e com intensidade.

A colaboração dos nobres colegas Deputados e a urgência na tramitação do presente Projeto de Lei visa contribuir de forma significativa para abreviar providências e, provavelmente, propiciar de certo modo e em determinado tempo um futuro melhor para todos nós.”

Plenário da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, 23 de julho de 2007.

Carlomano Marques
Deputado Estadual
PMDB

Citação literal da justificativa utilizada para implantação de Projeto de Lei Nº. 189/07 que criou o PROGRAMA ESPORTE TOTAL, no Estado do Ceará.

INTRODUÇÃO: POR ALGUMAS POSSIBILIDADES DE SIGNIFICAÇÃO...

No capítulo que se segue, foi feito um esforço de síntese no sentido de operacionalizar idéias e converter em *produto final* todo ‘intenso’ e ‘extenso’ processo com o qual me vi ‘imersa’ durante os últimos dois anos, período em que se efetivou⁴² a realização deste estudo. Importa registrar, no entanto, que este produto final não se trata de uma análise sumária, estruturada, categorizada, tampouco explicativa do fenômeno estudado. Longe de se caracterizar em *resultados conclusivos de um estudo*, as análises aqui empreendidas oferecerão *algumas possibilidades de significação* para o que vem sendo *dito e visibilizado* acerca do esporte numa perspectiva sócio-educativa.

Retomando a lógica de construção narrativa benjaminiana e foucaultiana anteriormente apresentada, a produção textual que se segue foi elaborada desrespeitando seqüencialidades temporais ou cronológicas. Assim, a partir de fragmentos de textos, falas, depoimentos, descrição de imagens extraídos do *corpus em análise*, busquei discutir *modos* como se vão tecendo múltiplos discursos acerca da importância do esporte para a vida dos chamados “jovens carentes”.

Diante da quantidade ‘expressiva’ de produtos que acabaram por compor o corpus desta pesquisa – produtos estes oriundos três⁴³ diferentes espaços de enunciação – análises individualizadas e pormenorizadas foram preteridas. Buscou-se sim estabelecer um feixe de relações e articulações capazes de evidenciar algumas possíveis associações, divergências e/ou incongruências contidas nos discursos.

Em vista disso, as análises contidas nesta sessão do estudo foram empreendidas a partir de fragmentos de falas e de textos, pinçados dos diferentes produtos examinados. Considerando a inviabilidade de disponibilizá-los *na íntegra*, foram feitas algumas *operacionalizações*, cujo objetivo foi tornar a discussão das análises *visualmente*



⁴² Na verdade, entendo que este estudo começou a ser delineado e construído já há alguns anos atrás, quando do início de minha trajetória profissional como psicóloga na área dos projetos sociais esportivos. Esta instigante experiência fortaleceu meu vínculo com a temática desta pesquisa.

⁴³ A saber: a mídia televisiva (esportiva e jornalística), a mídia eletrônica institucional de um programa social esportivo e um documento oficial de domínio público emitido por um Organismo Internacional.

demonstrativa. Tais operacionalizações serão apresentadas por meio dos quadros, conforme se segue:

- Quadro demonstrativo nº1: Contém informações acerca de cinco episódios de campanha de conscientização e transmissão de valores através do esporte, extraída da mídia televisiva. Consta neste quadro o título de cada matéria analisada, o programa ou canal televisivo na qual a mesma foi exibida, seu tempo de duração e a data em que foi *capturada* do site da emissora.









Quadro 1 - Campanha de conscientização através do esporte, Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

N	Programa /canal	Título da matéria	Duração	Data
1		VT Rio 2007: o Pan do Brasil – União: com Bernardinho	00:00:31	15/05/2006
2		VT Rio 2007: o Pan do Brasil - Cidadania: com Giovane Gávio	00:00:30	22/03/2006
3		VT Rio 2007: o Pan do Brasil - Solidariedade: com Gustavo Borges	00:00:32	20/03/2006
4		VT Rio 2007: o Pan do Brasil - Respeito: com Flávio Canto	00:00:32	11/03/2006
5		VT Rio 2007: o Pan do Brasil – Disciplina: com Torben Grael	00:00:30	12/03/2006

FONTE: Emissora Rede Globo de Televisão

- Quadro demonstrativo nº2: Contém informações acerca das matérias *capturadas* do portal de notícias G1 (título da matéria, programa ou canal na qual a mesma foi exibida, o tempo de duração e a data de sua exibição).

Quadro 2 - Matérias extraídas da mídia televisiva

N	Programa /canal	Título da matéria	Duração	Data
1	SPORT TV 	Esporte Cidadão: Pequenas ginastas treinam por um futuro melhor. Confederação brasileira de ginástica desenvolve trabalho social em Curitiba	00:04:04	09/04/2006
2	Esporte Espetacular 	Esporte cidadão: Flávio Canto leva o judô à Rocinha Medalista olímpico desenvolve um projeto vitorioso na maior favela da América latina.	00:04:51	12/11/2006
3	Globo Esporte 	Esporte cidadão – Tênis na comunidade da Mangueira Carlos Alberto Kyrmaier desenvolve projeto para as crianças carentes	00:04:07	16/04/2006
4	SPORT TV 	Esporte cidadão: no sul a vela mostra o caminho para uma vida melhor. Jovens carentes aprendem marcenaria náutica e aprendem a velejar.	02:02:45	30/03/2006
5	RJTV 	“Uma promessa para a natação do Brasil”: Especialista no nado borboleta, Jonatan Azevedo ganhou uma bolsa de estudos graças ao esporte.	00:02:17	07/09/2006
6	Ação 	Espaço Pequeno Cidadão dá vida digna para crianças e jovens de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Projeto existe há 9 anos e é mantido por empresas. Oferece cursos de computação, dá reforço escolar, merenda e esporte para crianças e jovens.	00:04:43	27/03/2006
7	Jornal Nacional 	Bate-Papo: a inclusão social pelo esporte Professor de educação física treina 400 atletas carentes em modalidades de atletismo. Mais do que promover a inclusão social e afastar os jovens do crime, ele quer fazer do Brasil um celeiro olímpico.	00:10:26	04/03/2006
8	Globo Esporte 	Legado Social do Pan: dois mil jovens de áreas carentes começam o treinamento para o pan 2007	00:03:02	24/05/2006
9	SPORT TV 	Da favela para a faculdade de engenharia – Aluno de projeto solidário trabalha como garçom para pagar parte da faculdade	00:02:47	29/09/2006
10	SPORT TV 	Educação, ética e cidadania transformados pelo esporte. Novos valores apresentados pelo esporte influenciam a formação pessoal e profissional de jovens.	00:04:21	29/09/2006
11	SPORT TV 	Mais de 200 famílias são beneficiadas pela associação esporte solidário – além da educação através do esporte, o projeto oferece oportunidades profissionais.	00:05:23	29/09/2006
12	SPORT TV 	Conheça o esporte como ferramenta social: projeto visa tirar crianças da rua e ensina-las no esporte.	00:05:28	29/09/2006

13	Bom Dia Brasil 	Pan 2007: a soma de educação e esporte Numa escola municipal do Rio de Janeiro, crianças têm aulas de ginástica artística dentro e fora do horário escolar. Mas para participar, é preciso ter boas notas e bom comportamento.	00:02:34	07/11/2006
14	Jornal Nacional 	Crianças vencedoras, e não só no esporte...	00:02:03	16/10/2006
15	Esporte Espetacular 	Lição de mestre: professora muda vidas ensinando esporte. Dona Maria tem 73 anos e há 40 anos ensina atletismo ,mudando a vida dos alunos.	00:05:19	15/10/2006
16	Bom Dia Brasil Esporte vira arma contra a violência 	O esporte vira arma contra a violência: o exemplo foi apresentado em um seminário que reúne no Rio ...especialistas de todo o mundo para discutir um problema que não é apenas dos cariocas.	00:02:10	02/03/2007
17	Ação 	Projetos para recuperar a juventude: Pela arte ou pelo esporte - ou juntando os dois - projetos para jovens carentes no DF ajudar a recuperar até quem já estava no crime. A queda nos índices de violência é só um dos resultados	00:06:07	16/03/2007
18	Em cima da Hora 	Assinado convênio para fortalecer o Pan-Americano de 2007 O convênio foi assinado com o objetivo de fazer do esporte um instrumento de desenvolvimento social e de mobilizar a sociedade para os Jogos Pan-Americanos	00:01:40	02/08/2006
19	Globo Esporte 	Atletismo ajuda crianças no Rio de Janeiro. Na Vila Olímpica Clara Nunes, subúrbio do Rio de Janeiro, quase 4.500 pessoas praticam esportes como forma de inclusão social. E o atletismo faz parte desta lista	00:01:24	12/05/2006
20	Jornal Hoje 	Comunidades pobres se unem contra a violência: Trabalho de voluntários ajuda a mudar uma realidade em bairros pobres da periferia de Belo Horizonte. Aulas de música e esporte, além de lições para o vestibular levam os jovens para o caminho do bem.	00:02:17	14/03/2007
21	Criança Esperança 	O esporte pode mudar o caminho de jovens que se envolvem com o tráfico de drogas. A história de Bruno Pacheco é um exemplo de esperança para muitos jovens carentes. Ele se envolveu com tráfico no passado, mas atualmente é uma das maiores esperanças brasileiras no atletismo.	00:04:03	06/08/2006
22	Ação 	Graças à campeã Janeth, jovens têm a oportunidade de sonhar ...em fazer do basquete uma profissão.	00:05:37	03/03/2007
23	SportVNews 	Esporte supera rivalidades da violência: Crianças de comunidades diferentes se encontram para ...brincar e compartilhar	00:04:05	30/01/2007

- Quadro demonstrativo nº3: Contém informações acerca das matérias extraídas do site institucional do Programa Segundo Tempo (título da matéria, data e horário de sua veiculação).

Quadro 3 – Notícias extraídas do Site Institucional do Programa Segundo Tempo

N.	Notícias Programa Segundo Tempo
1	01/12/2006 às 15:43h - Regata do programa Segundo Tempo destaca a importância do mar e o espírito do natal em crianças
2	29/11/2006 às 16:07h - Programa Segundo Tempo é renovado em Dourados (MS) e atende 200 crianças indígenas
3	10/11/2006 às 15:13h - Guiné-Bissau quer levar Programa Segundo tempo para o país
4	06/11/2006 às 16:10h - Alunos do Segundo Tempo conscientizam comunidade rural do Paraná sobre uso da água
5	25/10/2006 às 11:25h - Ministro do Esporte visita núcleo do Segundo Tempo em Santo Ângelo
6	23/10/2006 às 15:58h - Ministério do Esporte dá largada para o Programa Pintando a Cidadania em Lauro de Freitas
7	21/09/2006 às 16:56h - Segundo Tempo potencializa ações para resgatar crianças das ruas em Diadema (SP)
8	13/09/2006 às 17:58h - Jovens do Segundo Tempo de Lapa (BA) sobem ao pódio no Mundial de Taekon-dô
9	23/08/2006 às 17:47h - Jovem do Segundo Tempo conquista terceiro lugar em Mundial de Jiu-Jitsu
10	18/08/2006 às 17:40h - Capitais de 25 estados mostram conquistas do Programa Xadrez nas Escolas
11	16/08/2006 às 16:00h - Convênio entre MDS e Ministério da Defesa beneficia 5 mil crianças do Segundo Tempo
12	01/08/2006 às 18:40h - Costa do Marfim quer importar Programa Segundo Tempo
13	05/07/2006 às 15:06h - Polícia Civil do DF realiza 1º Encontro Esportivo do Programa Segundo Tempo
14	03/07/2006 às 10:09h - Segundo Tempo beneficia mais 6.600 crianças e adolescentes em Salvador
15	30/06/2006 às 18:44h - Ministério do Esporte disponibiliza no portal Cartilha do Xadrez
16	29/06/2006 às 18:13h - Parceria entre Ministério e prefeitura amplia acesso ao esporte em Salvador
17	28/06/2006 às 16:28h - Jogo de xadrez chega ao Programa Segundo Tempo
18	22/06/2006 às 10:05h - Lula destaca Segundo Tempo na Semana Antidrogas
19	21/06/2006 às 14:33h - Segundo Tempo do DF recebe doações da Campanha "Agasalhe uma Vida"
20	19/06/2006 às 11:20h - Segundo Tempo pede aos parceiros agilidade nos processos de renovação
21	13/06/2006 às 11:55h - Segundo Tempo auxilia no combate à exploração sexual infantil no Maranhão
22	06/06/2006 às 18:00h - Tanabi (SP) recebe com festa Programa Segundo

23	02/06/2006 às 18:00h - Ministro do Esporte lança Programa Segundo Tempo em Tanabi
24	01/06/2006 às 18:30h - Programas levam ação social do Ministério do Esporte para a Alemanha
25	29/05/2006 às 18:40h - Palestra incentiva crianças do Segundo Tempo a honrar suas raízes
26	23/05/2006 às 11:10h - Ídolos do esporte agregam valor aos benefícios ao Segundo Tempo
27	17/05/2006 às 12:40h - Programa Segundo Tempo retorna ampliado para Lauro de Freitas
28	28/04/2006 às 18:06h - <i>Instituto Casa da Gente</i> solicita ampliação do Segundo Tempo para comunidades carentes
29	26/04/2006 às 18:03h - Prefeitura de São José do Rio Preto terá renovação do Segundo Tempo
30	24/04/2006 às 14:04h - Segundo Tempo combate injustiças sociais e ajuda crianças de favelas a superar problemas
31	27/03/2006 às 15:00h - Parceria entre ministérios do Esporte e da Saúde leva saúde bucal para os jovens do Segundo Tempo
32	26/03/2006 às 09:03h - Segundo Tempo lança parceira com <i>Viva Rio</i> durante visita à Vila do Pan
33	15/03/2006 às 16:31h - Agricultores comemoram chegada do Segundo Tempo no interior da Bahia
33	14/03/2006 às 09:52h - <i>Segundo Tempo no Samba</i> leva esporte e inclusão para mais 10 mil crianças no Rio de Janeiro
34	13/03/2006 às 18:00h - Segundo Tempo chega para mil crianças e detecta talentos para o futebol
35	13/03/2006 às 18:00h - Crianças buscam um futuro melhor por meio do Segundo Tempo
36	10/03/2006 às 16:12h - <i>Hip Hop</i> em Sobradinho anuncia chegada do Segundo Tempo para 3 mil crianças da periferia
37	08/03/2006 às 15:01h - Segundo Tempo volta de férias e ganha festa no Grupamento dos Fuzileiros Navais
38	07/03/2006 às 17:59h - Segundo Tempo chega à Chapada Diamantina para 8,2 mil filhos de trabalhadores da agricultura
39	06/03/2006 às 14:01h - Delegacias de Polícia transformam-se em núcleos do Segundo Tempo
40	06/03/2006 às 09:54h - De olho numa profissão, jovens do Segundo Tempo vão aprender culinária árabe
41	06/02/2006 às 14:21h - Segundo Tempo no combate à fome em Filadélfia (BA)
42	03/03/2006 às 14:59h - Segundo Tempo chega pra 3 mil crianças do Recanto das Emas
43	31/01/2006 às 14:01h - Gestores do Segundo Tempo no DF e entorno reúnem-se para debater programa
44	16/01/2006 às 15:34h - Segundo Tempo devolve crianças de rua à escola em Bonito (MT)

1 CONTEXTOS EM DEBATE: INTERFACES DO ESPORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

1.1 A psicologia e as ciências do esporte

Atualmente, o universo científico-acadêmico tem sido atravessado por uma discursividade que defende a adoção de perspectivas *inter e transdisciplinares* no 'pensar' e 'fazer' ciência. A intensidade e a recorrência com que tal discurso vem sendo enunciado configura-se, sob meu ponto de vista, numa expressa e inequívoca tentativa de interpelar profissionais de diferentes áreas para que se aliem, unam esforços, construam pontes interligando saberes, de modo que seus *achados* caminhem numa mesma direção: a do progresso científico.

Paradoxalmente, o que se pode perceber na prática é um distanciamento entre as diversas áreas de conhecimento, haja vista as inúmeras iniciativas de classes profissionais no intuito de defender *especificidades* e *especialismos* de um *saber* que cada micro-área das ciências julga ser prerrogativa *sua*. Vivendo um período de intensas transformações ocasionadas por leis de mercado cada vez mais rígidas e perversas, temos a constante sensação de que não há, neste mundo, lugar para todos. Essa sensação e o conseqüente clima de competição desenfreada têm se refletido também no universo científico, que hoje mais se parece com uma adaptação pós-moderna do velho jogo da *dança das cadeiras*⁴⁴ na medida em que, profissionais de diferentes áreas passam a circundar *amistosamente* um mesmo objeto de pesquisa até um dado momento em que, ao soar de um 'sinal de alerta' (como, por exemplo, um estreitamento do mercado de trabalho), cada profissional busca sentar-se o mais rapidamente, ocupando seu pretenso *lugar-de-saber*.

Infelizmente, conforme as regras deste jogo, o número de lugares a ser ocupado se mostra, invariavelmente, inferior ao de candidatos que postulam ocupá-lo. E é assim que,

⁴⁴ A "*dança das cadeiras*" é, sabidamente, um jogo, brincadeira ou competição popular em que os participantes, ao som de uma música qualquer, devem andar ou dançar ao redor de cadeiras - organizadas normalmente em círculo. Pelas regras do jogo, a cada rodada, o número de assentos deve ser equivalente ao número de participantes menos um. Assim que a música pára, os participantes devem buscar sentar-se o mais rapidamente nas cadeiras, sendo que aquele que ficar sem cadeira é eliminado do jogo.

na ânsia por ocupar as escassas cadeiras que ainda restam, sobram *joelhos e cotovelos* na direção das categorias profissionais vistas como adversárias.

Ainda que possa parecer que estejamos vivendo uma intensa barbárie, acredito que tais eventos são apenas reflexos dos modos como percebemos o mundo em que vivemos. É neste grande jogo que se transformou a vida moderna, a regra tem se mostrado bastante clara:

Se enxergamos o mundo como um ambiente de exclusão, onde não tem o bastante para todos e todos querem o bastante para si mesmo, há uma boa probabilidade de agirmos individualmente e em oposição aos outros. Vou jogar contra para tentar ganhar sozinho (ORLICK, 1989, p.60).

É neste cenário, e segundo as regras deste jogo, que a psicologia – na medida em que estende seus tentáculos sobre as mais diversas áreas, tem buscado adentrar a área das chamadas ciências do esporte. No entanto, de acordo com o que tem afirmado Kátia Rubio (2002) – especialista e uma das precursoras da Psicologia Esportiva – o cenário tem se mostrado pouco animador. Segundo a autora, ainda que as chamadas ciências do esporte demonstrem necessidades e tendências interdisciplinares, parece não haver indícios de práticas nessa direção, na medida em que as diversas sub-áreas convivem como justaposição e não como relação; o estágio atual poderia ser denominado, segundo ela, na melhor das hipóteses como pluridisciplinar.

Não obstante, o(a) profissional da psicologia, a partir das circunstâncias que o levam a inserir-se nos contextos esportivos, tem sido reconhecido popularmente como um *apagador de incêndios*. Isto porque se tornou fato habitual e corriqueiro no meio esportivo requisitar o trabalho da psicologia somente “em momentos de crise”, em casos de última necessidade. Sob estas condições, a atuação de psicólogos (as) junto à determinada equipe esportiva ou junto a determinado atleta é sinal límpido e certo de que *“as coisas não vão bem”*.

Além disto, conforme já mencionava anteriormente, percebe-se por parte dos estudiosos e pesquisadores da psicologia uma tendência em ocuparem-se prioritariamente com aspectos emocionais e/ou *subjetivos* dos atletas e do universo dos chamados

esportes competitivos ou de alto rendimento, haja vista que as produções acadêmicas em sua maioria, têm se dedicado a este tipo de temática.

No que se refere a esta *predileção* da psicologia pelas questões ligadas especificamente à *subjetividade*, Guareschi e Hüning (2007) entendem que se deva, em grande parte, a uma tendência das *correntes* ou *vertentes* psicológicas que, durante muito tempo e ainda hoje, insistem em manterem-se afastadas de uma série de fatores e transformações de caráter social. Tal fato, na compreensão crítica das autoras, serviria – por um lado – como forma de demarcar *fronteiras disciplinares* com a Sociologia e Antropologia – estas consideradas responsáveis *de fato* e de *direito* pelo estudo da cultura e da sociedade. Ficaria, portanto, a cargo da Psicologia o estudo do *sujeito* e *das subjetividades*. Por outro lado, entretanto, esta “demarcação de fronteiras” tornaria evidente um “ponto problemático” destas Psicologias ditas *tradicionais*: “a cisão do sujeito do social” (p.16).

Assim, também no que se refere às questões relativas ao esporte, de modo bem específico, esta cisão entre o sujeito *atleta* e os aspectos sociais implicados nas atividades esportivas tem se mostrado um *ponto nevrálgico* para a Psicologia Esportiva *tradicional*.

1. 2 A questão do esporte e os projetos de responsabilidade social

A discussão em torno da responsabilidade social no Brasil – sobretudo nas últimas décadas – tornou-se uma temática de extremo interesse aos olhos do universo corporativo. A cada ano vê-se surgir mais projetos e programas sociais subsidiados por companhias de âmbito nacional e/ou internacional, tendo em vista que investir na melhoria das condições sociais de uma comunidade, de um grupo determinado ou mesmo de uma região específica pode constituir-se numa importante estratégia de marketing e gestão⁴⁵.

De acordo com dados de recente pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, [2006]), “A iniciativa privada e o espírito público: a evolução

⁴⁵ A respeito das estratégias de marketing, trago a título de ilustração, na sessão de anexos, um material publicitário de uma Organização do Terceiro Setor.

da ação social das empresas privadas no Brasil”, o número de empresas que atuam voluntariamente em prol de ações sociais comunitárias está estimado em 600 mil, o que equivale a 69% de um universo de 871 mil empresas. O levantamento aponta ainda que, apenas no ano de 2004, o empresariado nacional destinou cerca de R\$ 4,7 bilhões ao atendimento de comunidades carentes, sendo que apenas 2% das empresas fizeram uso de incentivos fiscais. Isso demonstra que o setor privado vem investindo no setor social independente da contrapartida do setor estatal.

No que se refere às razões pelas quais as empresas sentem-se motivadas em realizar ações sociais, mais da metade dos empresários (57%) declarou buscar atender *motivos humanitários*, sendo que apenas 14% admitiram realizar ações sociais com o objetivo de *melhorar a imagem da empresa*. E estes motivos humanitários estão direcionados, em sua ampla maioria, para um grupo bastante específico: as crianças e adolescentes ditos “carentes”. Considerados de longa data como *o futuro da nação*, o público jovem é o alvo de 62% das ações das empresas que declararam promover ações sociais.

É neste cenário que os projetos sociais esportivos passam a representar uma das principais formas de intervenção sócio-educativa junto à juventude carente brasileira, proliferando-se de tal maneira que, em algumas localidades ou comunidades chega a haver disparidade na demanda entre *oferta e procura*, de um modo bastante inusitado: a oferta de projetos *surpreendentemente* superando a procura. Nestes casos, é comum estabelecer-se uma acirrada (e até certo ponto constrangedora) concorrência entre diferentes organizações sociais por um mesmo público alvo, motivando inclusive as áreas de gestão do chamado Terceiro Setor⁴⁶ a adotar estratégias *competitivas* para a cooptação e manutenção de jovens em seus projetos. Este parece ser o caso das

⁴⁶ Terceiro Setor é um termo que, apesar de ser atualmente bastante empregado, carece ainda de uma precisão conceitual devido a seu caráter difuso e abrangente. Genericamente, o Terceiro Setor pode ser entendido como derivado de uma conjugação entre as finalidades do Estado (considerado, no caso, o Primeiro Setor) e a metodologia do Mercado (o Segundo Setor), sendo assim, composto por organizações que visam a interesses públicos e/ou benefícios coletivos (ainda que não integrem o governo) e que são, ao mesmo tempo, de natureza privada (embora não objetivem auferir lucros). O surgimento do conceito de Terceiro Setor encontra-se intimamente ligado à concepção de falência do Estado enquanto principal provedor de serviços sociais aos cidadãos – o chamado “Estado Mínimo” – o que por sua vez fez entrar em curso novas formas de relações entre cidadão, governo e sociedade (MELLO NETO e FROES, 2002; SILVA e AGUIAR, 2007).

parcerias estabelecidas com escolas das regiões próximas aos núcleos dos projetos sociais, com a finalidade de *fideliza*⁴⁷ os encaminhamentos. Além disto, direcionamentos para o primeiro emprego; doações de materiais esportivos e auxílios às famílias dos participantes são alguns dos *diferenciais* oferecidos pelos projetos a fim de atrair e reter o número estimado de jovens, dando sustentabilidade ao projeto. É o que poderíamos *ironicamente* chamar de cultura do “*esse jovem pobre é meu*”.

Sem querer insuflar qualquer tipo de desconfiança sob as *boas intenções e motivações humanitárias* declaradas por parte do empresariado brasileiro que se submeteu à pesquisa anteriormente citada, ou ainda, sem pretender buscar interpretações para aquilo que por eles *não foi dito*, gostaria de ater-me a algumas análises e problematizações que incidem sobre os dados estatísticos⁴⁸ que tal pesquisa revela.

Para tanto, façamos um simples raciocínio matemático: se considerarmos que 600 mil de um total de 871 mil empresas investem em ações sociais, e que os investimentos destinados às crianças carentes representam 62% do valor total investido (sem considerarmos os investimentos realizados diretamente pelo setor público), poder-se-ia afirmar que tais crianças *comem uma fatia* consideravelmente grandiosa do *vultoso* bolo dos 4,7 bilhões de reais investidos.

Se levarmos em conta ainda, dados do IBGE (2003) que apontam cerca de 15 milhões de jovens brasileiros, na faixa etária de 7 a 17 anos, vivendo em *situação de vulnerabilidade social*⁴⁹ em nosso país, somos levados a nos questionar: Tais investimentos não seriam suficientes para promover o desenvolvimento social desta parcela específica

⁴⁷ Interessante notar que muitas das estratégias utilizadas pelas Organizações do Terceiro Setor são análogas àquelas utilizadas no universo corporativo, estabelecendo-se assim um paralelo entre a estratégia competitiva de fidelização da *clientela* e a clientelização dos usuários dos projetos.

⁴⁸ Ao falar em *estatística*, não poderia deixar de lembrar uma definição popular que se refere ao termo: “*Estatística nada mais é do que a arte de estrangular os números até que eles confessem*”. Com isso, busco atentar para o forte caráter interpretativo impregnado em toda e qualquer que seja a tarefa de análise. Ainda que o exercício analítico sugerido tome por base a *exatidão* dos percentuais numéricos de uma pesquisa, entendo que se torna possível utilizá-los de diferentes formas: seja para confirmar ou para negar um determinado ponto de vista que nos seja conveniente. No meu caso, reforço a intenção em usá-los como ferramenta de problematização.

⁴⁹ Dados referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2003), na qual o indicador de vulnerabilidade social é definido atualmente através do percentual de jovens cuja renda familiar *per capita* seja de até 1/2 salário mínimo.

da população brasileira, propiciando substanciais incrementos em setores como a saúde, educação e habitação, por exemplo?

Logicamente que, se tomarmos a palavra *investimento*, partindo de uma lógica economicista, na qual o investimento econômico é fator preponderante para o desenvolvimento social, estabelecendo-se aí uma relação de causa-efeito, a resposta será um retumbante e sonoro SIM.

Entretanto, apoiada nas idéias defendidas por Franco (2004), entendo que a utilização da lógica economicista para pensar as questões sociais tem se constituído num grave equívoco. Já não se pode mais acreditar na *lendária* afirmação de que basta crescer economicamente para que um país, um estado, cidade ou comunidade se torne desenvolvido. Basta tomarmos o Brasil como exemplo comprobatório de que o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) não tem se traduzido necessariamente em desenvolvimento social; pelo contrário, o que temos observado ao longo dos anos é que o crescimento econômico mostra-se quase sempre *inversamente proporcional* à equidade social: quanto maior a concentração de renda, maior têm sido as desigualdades⁵⁰.

Tal panorama, segundo Franco (2004) advém do equívoco em imaginar, por exemplo, que o indicador mais importante de uma cidade possa ser medido pelo número de prédios construídos, ou o de um país pela quantidade de armas fabricadas. Para ele, desenvolvimento só é desenvolvimento mesmo se for humano, social e sustentável, e assim sendo, o tripé fundamental do desenvolvimento deveria estar calcado em três eixos: o desenvolvimento humano (que significa melhorar a vida das pessoas), o desenvolvimento social (melhorar a convivência entre as pessoas) e o desenvolvimento sustentável (que pressupõe pensar estas melhorias tanto das pessoas que estão vivas hoje, quanto das que viverão amanhã).

⁵⁰ Ainda a respeito da questão das desigualdades no Brasil, a antropóloga Alba Zaluar, já em 1994, considerava o diagnóstico da situação social do Brasil "dramático e pessimista", na medida em que o descompasso entre indicadores sociais e econômicos estaria ao mesmo nível dos países afro-asiáticos. Amparada nas pesquisas de estudiosos como Jaguaribe (1986) e Abranches (1985), que durante as décadas de 50, 60 e 70 verificaram os efeitos do crescimento econômico acelerado no Brasil, Zaluar verificou que, desde então, estruturou-se uma "teoria da subordinação das políticas sociais ao processo de acumulação de capital" (p.28) em torno do fundo público de rendas. Esta subordinação seria, segundo ela, responsável por criar uma espécie de *Robin Hood* às avessas: tirando dos pobres para dar aos ricos. Isto de certa forma, acabou por tornar os benefícios sociais em *mercadorias* e não em bens coletivos e universais, disponíveis a todos (p.29).

1.3 A questão do esporte como “ferramenta” numa sociedade globalizada

Se a única ferramenta que você tem é o martelo, você tende a tratar tudo como se fosse um prego [Abraham Maslow]

De acordo com alguns dos argumentos que foram expostos na primeira sessão deste estudo, se torna possível compreender que muitas das práticas e discursos que giram em torno da importância do esporte (em especial no que se refere ao desenvolvimento de crianças e adolescentes) longe de se tratarem de “invenções do nosso tempo” podem ser consideradas re-atualizações históricas. Re-atualizações estas que passam a assumir novos requintes no seio de uma sociedade globalizada, na qual – cada vez mais – estes discursos e práticas tornam-se características comuns em diferentes nações, dando indícios de que fazem parte de ciclos internacionais e interdependentes.

Em tempos de uma economia de mercado ‘mundialmente’ globalizada alguns organismos internacionais assumem a responsabilidade de produzir, enunciar, difundir saberes, regular atividades e lançar diretrizes comuns às diferentes nações. Isto porque, segundo o sociólogo Boaventura de Souza Santos (2000) as relações econômicas internacionais, bem como as relações entre Estados nacionais, integrariam atualmente um sistema mundial ou um “espaço de mundialidade” (p.126).

No caso dos projetos sociais esportivos realizados no Brasil, ainda que a proposta deste estudo tenha sido desde o início de uma análise de discursos local e bem específica, não vejo como desconsiderar a influência exercida por organismos internacionais, especialmente no que diz respeito aos sistemas econômicos e financeiros.

Durante a fase de coleta dos dados desta pesquisa, tanto nos materiais midiáticos analisados quanto nos demais documentos referentes às políticas sociais de esporte, não foram poucas as referências e menções feitas a Organismos Internacionais, citados com a finalidade de legitimar um determinado discurso. São estes mesmos Organismos que

inúmeras vezes atuam como financiadores de programas sociais brasileiros ou vez por outra apenas lhes concede sua “chancela⁵¹”.

Não é à toa que se tornou habitual no âmbito destes programas o uso de sentenças precedidas por “*Segundo a ONU*”; “*De acordo com a UNESCO*”; “*Conforme recomenda a OMS*”, como forma de aferir legitimidade e credibilidade ao esporte, elevando-o à condição de um *bem social* intocável, inabalável, *tombado pelo patrimônio histórico e cultural da humanidade*. São estas entidades internacionais que vem para respaldar, assegurar, conferir legitimidade, atribuir sentido de verdade a muitos dos discursos e práticas que são efetuados em nível local. E na medida em que estes discursos e estas práticas deixam de ser localizados única e exclusivamente nesta ou naquela instância, neste ou naquele campo específico, passando a circular em nível global, revestem-se de uma blindagem ainda mais poderosa perante as possibilidades de questionamentos: assumem caráter de *verdade*.

Nesta direção, torna-se importante frisar que, na obra *Microfísica do Poder*, Foucault (1988, p.13) já alertava para as “cinco características historicamente importantes da economia política da verdade” em nossas sociedades. A saber:

1. a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem;
2. está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político);
3. é objeto, de *várias* formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas);
4. é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação);
5. enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”).

⁵¹ O termo *chancela* define-se como *um selo a branco, uma firma, uma assinatura, o título de uma entidade, etc.* No caso da Chancela da UNESCO, conforme a própria entidade trata-se de um *convênio de apoio*, uma espécie de *acordo de cooperação* de natureza institucional ou técnica (não financeira), a qual permite o uso de seu logotipo e nome por parte das instituições parceiras. Embora não se caracterize diretamente numa certificação, a chancela conferida pela entidade decorre de um reconhecimento de que um projeto ou programa encontra-se alinhado às suas diretrizes e objetivos, possuindo, portanto, um *padrão de qualidade*. Informações obtidas em: http://www.unesco.org.br/unesco/parceirosBrasil/comoserparceiro/mostra_documento.

Estando disposta a operar alguns conceitos da estratégia arqueológica foucaultiana como uma *ferramenta* que viesse ao encontro de meu modo de pensar as questões propostas nesta investigação, parti da convicção de que de dentro dos próprios discursos seria possível apreender estes *jogos de poder* entre os diferentes campos discursivos que disputam a hegemonia do saber acerca do objeto esporte.

Convém aqui lembrar uma vez mais que na concepção foucaultiana “o exercício do poder cria objetos de saber” (ARAÚJO, 2007, p.29), fazendo este saber ao mesmo tempo emergir e ser conduzido a um modo institucionalizado, que ao mesmo tempo em que acumula informações as faz circular. Levando em conta a supervalorização, sobretudo em nossa época, da ciência e da técnica, a luta em torno da verdade faz-se cada vez mais atuante. Os regimes de verdade são essenciais às estruturas e ao funcionamento da sociedade. É através do discurso científico que *a verdade* é difundida, consumida e valorizada, assumindo um papel social e cultural de valor inquestionável. Ela circula por meio dos aparelhos de informação e educação, influenciando as esferas política, econômica e social. Assim, são evidentes as interfaces entre verdade, saber, discurso e poder, pois “apenas numa utopia ingênua, o saber poderia ser considerado independente das formas de exercício do poder”. (ARAÚJO, 2007, Idem, p.29).

Esta idéia da inter-relação entre poder, saber, discurso e verdade⁵² torna-se nítida na seguinte colocação de Foucault (1988, p.12):

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros e falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

⁵² Por verdade entende-se “um conjunto de procedimentos para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. Para ele a “verdade” estaria “circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”, ao que atribuiu o termo *regime da verdade*. (FOUCAULT, 1988, p.14).

Foucault buscava demonstrar os modos como operam as redes de poder com seus múltiplos efeitos e múltiplas relações, por entender que **o cruzamento de relações de poder**⁵³ é que permitiria seus efeitos de sujeitamento e/ou de dominação. Poder este que, segundo ele, se exerceria, penetraria e agiria de diversas formas: nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, no corpo, por meio de técnicas através das quais se obtém efeitos reais, como *sujeitar os corpos, endireitar o comportamento*. E é neste sentido que para este autor o sujeito não devia ser considerado como um “átomo isolado”, mas sim como “efeito e ponto de apoio das relações de poder” (ARAÚJO, 2007, p.30). Isso, no entanto, não equivaleria pensar em termos de um esvaziamento dos mecanismos globais de dominação. Pelo contrário; o que passaria a ocorrer seria o fortalecimento destes mecanismos na medida em que passariam a ser reconduzidos pelos “micropoderes” até a menor das relações sociais, posto que “o sujeito sujeitado e disciplinado é muito mais útil aos mecanismos econômicos e políticos” (IDEM, p.30).

De minha parte, entendo que os projetos sociais esportivos (alvo principal deste estudo) se constituem atualmente num elo importante de uma ampla rede de poder que se propõe a *governar vidas e endireitar comportamentos* em nossa sociedade (bem como as instituições analisadas por Foucault – as prisões, os hospitais – representaram à sua época). Vale lembrar que, se boa parte destes projetos são sustentadas pelo Estado, empresas e demais organizações da sociedade civil é porque possuem – inevitavelmente – uma utilidade social, ou seja, permitem ganhos a toda parcela de envolvidos. É como se costuma dizer atualmente: trata-se de um “*investimento social*”⁵⁴. E todo investimento implica, invariavelmente, em expectativa de ganhos...

⁵³ Grifo meu.

⁵⁴ Tendo em vista a ascendência do chamado Terceiro Setor e o atual contexto no qual a chamada responsabilidade social (ou cidadania corporativa, como queiram) tornou-se uma questão de competitividade no mundo empresarial, há quase um consenso de que o Brasil estaria abandonado de vez a cultura da filantropia e da doação para entrar de vez na chamada “cultura do investimento social. Por investimento social (no sentido econômico do termo) podemos entender “*a acção de aplicar capitais na aquisição de bens para retirar proveito dessa operação*”(Fonte: Dicionário Priberan). Diferentemente do ato da doação – que partiria de uma atitude despretensiosa – no ato de investir haveria invariavelmente uma explícita (ou por vezes implícita) intenção. Assim, subentende-se que tanto Estado, quanto as Empresas e ONG’s quando investem no social esperam obter algum tipo de ganho.

2 SOBRE O PODER DO ESPORTE: O RELATÓRIO DA ONU

Ao tomar em mãos o relatório da chamada Força Tarefa entre Agências das Organizações das Nações Unidas (ONU) intitulado *“Esporte Para O Desenvolvimento e a Paz: Em Direção à Realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio”* (2003), começava a ficar ciente de alguns dos *“por quês”* este organismo se constitui num *grande aparelho político e econômico* de nossa época. No que se refere à produção, transmissão e difusão de verdades acerca do esporte se pode dizer que a ONU – através de suas agências e de outros aparelhos como os meios de comunicação e as instituições esportivas – faz circular *“verdades”* que, conforme pretendo demonstrar, articulam-se sobremaneira às falas, textos e depoimentos que emergiram do interior dos produtos midiáticos analisados. Foi a partir da análise deste documento em especial que surgiram indicativos de que alguns dos discursos pinçados na *dispersividade* dos diferentes materiais coletados, faziam parte daquilo que Orlandi (2002) costuma chamar de um *padrão de discursividade*. Este padrão discursivo, segundo o autor, decorre da existência de uma *relação de sentidos* entre diferentes discursos, uma vez não há discurso que não se relacione com outros. Assim, uma determinada discursividade aponta para outras que a sustentam, bem como para dizeres futuros. Não haveria, portanto, começo absoluto nem ponto final para um discurso, na medida em que tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Em face destes argumentos teóricos, parecia-me, portanto, não apenas relevante como fundamentalmente necessário, examinar este Relatório, não na condição de um documento isolado, mas a partir de suas conexões com os objetos de pesquisa. Assim, procurei compreender como se constitui uma ampla rede discursiva que trata da importância atribuída ao esporte e como esta discursividade, por sua vez, se traduz em práticas e estratégias de subjetivação bastante concretas nas políticas sociais brasileiras que tem como público alvo os *“jovens carentes”*.

Antes de passar às análises através das quais serão estabelecidas algumas correlações entre aquilo que é enunciado acerca do esporte no referido documento e os

demais produtos que compuseram o corpus desta pesquisa, trarei alguns dados, informações e observações relevantes no que se refere à trajetória, estrutura e forma de funcionamento da ONU. Busca-se, com isso, subsidiar a discussão que tomará esta instituição na condição de um importante *campo de poder/saber* na sociedade global.

2.1 Um breve apanhado histórico⁵⁵...

A breve descrição cronológica de datas e fatos que se segue tem por objetivo elucidar alguns aspectos que remetem ao momento histórico, as circunstâncias e os objetivos a partir dos quais se deu a emergência deste que é hoje um dos mais reconhecidos e imponentes organismos de caráter internacional – a Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 1899, se realizava na cidade de Haia, na Holanda, a Conferência Internacional da Paz, com o objetivo de elaborar instrumentos regras internacionais de convivência que pudessem resolver crises de modo pacífico, evitando assim as guerras entre países. Alguns anos depois, mais precisamente em 1919, com objetivos semelhantes, foi criada na França, a chamada Liga das Nações, cuja missão era *“promover a cooperação internacional e alcançar a paz e a segurança”*. Considerada a precursora da ONU, a entidade encerrou as atividades depois de falhar em evitar a Segunda Guerra Mundial. Logo após a 2ª Guerra Mundial, realizava-se em 01 de julho de 1944 nos EUA, a Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, tendo em vista as questões econômicas relacionadas ao final da Guerra e ao pós-guerra. Na mesma linha, realizou-se em Washington, em 21 de agosto de 1944, a Conferência para a Organização da Paz no Mundo do Pós-Guerra.

⁵⁵ Todas as informações referentes à história e objetivos da ONU foram extraídas do site oficial da entidade, disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br>. Fonte: United Nations e Unic-Rio.

Em 1945, representantes de 50 países reuniam-se em San Francisco, nos Estados Unidos, na Conferência das Nações Unidas para uma Organização Internacional. Assim, por ocasião da promulgação da Carta das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945, era instituída oficialmente a ONU. Tendo seus objetivos precípuos pautados na manutenção da paz e no desenvolvimento mundial global através do fomento às relações cordiais entre as nações, da promoção do progresso social, da melhoria dos padrões de vida e dos direitos humanos, a ONU constituía-se inicialmente por 51 países membros da chamada comunidade internacional, dentre eles o Brasil.

Atualmente este Organismo é composto por 192 Estados “soberanos” unidos pelo tratado internacional – a carta da ONU – que enuncia os direitos e deveres dos membros no âmbito desta comunidade. Seis órgãos principais constituem a ONU: a Assembléia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Conselho de Tutela, o Tribunal Internacional de Justiça e o Secretariado. Além disto, compõem o Sistema das Nações Unidas diversos organismos especializados, tais como a OMS (Organização Mundial da Saúde), OIT (Organização Internacional do Trabalho), programas e fundos como o Banco Mundial⁵⁶ e FMI (Fundo Monetário Internacional) UNICEF (Fundo de Emergência das Nações Unidas para as Crianças), entre outros.

A ONU pauta sua missão no pressuposto de que as ações para redução da desigualdade global, assim como a resolução de diversos problemas mundiais – como pobreza, desemprego, degradação ambiental, criminalidade, Aids, migração e tráfico de drogas – podem lograr melhor êxito quando executadas sob a coordenação de um organismo independente e de âmbito mundial. Por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – o PNUD⁵⁷ – a ONU se responsabiliza por promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza do mundo. É através do PNUD que se produzem

⁵⁶ No que se refere especificamente ao Banco Mundial, cabe atentar para sua “*gradativa hegemonia e seu papel na legitimação de perspectivas individualizadas sobre a pobreza*” (PETER SPINK, 1999, p.148), bem como para sua atuação na gestão financeira e governança proposta aos países em desenvolvimento, aspectos estes que, fariam parte de uma produção mais ampla: “*a da retórica da globalização*”. Como exemplos ilustrativos desta retórica, teríamos os diversos relatórios oficiais e congressos temáticos que se constituem em *espaços internacionais* para o debate de temas específicos (como é o caso da temática esporte, abordada no relatório em questão).

⁵⁷ Organismo internacional que coordena o trabalho das demais agências, fundos e programas pertencentes ao Sistema ONU.

relatórios e estudos sobre o desenvolvimento humano sustentável e as condições de vida das populações de todo o mundo. Dentre estes relatórios e estudos, destaca-se a elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a disseminação das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM) – um conjunto de “8 metas”⁵⁸ que foram definidas no ano 2000 pelos países membros, tendo em vista o desenvolvimento do mundo e cujo prazo de cumprimento está estabelecido para até o ano de 2015. É a ONU quem monitora o progresso dos países rumo ao alcance destas metas.

Além dos esforços em incluir as Metas do Milênio em agendas internacionais, nacionais e locais de Direitos Humanos, a ONU tem buscado expandi-las globalmente, de modo que entidades governamentais, empresariais e da sociedade civil de todo o mundo busquem inserir tais metas em suas estratégias. Visando atingir metas e objetivos tão ousados, as Nações Unidas e suas agências investem, em forma de empréstimo ou doações, cerca de US\$ 25 bilhões por ano em países “*em desenvolvimento*”⁵⁹. Recursos estes que são destinados a várias ações, desde a proteção de refugiados, fornecimento de auxílio alimentar, superação de efeitos causados por catástrofes naturais, combate a doenças, aumento da produção de alimentos e da longevidade, recuperação econômica e estabilização dos mercados financeiros, entre outros.

A entidade se propõe também a atuar no reforço ao regime democrático em várias regiões, já tendo apoiado, de acordo com informações fornecidas pela própria organização, mais de 70 eleições nacionais, a partir das quais a entidade orgulha-se em se auto-enunciar como “*catalisadora e promotora de um grande movimento de descolonização, que levou à independência de mais de 80 países*” (SITE ONU, 2007).

Para finalizar este breve histórico, gostaria de propor uma reflexão acerca de dois aspectos que, a meu ver, apresentam algumas ambigüidades e paradoxos interessantes. Na medida em que a ONU, através da atuação de suas diversas agências, se constitui

⁵⁸ As 8 metas, a saber: 1. Erradicar a pobreza extrema e a fome; 2. Universalizar o acesso ao ensino básico; 3. Promover a igualdade entre os gêneros e a autonomia das mulheres; 4. Reduzir a mortalidade infantil; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater ao HIV/AIDS, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento (ONU, 2003).

⁵⁹ Nomenclatura ou *roupagem* atualmente usada para referir-se ao que anteriormente chamavam-se países sub-desenvolvidos.

num *organismo de referência* e empreende esforços no chamado movimento de *descolonização* com vistas à obtenção da independência de países *em desenvolvimento* sob regimes considerados “antidemocráticos”, como poderíamos compreender ou explicar:

1. O fato da ONU utilizar-se do conceito de “*independência*” ao mesmo tempo em que se sustenta *explicitamente* de uma relação de dependência econômica e financeira que estabelece com estes mesmos países, na forma de empréstimos, auxílios e doações monetárias?
2. Por que as ações desta entidade que visam *descolonizar*, são operadas por meio de *ingerências* diversas sobre estes mesmos países como a exportação de saberes, métodos e técnicas para o desenvolvimento de políticas e governabilidade dos povos?
3. Com base em quais critérios se estabelecem *metas globais* a serem atingidas por diferentes países integrantes das chamadas Nações Unidas, a despeito das inúmeras diferenças de ordem política, social, econômica, cultural, religiosa, histórica, entre outras, que caracterizam cada uma destas nações?

Seria demasiadamente capcioso entendermos esta chamada *descolonização* como apenas um *outro modelo de colonização*, este de caráter internacional, disposto a satisfazer as exigências e padrões de uma sociedade globalizada?

Particularmente, causa estranheza o fato de que a ONU, ao mesmo tempo em que divulga as tais “Metas de Desenvolvimento do Milênio” lança mão de *esforços* (incluindo financeiros) para que todos os países consigam alcançá-las⁶⁰. Não estaria aí uma demonstração clara daquilo que a Entidade entende por *independência* e *descolonização*? Valeria lembrar, a partir de uma perspectiva foucaultiana, que ao configurar-se numa importante instância produtora de saber em uma sociedade contemporânea globalizada como a nossa, a Instituição ONU pode ser tomada como

⁶⁰ Estabelecendo um paralelo com a cultura futebolística, isso não equivaleria à tentativa de cobrar o escanteio e, ao mesmo tempo, correr para área para tentar o cabeceio?

produtora, também, de relações de poder, posto que *saber* e *poder* são para Foucault, indissociáveis.

Não busco com estas considerações, em hipótese alguma, enveredar os rumos deste estudo para o desvelamento de uma *teoria conspiratória do poder* ou de supostos *mecanismos globais de dominação*. Apenas busco assinalar para *modos* como certos *mecanismos de poder* efetivam-se na forma de saberes e técnicas em nossa sociedade.

Um outro aspecto que gostaria de me ater refere-se a uma afirmação que consta logo nas primeiras páginas deste relatório, segundo a qual a ONU ([2003], p.6) considera que (...) “o tempo é oportuno para se desenvolver uma estratégia coerente e sistemática no sentido de aumentar a utilização do esporte dentro das Nações Unidas”.

Para que não percamos de vista as questões contextuais, o período em que ocorreu a chamada Força Tarefa (e que pode neste caso estar significando o “tempo oportuno” ao qual a entidade se refere) “coincide” com um estado de enorme efervescência em nível mundial; período este em que o pânico e a insegurança tomavam conta do mundo em decorrência dos atentados ocorridos no *fatídico* 11 de setembro de 2001⁶¹. A subsequente invasão dos EUA ao Iraque em 2003 e onda de violência e terrorismo que daí se sucedeu, fez retornar os clamores de paz por todo planeta. Assim, ao que parece, as motivações para a elaboração deste relatório podem representar a reatualização de uma estratégia histórica: o uso do esporte como ferramenta de promoção da paz, tal qual fizeram os gregos por ocasião da instauração dos primeiros jogos olímpicos. No que se refere especificamente à ONU, poderia significar ainda uma segunda tentativa⁶² de re-estabelecer a paz no mundo, desta feita por meio do esporte.

⁶¹ Data que ficou marcada mundialmente pelos ataques terroristas sofridos pelos Estados Unidos, culminando na morte de milhares de pessoas e na destruição das chamadas “Torres-Gêmeas” – um dos mais importantes símbolos da imponente Norte-Americana. A partir desta data, liderada pela figura do presidente George W. Bush, teve início a ação ofensiva de ocupação ao Iraque sob pretexto inicial de que este país possuía armas de destruição em massa, representando, assim, risco iminente de novos ataques terroristas. Cabe lembrar que tal ocupação ocorreu mesmo sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU (que não havia encontrado qualquer evidência da existência de tais armas), mas contando com o apoio da chamada “Força de Coalizão” – formada pelos chefes de Estado da Espanha, Itália e Reino Unido. Já em 2004 e sem que as supostas armas de destruição massiva fossem encontradas, viria o argumento de que a ocupação fazia parte da *libertação de países e a promoção da democracia e da paz mundial*. (CMI Brasil, 2007).

⁶² A primeira tentativa corresponderia, a nosso ver, à instauração da Liga das Nações – precursora da ONU – que teria falhado na missão de conter uma segunda guerra mundial que se anunciava.

2.2 Recomendações e metas da ONU acerca do esporte

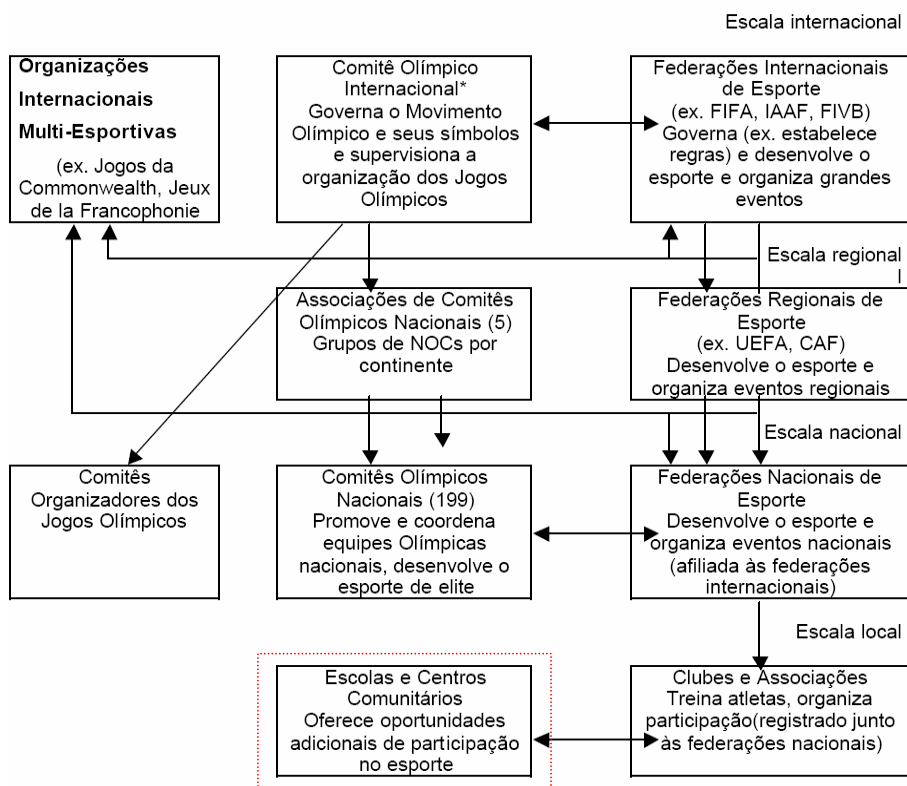
Sob a ótica da ONU (2003, p.4), são diversos os motivos pelos quais o esporte “*deve ocupar papel mais significativo na agenda do desenvolvimento, tanto em nível local quanto global*”, na medida em que - dos jogos e atividades físicas às modalidades organizadas e competitivas – o esporte é um meio poderoso e custo-efetivo de apoiar objetivos de desenvolvimento e paz, além dos inúmeros outros benefícios que seriam apreciados não somente pelo indivíduo, mas por toda a sociedade. Em vista disso, a Entidade considera como uma *necessidade vital* a promoção de iniciativas estratégicas, sistemáticas e coerentes por parte de suas agências, (bem como de governos e demais grupos interessados) no sentido de integrar o esporte e atividades físicas em políticas e programas de diversos setores, incluindo-se a saúde, a educação, o desenvolvimento econômico e social e a promoção da paz.

Entendendo que as parcerias são maneiras particularmente eficazes de trabalhar com programas ligados ao esporte, desde que tais programa sejam implementados sob coordenação de uma “*estrutura comum*”, a ONU se apresenta *naturalmente* como a *entidade* capaz de oferecer este caráter unificador. É sob tais condições que emite recomendações, planeja ações e financia direta e/ou indiretamente muitos dos programas existentes mundialmente, já que atua como agenciadora junto aos chamados países do primeiro mundo para que financiem programas dos chamados *países em desenvolvimento*.

Inseridos nesta *estrutura comum* (ver quadro que se segue) estaria toda a gama de atores envolvidos com o mundo do esporte, incluindo governos (ex. ministérios para os jovens, o esporte, a saúde, as finanças e outras), as organizações de esportes (ex. federações esportivas, comitês olímpicos nacionais, associações nacionais de futebol, clubes de esportes), ONG’s relacionadas ao desenvolvimento, e o setor privado.

Quadro 4 – Hierarquização da Instituição Esporte

A estrutura institucional do mundo do esporte



FONTE: ONU, 2003, p. 32.

A partir da análise do quadro exposto acima, pode-se observar que a estrutura institucional do *mundo do esporte* apresenta-se hierarquizada⁶³. No que se refere a estes esforços de *centralizar* como forma de *qualificar* empreendidos pela ONU, convém contrapor com a perspectiva crítica de Bracht (2003, p.108), segundo o qual,

[...] a institucionalização e a organização burocrática centralizada é uma forma de controle social. As grandes organizações esportivas mundiais (FIFA, COI, etc.) mantêm, através destes mecanismos, o poder de determinar as formas esportivas legítimas, detêm o poder de reconhecê-las, integrando novas tendências e movimentos divergentes.

⁶³ Chamo a atenção para o quadro pontilhado em destaque, no qual podemos situar a instância na qual se dão as políticas sociais e ações esportivas de caráter educativo em nível local.

Para este autor, se quisermos compreender a internacionalização da instituição *esporte moderno*⁶⁴ e sua forma de estruturação hierárquica, torna-se fundamental a compreensão do *movimento olímpico moderno*, posto ser este o principal propulsor do caráter de internacionalização do esporte, bem como da estreita vinculação de ordem política que se faz entre as categorias esporte e nação. Isto porque o Olimpismo⁶⁵ teria difundido a idéia de que o rendimento esportivo, objetivamente mensurado, serviria como simbolismo do poder de uma nação. A partir daí teria surgido o interesse do poder público e dos governos que passaram a fomentar o esporte e a melhoria da performance de suas representações esportivas, atingindo-se inclusive situações extremas no período posterior a II Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria (conforme já relatado anteriormente). Neste processo, as organizações esportivas – que inicialmente tinham um caráter plural por refletir diferentes interesses de diferentes grupos sociais – passaram a submeter-se a uma “*meta-organização esportiva*” (p.108), coordenada na maioria das vezes pelo Estado, seja de forma direta ou indireta.

Na *órbita* desta grande organização burocrática mundial denominada *esporte moderno*, *gravita* uma série de outras instituições que constituem esse grande sistema. Dentre esses se destacam os meios de comunicação de massa, que hoje já não podem hoje ser considerados elementos *externos*, mas sim partes integrantes do chamado universo esportivo (IBIDEM, p.109).

⁶⁴ Para Bracht (2003), o esporte moderno se refere a “atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia, por volta do século XVIII, e que com esta expandiu-se para o resto do mundo” (p. 13). O esporte moderno representou segundo este autor, uma modificação ou ruptura em relação aos costumes esportivos da antiguidade, aos jogos populares e demais elementos da cultura corporal criados até então, devido, especialmente, as suas características básicas tais como a competição, racionalização e cientificização do treinamento.

⁶⁵ De acordo com o COB – Comitê Olímpico Brasileiro ([2007], p.9] o Olimpismo é considerado “uma filosofia de vida que utiliza o esporte para a formação de uma consciência pacifista, democrática, humanitária, cultural e ecológica por intermédio da prática esportiva”. Ver também, nota 33, p. 57.

3 ESPORTE E MÍDIA: O ESPORTE À SERVIÇO DA COMUNICAÇÃO E A COMUNICAÇÃO À SERVIÇO DO ESPORTE.

O esporte é uma das ferramentas de comunicação mais poderosas do mundo devido a **seu apelo quase universal**, seu poder de união e **suas diversas associações positivas**. Juntas, estas características conferem ao esporte a **capacidade de alcançar diversos públicos de várias maneiras**, particularmente os grupos que geralmente são difíceis de alcançar de outro modo. Sozinho, o esporte tem a habilidade de **comunicar mensagens** como da cooperação, convivência, ou como administrar com dignidade a vitória e a derrota. Como um **canal poderoso para comunicar mensagens**, o esporte também pode ser uma arena para promover os objetivos das Nações Unidas para o desenvolvimento e a paz. Seja num único evento ou numa campanha de longo prazo, **o esporte oferece oportunidades valiosas para a conscientização e a mobilização das comunidades** (ONU, 2003, p. 27).

Sob o ponto de vista da ONU, como se pode perceber, o esporte caracteriza-se numa poderosa *ferramenta de comunicação* de modo que podemos considerar que se encontra atualmente a serviço da comunicação. Mas não podemos desconsiderar as reciprocidades desta *relação*, ou seja: a comunicação igualmente caracteriza-se numa poderosa ferramenta a serviço da *“instituição esporte”*.

Neste sentido, pode-se dizer que as estratégias de conscientização através do esporte, realizadas pela mídia na atualidade demonstram estar alinhadas aos objetivos e pressupostos pregados pela ONU. No montante de produtos analisados⁶⁶, a visibilização de perfis de indivíduos que foram *afetados positivamente* pelo esporte (seja através de depoimentos pessoais ou matérias que narram suas histórias de vida) desponta como uma das técnicas freqüentemente utilizadas como forma de impactar e sensibilizar os telespectadores. E isso não se dá apenas por parte da chamada mídia esportiva, mas também com inserções de matérias em telejornais, campanhas especiais de conscientização pública, cobertura de eventos esportivos filantrópicos e/ou de caridade

⁶⁶ Para um panorama geral dos produtos midiáticos submetidos a análise, consultar os quadros demonstrativos, contendo a síntese de cada matéria, situados nas páginas 85, 86 e 87, respectivamente.

que buscam focalizar questões específicas (campanhas anti-drogas e de promoção de saúde, entre outras).

Uma das estratégias utilizadas pela mídia, como forma de agregar um valor ainda maior às diversas associações positivas relacionadas ao esporte, refere-se ao uso da imagem e popularidade das chamadas *“estrelas do esporte”*. Estas atuam como porta-vozes na mídia (como forma de alcançar públicos alvo) e também como *modelo* ou *exemplo* de sucesso a ser seguido. Daí o slogan: *“o esporte não forma apenas ídolos, forma exemplos”*.

Um exemplo de como esta estratégia enunciada pela ONU se operacionaliza na mídia brasileira, pode ser constatado nos trechos de uma campanha televisiva preparatória aos jogos Pan-Americanos (da qual cinco episódios foram submetidos à análise) e cujo objetivo, segundo a emissora, era o de *“relacionar o esporte a valores que ajudam a melhorar a sociedade”*. Nesta série de cinco VT's⁶⁷, veiculados durante aproximadamente três meses (entre, março, abril e maio de 2006), diversas personalidades do mundo do esporte – todos medalhistas olímpicos – serviam como exemplo de atitudes positivas (Ver Quadro 1, na pg. 91).

Os dois episódios que serão relatados a seguir demonstram *no mínimo* a intenção de atuação da mídia naquilo que se configuraria num processo *instantâneo* de subjetivação, no qual apenas 30 segundo seriam suficientes para cumprir sua tarefa de *educar e conscientizar* jovens telespectadores.

⁶⁷ Abreviação de videoteipe. Sistema de gravação, edição, manipulação (geração de efeitos) e reprodução de imagens e sons.

Quadro 5 – Campanha de conscientização pelo esporte

Episódio 1: O esporte formando exemplos

Dois rapazes discutem acirradamente em frente a um monitor de TV, no qual está sendo transmitido um jogo da seleção brasileira de vôlei. Na tela aparece o treinador à beira da quadra, reunindo os jogadores e passando orientações, e o narrador da emissora comenta: *“O Bernardinho reúne o time, ele está pedindo mais união pra equipe; é união a palavra. É, para chegar lá a união é sempre fundamental... E lá vai o Brasil de novo...”*. A seleção brasileira marca o ponto e todo o time se abraça comemorando. Os dois rapazes, após assistirem a esta cena, sorriem e trocam um aperto de mãos, demonstrando reconciliação. Emite-se então a seguinte mensagem: *“O esporte forma mais que ídolos, forma exemplos. Faça do esporte um exercício de transformação. Rio 2007: o Pan do Brasil”*.

Episódio 5: O esporte como exercício de transformação

Uma menina brinca em frente à TV, cercada por vários brinquedos espalhados no chão. Na tela da TV, o locutor comenta: *“Neste momento estamos acompanhando os preparativos para a regata que pode trazer mais uma medalha de ouro para o nosso país. E você já vê o barco do nosso campeão. Mesmo sendo um velejador famoso é o próprio Torbem Grael que arruma o seu barco. É um exemplo para todo mundo. Isso é que é campeão”*. A menina, logo após assistir à cena, começa a organizar seus brinquedos dentro de uma caixa. Emite-se a seguinte mensagem: *“O esporte forma mais que ídolos, forma exemplos. Faça do esporte um exercício de transformação. Rio 2007: o Pan do Brasil”*.

Fonte: Site Globoesporte.com, (vide ilustração, quadro 1, p. 112).

Ao transformar o esporte em espetáculo, a televisão *forja* novas maneiras de percepção. Por meio da seleção e edição de imagens esportivas (imagens estas que a própria mídia se encarrega de interpretar para o público espectador) propõe *um modelo* do que é o esporte e do que é ser esportista. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, como se estivesse olhando através de uma janela de vidro. Assim, tal como se buscou demonstrar nos exemplos acima, os dois jovens e a criança são subjetivados ao olhar para a janela de vidro através da qual vislumbram atitudes-exemplo praticadas por ídolos do mundo do esporte (BETTI, 1994, p.34).

A mídia pode ser também considerada um espaço enunciativo fluido e amplo, a partir do qual se manifesta vários poderes, saberes, instituições, personalidades, sendo assim tomada como um espaço de “visibilidade de visibilidades”, (FISCHER, 2002, p.86) no qual a produção e circulação de produtos culturais (dentre os quais inclui o esporte) se

constituem numa espécie de reduplicação das visibilidades, dos discursos e enunciados de uma época. Deste modo, mais do que inventar ou produzir um discurso, segundo esta autora, a mídia o reduplica a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que *deve* ser visto ou ouvido, posto que:

Por mais que protestemos é preciso entender que não há enunciados escondidos naquilo que a mídia produz e veicula; o que há são emissores e destinatários dos meios de comunicação que variam conforme os regimes de verdade de uma época, e de acordo com as condições de emergência e de produção de certos discursos (Idem, p.87).

Seja no sentido de forjar percepções ou simplesmente como forma de reduplicar visibilidades, pode-se dizer que as vantagens advindas deste uso estratégico da imagem de atletas consagrados por parte da mídia não se restringem unicamente às finalidades pedagógicas de conscientização ou transmissão de mensagem positivas. Absolutamente. Paralelo a este discurso da formação de exemplos para a melhoria da sociedade, entremostam-se outras discursividades voltadas aos fins econômicos e mercantis que podem ser obtidos através deste mesmo tipo de estratégia.

Como forma de atingir alguns de seus objetivos institucionais, também a ONU faz uso da popularidade das estrelas do esporte que, na condição de *Embaixadores da Boa Vontade*, atingem públicos diversos, atraem a atenção da mídia e contribuem para a mobilização de recursos financeiros junto à sociedade civil. Seja em nível global ou local, as Nações Unidas trabalham com ícones do esporte, com reconhecimento em diferentes instâncias. Podemos citar, como exemplo, os jogadores de futebol Ronaldo Nazário e Zinédine Zidane - que atuam como embaixadores da ONU, para favorecer esforços destinados a reduzir a pobreza.

Tudo isso só nos leva a crer que, se há toda esta *maquinaria da comunicação* em torno da "*instituição esporte*" é porque nela persiste um riquíssimo potencial para mobilizar, conscientizar, informar e transmitir mensagens e diferentes públicos, em diferentes níveis. Isso porque os eventos esportivos se constituem em um,

[...] **fórum ideal** para **alcançar um grande número de pessoas**, seja **no local** do evento ou através da **cobertura da mídia**. Os métodos de conscientização incluem o uso de anúncios públicos, vídeos e bandeiras dentro do estádio, shows no intervalo, publicações e *links* em sites sobre os eventos. No nível global, os eventos esportivos podem incorporar todos os elementos acima e fornecer oportunidades adicionais de marketing para levantar fundos (ONU, 2003, p.28).

No que se refere às questões ligadas ao marketing e mais especificamente aos benefícios econômico-financeiros passíveis de serem atingidos por meio do esporte, torna-se interessante o embate discursivo que se estabelece entre finalidades econômicas e as educativo-pedagógicas.

É Bracht (2003) quem explica que o discurso legitimador da instituição esportiva centrou-se historicamente em torno de três eixos: “educação; saúde; e confraternização (entre povos, grupos, raças) e paz mundial” (p. 110). Na perspectiva do autor, foram estes três elementos que permitiram legitimar a intervenção do Estado no setor e, mais especificamente sua ligação ao ideal da educação e da saúde que permitiu tornar-se o conteúdo central da Educação Física escolar. No entanto, segundo ele, a crescente importância econômica vinculada ao esporte de alto rendimento permite que hoje, em determinadas situações, inclusive se *abra mão* destes discursos legitimadores (da saúde, educação e confraternização) em nome de outros *ganhos* que estariam situados no plano econômico. Dentre os ganhos que se situam no plano econômico poderíamos citar aqueles referentes as áreas de infra-estrutura, geração de emprego e renda, modernização e aperfeiçoamento dos meios de transporte, entre tantos outros.

Um exemplo bastante ilustrativo da compreensão exposta por este autor, pode ser constatado num dos trechos de matéria publicada no site institucional do Programa Segundo Tempo, a qual surpreendentemente abre mão (ainda que temporariamente) dos *discursos legitimadores* acerca dos ganhos sociais gerados pelos Jogos Pan-Americanos para destacar os ganhos no mercado imobiliário brasileiro, decorrentes das obras na Vila Olímpica:

A comitiva presidencial visitou um dos 1.480 apartamentos do Pan distribuídos em 17 prédios que estão com estruturas concluídas e 97% das unidades vendidas. O presidente Lula conheceu um destaque da obra: mais de 1.300 apartamentos – entre um e quatro quartos, todos suítes - foram comercializados em um único dia,

estabelecendo recorde no mercado imobiliário brasileiro. Ao todo, o governo federal investirá cerca de R\$ 1 bilhão nos Jogos Pan-Americanos de 2007 [...] [matéria n. 32, vide quadro nº 3, p. 115]

A quem possa surpreender o fato de se contabilizar como *mais um recorde para o Brasil* a comercialização de obras financiadas pelos cofres públicos, é necessário entender que:

A organização esportiva que dirige o esporte-espetáculo, e que procura manter-se enquanto dirigente da instituição esportiva enquanto tal, somente mantém a questão da educação, da saúde, da confraternização no seu discurso, para suprir eventuais déficits de legitimidade social, no entanto, concretamente, trata-se de mero exercício de retórica: a lógica interna que dirige, que orienta as ações do interior do sistema esportivo de alto rendimento é impermeável aos argumentos educacionais, da saúde e da confraternização (BRACHT, 2003, p. 110).

Outras instâncias sociais – como a política e a mídia, por exemplo - em inúmeras situações também têm se beneficiado amplamente da retórica “*esporte é vida*”, “*esporte é saúde*” e “*esporte é paz, não violência*”, auferindo lucros que em nada (ou quase nada) tem a ver com a saúde, educação e a paz da população. Na medida em que o esporte se constitui atualmente num *produto cultural altamente valorizado* em função de seu viés econômico, por meio do qual somas extraordinárias são investidas na busca incessante pela melhoria dos resultados, já não há qualquer surpresa no fato de que inclusive a ciência que dele se ocupa venha abdicando pouco a pouco dos interesses no ser humano ou na dimensão social do esporte e privilegiando cada vez mais interesses tecnológicos e de rendimento (KUNZ, 2001).

4 ESPORTE E CULTURA: HIPERVALORIZAÇÃO X MARGINALIZAÇÃO DO ESPORTE

Um recente episódio envolvendo o esporte, ocorrido durante o período de realização deste estudo, serve para ilustrar os modos como as já referidas retóricas legitimadoras do esporte seguem sendo utilizadas meramente por conveniências. Refiro-me ao verdadeiro *cabo-de-guerra* travado entre as classes artística e desportiva por ocasião da tramitação no Senado Nacional do Projeto de Lei de Incentivo ao Esporte. Originalmente, o projeto previa deduções de 4 por cento do Imposto de Renda para empresas dispostas a patrocinar ou investir em atividades esportivas. O impasse estabeleceu-se, porém, na medida em que se disputaria a mesma fatia de dinheiro destinado ao setor cultural, ferindo assim interesses peculiares à classe artística.

Durante um período de aproximadamente duas semanas em que o projeto tramitava no Senado, foi travado um ferrenho embate no plano das *ações* e das *palavras* entre artistas e atletas pela maior parte do *bolo* dos incentivos fiscais, embate este que contou com ampla cobertura por parte da grande mídia. A classe artística, a despeito de toda a discursividade (muitas vezes por ela própria empreendida) que eleva o esporte a condição de um *bem cultural*, mostrou-se pouco sensível à prioridade da nova lei que prometia investir massivamente em projetos de inclusão social e foi *ao ataque*. Interessamos aqui atentar de modo específico para alguns dos argumentos utilizados pela classe artística em defesa de seus interesses, já que os argumentos utilizados em prol da esfera desportiva já não nos seriam estranhos, pois são parte da mesma retórica contemplada nas discussões anteriores.

Eu acho que nós da cultura perderíamos, pela visibilidade porque o esporte é uma coisa altamente popular, não é? Altamente demonstrativa também, você pode se pendurar com todos os patrocínios em cima do corpo, e tem essa visibilidade e esse retorno que todo o patrocinador quer (Atriz Fernanda Montenegro, em 10/12/2006. Fonte: Programa Fantástico).

Entre Ronaldo e Fernanda Montenegro, claro que o patrocínio vai para o Ronaldo⁶⁸ (Atriz Marília Pêra, em 11/12/2006. Fonte: Matéria “Artistas se reúnem com Gil; disputa com atletas vai ao senado”, disponível no site <http://g1.globo.com/Noticias>).

Juntos, nós somos mais fortes, mais poderosos. O esporte já tem apoio. Temos que apostar no mecenato⁶⁹ para mostrar que é viável investir mais na cultura [...]. Se não der certo, eu vou ficar nu no teatro municipal e no Congresso (Ator Ney Latorraca, 12/12/2006. Fonte: “Artistas e atletas selam acordo de paz sobre patrocínio”, Site <http://g1.globo.com/Noticias>).

Com relação aos dois primeiros argumentos, gostaria de atentar para o seguinte aspecto: em ambos os depoimentos transparece um temor e ao mesmo tempo certo descrédito quanto ao fato do esporte ser “*uma coisa altamente popular*”. Se tomarmos o termo popular como sinônimo de “relativo ao povo; pertencente ao povo; usado pelo povo; feito para o povo; próprio do povo; estimado pelo povo⁷⁰” e se confiarmos na tese das atrizes de que devido à popularidade e visibilidade do esporte “*entre o Ronaldo e a Fernanda Montenegro*” o patrocínio certamente iria para o primeiro, poderíamos supor então que a cultura não é algo popular?

Ora, podemos observar claramente através destes discursos um embate que põe de um lado uma atividade julgada de caráter populista – o esporte, e de outro uma atividade julgada como elitista⁷¹. Basta levarmos em conta que, os ‘pomposos’ incentivos fiscais que vem sendo destinados há anos para o setor cultural brasileiro não foram suficientes para reduzir o *apartheid cultural*⁷² que têm segmentado a população brasileira.

⁶⁸ Neste caso, a atriz refere-se ao jogador de futebol Ronaldo. No entanto, *esquece ou desconhece* o fato de que o projeto original sequer previa recursos para o futebol, enquadrado como esporte profissional.

⁶⁹ Mecenato é um termo que indica o incentivo, patrocínio e proteção aos artistas, às letras, artes ou aos seus cultores, e mais amplamente, às atividades artísticas e culturais, concedida por homens ricos ou sábios, por empresas ou outro tipo de entidades privadas. O mecenato é uma prática milenar praticado a partir de movimentos culturais diversos, em especial, nas artes plásticas, teatro e literatura.

⁷⁰ Fonte: Dicionário Eletrônico Priberam.

⁷¹ Por populismo leia-se uma política ou sistema que se orienta pela “*obtenção do favor popular, através de medidas que agradem, sobretudo, às classes com menor poder econômico*”. Em oposição estaria o elitismo como “*política ou sistema que favorece um escol, uma elite, com claro prejuízo da maioria*”.

⁷² A esse respeito, é o próprio secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, que afirma que o Brasil vivencia um *apartheid cultural*, sendo que menos de 10% dos brasileiros vão pelo menos uma vez por ano ao cinema e os que vão sistematicamente não chegam a 5%. As tiragens de livros, por exemplo, são de apenas 5 mil exemplares, para um país de 180 milhões de habitantes. Segundo Ferreira, o povo brasileiro, na sua maioria, não

População esta que em sua ampla maioria jamais teve acesso aos luxuosos palcos de teatros e aos caríssimos espetáculos protagonizados por ilustres artistas, dentre os quais se incluem os ora aqui citados.

Uma segunda consideração, ainda no que se refere à relação visibilidade/popularidade do esporte e à questão dos patrocínios, incentivos e marketing por parte das empresas: quando é dito, por uma das atrizes, que o esporte é uma coisa “altamente demonstrativa” onde “você pode se pendurar com todos os patrocínios em cima do corpo, e tem essa visibilidade e esse retorno que todo o patrocinador quer” fica substancialmente clara uma crítica ao *uso dos corpos* como veículo de propaganda, tornando assim evidentes algumas das motivações e interesses que estão *em jogo* nos investimentos feitos pela iniciativa privada neste setor. Também no caso de muitos dos projetos sociais esportivos, crianças e jovens precisam estar trajando os uniformes e/ou bonés estampados com as logomarcas dos financiadores como caráter *compulsório* para sua participação nas atividades esportivas. Seria esta, portanto, uma crítica, a meu ver, relevante no sentido de introduzir uma ampla discussão sobre o uso ‘*marketeiro*’ do esporte em projetos de responsabilidade social ou em políticas públicas, especialmente ao ser tal crítica empreendida por iniciativa da *culta e poderosa* classe artística. A lamentar, apenas o fato de que esse argumento tenha sido ‘usado’, a meu ver, apenas como um *meio* para defender interesses pessoais ou de uma classe profissional, numa atitude semelhante aquela apresentada na *dança-das-cadeiras*, a qual me referia anteriormente.

Poderíamos então nos perguntar: em um país onde os discursos sinalizam “esporte é para muitos” e “cultura é para poucos”, qual dos setores seria – *de fato e de direito* – merecedor da maior fatia do bolo de investimentos?

Como resposta, vejamos como ficou o placar final deste “jogo” pelos incentivos fiscais após aprovada a Lei de Incentivo ao Esporte⁷³:

tem acesso à cultura, a não ser através da televisão e mesmo assim de forma precária, apenas como meio de *matar o tempo*. (Fonte: Site Ministério da Cultura <http://www.cultura.gov.br>)

⁷³ Cabe salientar o fato de que a Lei Federal de Incentivo ao esporte (Lei n°. 11.438/2006) foi sancionada com quinze anos de atraso em relação a Lei Federal de Incentivo à Cultura – chamada Lei Rouanet (Lei n°. 8.313/91).

Quadro 6 – Incentivos Fiscais⁷⁴

Cultura	x	Esporte
R\$ 1,2 bilhão*		R\$ 300 milhões*

○ discurso dos vitoriosos, de certo modo, sintetiza e corrobora o resultado final do embate:

Não podíamos permitir que nos fossem retirados os pouquíssimos recursos que temos (Atriz Beatriz Segal, em 13/12/2006. Fonte: Matéria "Acordo separa incentivos fiscais para cultura e esportes". Disponível no site <http://g1.globo.com/Noticias> e em anexo).

Foi um dia proveitoso e espero que ambas as partes saiam satisfeitas (Atriz Fernanda Montenegro, em 13/12/2006. Fonte: "Acordo separa incentivos fiscais para cultura e esportes". Disponível no site <http://g1.globo.com/Noticias> e em anexo).

Foi encontrada a solução que resolveu e atendeu a todos nós (Atriz Nathalia Timberg, em 29/12/2006. Fonte: Matéria "Fim da queda de braço". Disponível no site <http://g1.globo.com/Noticias> e em anexo).

Diante dos *fatos*, pode-se dizer que o saldo só não foi pior para o setor esportivo porque, em termos de incentivo fiscal, o que o esporte amador tinha até então era igual à *zero por cento*. E como já dizia o velho ditado: "Em terra de cego...".

A se notar pelo que poderíamos chamar de uma *vitória esmagadora* da classe cultural sobre a classe dos esportistas, podemos constatar que, em se tratando do plano concreto, toda esta *retórica legitimadora que cerca o esporte* cai por terra, mostra-se um retumbante fracasso, sendo que de nada serviu para garantir para si (setor esportivo) maiores incentivos. Algo semelhante ao que ocorre há décadas na esfera educacional, na qual a retórica da importância da educação de qualidade não costuma se traduzir em maiores investimentos no setor.

⁷⁴ Os valores expostos correspondem à contribuição máxima que as empresas podem deduzir do imposto de renda.

No que se refere ao caso da Educação Física (canal institucionalmente responsável pelo ensino e prática do esporte) de um modo bem específico, Castellani Filho (1988) procede a uma digressão na história brasileira, a fim de compreender como foi sendo construída esta dialética que transita entre a hipervalorização x marginalização do esporte e das práticas de atividades físicas. Segundo ele, ao conquistar sua independência em 1822, o Brasil possuía metade de sua população composta pela massa escrava e era grande o temor de que o *potencial de rebeldia* destes escravos pudesse vir a ser manipulado no sentido de servir de apoio aos portugueses com vocação recolonizadora. Assim a higienização e o controle familiar (através da disciplinarização do físico, do intelecto, da moral e da sexualidade) tornava-se uma das principais estratégias populacionistas elaborada pelo Estado Nacional, com vistas à “criar uma população racial e socialmente identificada com a camada branca dominante e politicamente adepta da ideologia nacionalista” (p.44).

Assim, os esforços de se lançar mão da Educação Física como elemento educacional, se por um lado entrava em conformidade com uma visão de saúde corporal, física e eugênica, por outro enfrentava barreiras arraigadas aos valores dominantes de um ordenamento social escravocrata ainda vigente. É que Educação Física fora estigmatizada em função de uma *ética colonial* que repudiava qualquer tipo de trabalho manual – tarefa pertinente única e exclusivamente aos escravos. Às classes dominantes, em oposição, competia o trabalho intelectual dissociado do componente *trabalho-produção*. Torna-se claro que educação física era rechaçada enquanto relacionada à atividade física produtiva – sinônimo de trabalho. Porém, quando na condição de atividade de não-trabalho, em seu sentido lúdico, de preenchimento do ócio e do tempo livre, pelo contrário, sempre foi valorizada pela classe dominante (IDEM).

Aos poucos, porém, sob forte influência dos higienistas, os educadores começaram a defender a introdução da ginástica nos colégios, ainda que a classe burguesa se opusesse e não visse com *bons olhos* a prática de atividades físicas nas escolas que assistiam aos filhos da elite – voltadas à índole intelectual. Foi por ocasião do parecer de

Rui Barboza⁷⁵ em defesa de seu projeto de “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, que a chamada *classe de positivistas conscientes* começava a entender como imperiosa a necessidade de se forjar o homem forte e disciplinado, como condição para a construção de um povo e nação fortes e, conseqüentemente, a construção de um país também forte, em busca do tão almejado “progresso”. Como fora proferido, nas palavras de Rui Barboza:

[...] com a medida proposta, não pretendemos formar nem acrobatas nem Hércules, mas desenvolver na criança o quantum de vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, á felicidade da alma, à preservação da Pátria e à dignidade da espécie (IBIDEM, p.53).

Tendo em vista que estas palavras de Rui Barboza serviram de referencial a todos aqueles que nas primeiras décadas do século XX vieram a defender a presença da Educação Física no sistema escolar brasileiro (CASTELLANI FILHO, 1988), pode-se também suspeitar que qualquer semelhança com a máxima “*não queremos formar atletas, mas sim cidadãos*”⁷⁶ não se trate de mera coincidência. A própria ONU entoa algo parecido quando afirma:

O objetivo das atividades das Nações Unidas que envolvem o esporte não é a criação de novos campeões ou o desenvolvimento do esporte, mas em vez disso, é a utilização do esporte em atividades mais abrangentes do desenvolvimento e da construção da paz (ONU, 2003, p. 7).

Ainda sob o ponto de vista da dialética hipervalorização x marginalização, o que se percebe via de regra é que, apesar de toda retórica acerca da importância da educação e do desportivização de nossa juventude, estudos e depoimentos *informais* com profissionais da educação física apontam para o seguinte panorama: grande parte dos discursos que aferem importância ao esporte e à educação física não se reflete em ações práticas/concretas, e tornam-se ao mesmo tempo causa e efeito de um processo de

⁷⁵ Por efeito deste Parecer, proferido na sessão de 12 de setembro de 1822 da Câmara dos Deputados, Rui Barboza recebeu o título de ‘paladino da Educação Física no Brasil (CASTELLANI FILHO, 1988).

⁷⁶ Conformes já havia referido, esse é um dos *mantras* entoados com freqüência no âmbito dos projetos sociais esportivos.

desvalorização tanto da educação física quanto, conseqüentemente, do profissional que dela se ocupa. Numa das matérias extraídas da mídia televisiva, o repórter entrevista um profissional da Educação Física, questionando-o sobre se a disciplina vem sendo valorizada, no âmbito escolar, ao que o educador desabafa:

Não, nem ela nem esse profissional. A gente escuta de colegas em própria sala de professores essa discussão. O que acontece muito por ai é chegar pegar uma garotada e jogar a bola pra cima e se virem. Então isso é bastante... [matéria n.10]

A própria ONU reconhece em seu relatório (2003) que, apesar do reconhecimento do impacto positivo do esporte na educação e no desenvolvimento de crianças e jovens, a educação física está sendo cada vez mais marginalizada no sistema de educação. Isto, segundo a entidade, se reflete em inúmeros fatores: na diminuição da quantidade de horas alocadas para a educação física no contexto escolar, no número insuficiente de funcionários especializados, na falta de treinamento para educadores físicos e nos gastos insuficientes de recursos que seriam necessários para a prática do esporte e da atividade física de qualidade na escola. Entretanto, mesmo diante da flagrante crise, reafirma-se a mesma retórica:

Dentro das escolas, a educação física é um componente essencial na educação de qualidade. Os programas de educação física não apenas promovem a atividade física, mas há evidências de que tais programas têm relação direta com a melhoria do desempenho acadêmico (ONU, 2003, p.4).

Uma pesquisa conduzida por Hardman e Marshall (1999), em 126 países, demonstra que a marginalização da educação física é quase universal. A razão preliminar para esta marginalização é atribuída ao fato de que a educação física freqüentemente é vista como atividade não-produtiva e não-intelectual e, assim sendo, torna-se um componente que não é essencial aos olhos da educação dita formal (apesar de ser, conforme o estudo, um requisito legal em mais de 100 dos países examinados).

Seria possível atribuímos ao *acaso*, à *fatalidade* ou à mera *coincidência* o fato deste processo de marginalização alastrar-se mundialmente? Sob minha ótica, resultados

de estudos como este só vem a comprovar mais uma dentre as inúmeras *teses* que tem surgido recentemente acerca das sociedades globalizadas: a de que os problemas e as crises (seja nas áreas da educação, do desporto, da saúde, da segurança) neste modelo global de sociedade, apresentam características bastante comuns, seguindo o que se pode chamar de *tendências sociais*. Basta tomarmos como exemplo o que ocorre com as *tendências econômicas* que são regidas por ciclos internacionais interdependentes: se hoje cai a bolsa nos Estados Unidos, amanhã o movimento é registrado na bolsa de valores no Brasil, no conjunto de bolsas européias, asiáticas e assim por diante (ESTEVE, 2004).

5 O ESPORTE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA MULTIFUNCIONAL

5.1 “O esporte é uma escola que forma cidadãos vencedores para a vida”

Dentre os eixos identificados como historicamente legitimadores da instituição esportiva, o eixo da educação ou pedagógico se mostrou, de acordo com o material analisado, um dos mais *usados* como forma de conferir legitimidade e relevância à implementação de políticas sociais de esporte para a juventude no Brasil. Dizer que o esporte é “*uma escola para a vida*”, que “*forma cidadãos vencedores*”, que “*tira os jovens das ruas e coloca no caminho do bem*”, constituem-se atualmente em verdadeiros *mantras sagrados* no universo dos projetos sociais esportivos.

No documento emitido pela ONU, muitas das justificativas para o uso do esporte sustentam-se em sua função pedagógica, conforme descrita no trecho abaixo:

O esporte é uma escola ideal para a vida. As habilidades aprendidas através da brincadeira, da educação física e do esporte são fundamentais para o desenvolvimento holístico dos jovens. Estas habilidades, tais como a cooperação e a auto-confiança, são essenciais para a coesão social e são levadas para a vida adulta.(...) O esporte educa ativamente os jovens sobre a importância de determinados valores-chave, tais como a honestidade, o jogo justo, o respeito por si próprio e pelos outros, a obediência às regras e o respeito pela importância delas (ONU, 2003, p. 15).

O discurso que enaltece e eleva o esporte à condição de importante ferramenta pedagógica para a formação da cidadania dos jovens, de acordo com o que foi possível analisar, vem sendo tão ou mais enfatizado do que aqueles relacionados ao eixo da saúde, por exemplo. Mas torna-se importante frisar que este discurso vinculado ao eixo da educação não atua de modo isolado e sim articulado a outros eixos de legitimação, tais como a possibilidade de ascensão econômica, de inclusão social, e de promoção de uma cultura de paz. Assim, nos diferentes produtos analisados, frequentemente estes discursos se entrecruzam, estabelecendo relações de interdependência entre si.

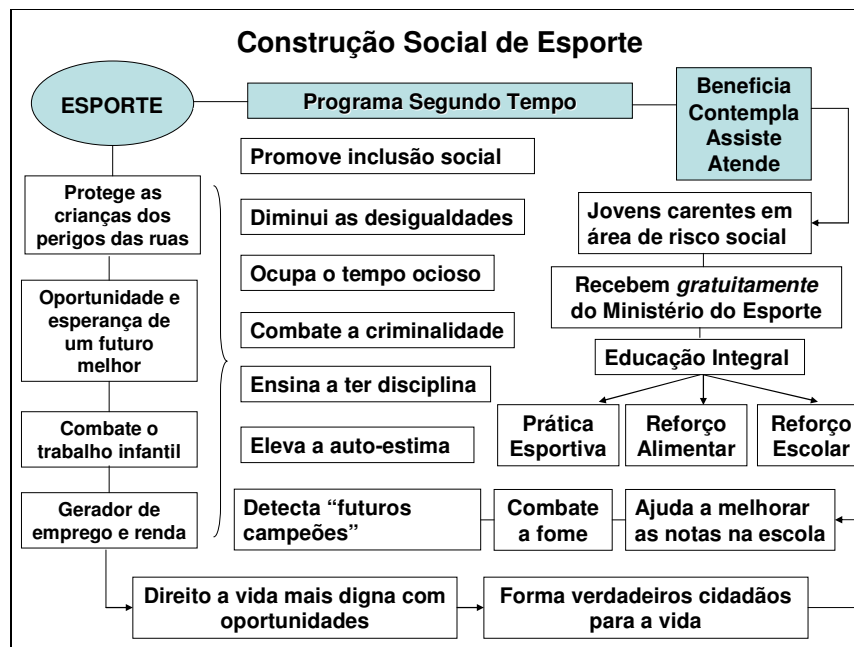
Na tabela que segue logo abaixo, elaborada como forma de operacionalizar as análises dos produtos extraídos da mídia televisiva, é possível evidenciar: a frequência com que a temática central é tratada nas matérias, os eixos ou campos discursivos a que se articula, os personagens da trama discursiva, assim como alguns temas transversais associados.

Tabela 1 – O esporte formando cidadãos

<i>Temática Central</i>	Esporte: uma escola que forma cidadãos vencedores para a vida/ inclusão social e ascensão econômica por meio do esporte
Matérias em que aparece	1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 22
Eixos/campos discursivos	Educação; saúde; desenvolvimento humano, social e econômico
Personagens da trama narrativa	Atletas consagrados; jovens; mães; treinadores(as); educadores(as), atletas, gestores dos projetos sociais, políticos
Temáticas transversais /discursos associados	Tirar os jovens das ruas; combater a violência e criminalidade; afastar do tráfico de drogas; melhorar a saúde; importância da disciplina; detecção de talentos; ascensão econômica da família por meio do esporte; formar o cidadão; possibilidade de transformação social; treinamento x trabalho infantil; crise na educação; formação de mão de obra para o trabalho; oferece futuro promissor.

Também da análise efetuada com os materiais midiáticos veiculados pelo Programa Segundo Tempo, foi possível construir um mapa de associações a partir das diferentes funcionalidades atribuídas ao esporte.

Quadro 7 – Concepção de esporte Programa Segundo Tempo



Também no Relatório da Conferência Nacional de Esporte (2004), são atribuídas ao esporte inúmeras funcionalidades, conforme se pode observar nos quadros abaixo.

Quadro 8 - O esporte traz...

Solidariedade	Auto-estima	Comunicação	Tolerância
Respeito ao próximo	Disciplina	Sentido do coletivo	Cooperação
Respeito a regras	Noções de trabalho em equipe	Capacidade de liderança	Vida saudável.

Quadro 9 - O esporte evita...

Doenças	Evasão da escola	Uso de drogas	Criminalidade
---------	------------------	---------------	---------------

Um exemplo de como a função pedagógica do esporte é destacada por parte da mídia televisiva na atualidade, pode ser constatado nos trechos desta matéria⁷⁷, na qual

⁷⁷ Matéria n. 7, quadro nº 2, p.86.

um professor de educação física (gestor de um projeto social de atletismo) e um jovem-atleta (integrante deste projeto) são entrevistados. O repórter inicia a entrevista dirigindo-se ao professor:

Repórter: Hoje em dia, não há mais como duvidar: o caminho para mudar e melhorar a vida dos jovens brasileiros passa pela educação. E pela disciplina e perseverança que o esporte como opção pode dar. Se a força de vontade dos jovens é o ponto de partida, o papel do professor é essencial, é ele quem observa, julga, orienta e conduz,... Acho que não há mais dúvida de que, é através da educação e da disciplina que o esporte pode trazer, que a gente pode dar um bom futuro para o jovem brasileiro. Tô certo?

Professor: Com certeza. É a fórmula correta, esporte é sinônimo de cidadão – a gente **forma** o cidadão através do esporte. Ainda tem as vantagens de formar atletas também.

Pode-se perceber por meio deste relato que, embora o discurso pedagógico seja o tema central, não está afastada a questão da detecção do talento esportivo e da formação do atleta, bem com a possibilidade de um futuro melhor, possivelmente por meio da ascensão social e econômica.

Mais adiante, na mesma matéria, a legitimação do papel educativo do esporte é ressaltada por meio do uso de uma estratégia midiática que se mostrou bastante comum nos programas televisivos analisados: depoimentos pessoais com relatos de histórias de vida de superação. Neste caso, foi destacada a história de vida de um jovem-atleta de 11 anos, recordista estadual de arremesso de peso. Logo após apresentar brevemente o menino, o entrevistador incitando-o a falar de aspectos particulares de sua vida:

Repórter: **Bacana** também na sua biografia é que, uma época de... falemos assim, de más companhias, que você andava com pessoas, enfim, ligadas de certa forma a uma vida criminosa, você saiu disto, você deu a volta nisso, como foi esta sua libertação deste problema...

Jovem-atleta: É como eu sempre falava, eu tava junto assim, mas estar junto é estar junto, não é porque eles fazem as coisas que você não vai poder falar com o garoto, você pode falar, oi tudo bem tranquilo e sair, ficar **junto** é assim.

Cabe observar, na resposta do jovem-atleta, uma divergência no que se refere à insinuação de um suposto envolvimento com más companhias e participação em

atividades ligadas ao mundo do crime. Ainda assim o entrevistador, parecendo seguir um roteiro previamente estabelecido, segue perguntando:

Repórter: E nesse meio tempo, nessa sua luta pra se libertar disto, você tinha o apoio e as broncas do professor, foi isso?

Diante da insistência do repórter, o jovem responde:

Jovem-atleta: Pô, sem ele eu nem saberia o que seria de mim porque, eu tava ali nestas companhias,... minha mãe tava começando a ter medo já, queria me tirar de lá, daí com o atletismo foi melhor pra mim, né?

Seguindo seu roteiro de entrevista, o repórter passa então a enfatizar a importância do papel desempenhado pelo professor no “resgate” de jovens:

Repórter: E o Sr. tem que fazer este trabalho com muitos jovens, esse resgate destas situações... Como ajudar?

Professor: É até uma espécie de uma **lavagem cerebral**, todo dia, todo dia, acabou o treino, a gente senta e faz uma **preleçãozinha**, e eu coloco pra eles o seguinte, se a gente começa a se gostar a gente tem que se preocupar em fazer coisas boas. Se a gente faz coisas ruins, alguma coisa vai cair em cima da cabeça da gente. Se você não se gostar não fizer o bem pra você, quem vai fazer? Então isso tudo é uma coisa muito importante, porque a classe pobre é as pessoas que não tem dinheiro direito pra comer, é o marido que chega em casa as vezes bêbado, então tudo isso a gente procura compensar ajudando da melhor maneira possível.

Interessante comentar que a tal “*lavagem cerebral*” e a “*preleçãozinha*” a que se refere o professor, de certo modo personificam muitos dos discursos e práticas dirigidos aos jovens carentes, tanto por parte da mídia quanto dos projetos que utilizam o esporte como uma ferramenta educativa.

A esse respeito também a ONU se manifesta que,

A prática do esporte [...] oferece oportunidades de lazer e de auto-expressão **que são benéficas, especialmente, para os jovens com poucas outras oportunidades em suas vidas.** O esporte fornece também alternativas saudáveis às atividades prejudiciais, tais como o **uso de drogas e a participação no crime** (ONU, 2003, p.4).

5.2 “O esporte é uma *arma* no combate à violência e à criminalidade”

A livre associação que se convencionou estabelecer entre *esporte*, *jovens como poucas oportunidades na vida* e *a criminalidade* escancara a profunda e duradoura cisão de uma sociedade na qual se tornou *lugar-comum* a naturalização das desigualdades, exclusões, e estigmatizações sociais. Assim, aos “*jovens carentes*” – presumidamente mais pré-dispostos a aderirem às *atividades prejudiciais tais como o uso de drogas e a participação no crime* – o esporte surge como uma espécie de *vacina* capaz de imunizá-los e protegê-los durante seu período de tempo livre para que não venham a ser infectados pelos *vírus da marginalidade*. Já aos “*jovens não-carentes*”, a prática de esportes no período de tempo-livre costuma ser associada a uma função lúdica e recreativa: um *hobbie* alheio à tarefa de educar para a vida (ao menos de forma direta).

Conforme afirmam Coimbra e Nascimento ([2004]), em uma sociedade onde alguns efeitos são *forjados* no sentido de associar periculosidade e criminalidade à situações de pobreza, o tempo livre de jovens pobres tornou-se sinônimo de ‘no mínimo’ uma ótima oportunidade para que realizem atividades ilegais tais como associação ao tráfico de drogas, uso de entorpecentes, roubos, furtos, atos de vandalismo ou a simples vadiagem.

Em face disto, seja nas matérias produzidas pela mídia, seja nas enunciações da ONU ou dos projetos para os quais estes jovens se constituem em público alvo, a tônica que impera é a de uma história com papéis já previamente demarcados e estabelecidos. De um lado, nossos jovens pobres e potencialmente perigosos representando o papel do vilão, ou seja, um sujeito quase sempre ligado à criminalidade, à violência, ao tráfico de drogas, entre outras mazelas sociais. De outro, a partir de uma concepção *salvacionista*, surge o esporte, um legítimo herói capaz de operar *verdadeiros milagres*.

Melo (2005), ao analisar uma Política Pública de Lazer na Vila Olímpica da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, verificou que o esporte era *pensado* com base numa perspectiva conservadora de controle social e *utilizado* como uma espécie “**analgésico**”

social” ou “**antídoto perfeito**” (p.81), capaz de coibir a entrada dos jovens pobres no mundo do crime. Nas palavras do autor:

Fica a impressão de que a juventude pobre teria quase uma tendência “natural”, um destino inevitável, a enveredar-se pelos caminhos das drogas e dos crimes, e que as políticas de esporte e lazer seriam relevantes para tentar “livrar” esses jovens desse “destino”. Uma visão preconceituosa, que tende a considerar o jovem pobre como sinônimo de criminoso em potencial. (MELO, 2005, p.81)

A acentuação dessa lógica preconceituosa que percebe no controle social das camadas pobres da população a melhor saída para a diminuição da violência e criminalidade, se difunde cotidianamente através da mídia. É a partir do conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” que Fischer (2002) aponta para a complexa trama de práticas usadas pela mídia como forma de incitar discursos e revelações permanentes sobre “si mesmo”. Estas revelações vem acompanhadas de uma “produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem” (p.155). É através destas confissões e testemunhos transformados pela mídia em “*lições de vida*” que os diferentes personagens da trama discursiva social (sejam estes personalidades públicas ou sujeitos anônimos) confessam suas “verdades” que são, por sua vez, *produzidas* a partir de todo um aparato da mídia (ainda que se manifestem como uma verdade específica de cada sujeito que a enuncia). Este tipo de estratégia teria, segundo a autora, o poder de captar os telespectadores na sua intimidade, na medida em que os mesmos passam a se reconhecer naquelas verdades ou mesmo procederem a uma auto-avaliação pessoal com relação ao tema em questão.

Essa tecnologia, no entanto, não ocorre de modo indiferenciado: os modos de incitar a confissão estariam sempre marcados pelas diferenças (de classe, de status cultural e social) e direcionadas “por uma série de preconceitos, a uma série de valores e de definições do que são, por exemplo, determinados grupos sociais” (IDEM, p.157). Isso bem se reflete na opinião do professor acima entrevistado, quando este se refere à classe pobre como àquela em que “as pessoas não tem dinheiro direito pra comer, é o marido que chega em casa as vezes bêbado”. A partir desta significação de pobreza

socialmente construída, entende-se como uma necessidade urgente a aplicação do que poderíamos chamar de *medidas sócio-educativas preventivas*.

Interessante é verificar como este aparato de produção de verdades e as estratégias de subjetivação e captação da intimidade dos sujeitos se manifesta através daqueles que falam na mídia - que segundo Fischer, (1996) se configurariam em receptores dentro da mídia, agentes subjetivadores e subjetivados na mesma medida. Isso se torna perceptível na fala do jovem Elias, protagonista da matéria⁷⁸ que será transcrita abaixo.

Locutor: Seis da manhã e Elias se levanta. Se arruma em silêncio, para não acordar os pais e os três irmãos que moram na casa de sala, cozinha e banheiro. O rapaz de 19 anos, como muitos de sua idade que vivem em favelas de São Paulo, tem vida dura. Facilidades aparecem, mas não é o que ele quer...

Elias: A vida do crime, né, que todo mundo conhece e sabe como é por dentro, porque na televisão passa direto e se vê que não é uma maravilha. E é um modo fácil de ganhar dinheiro, mas eu não queria para mim aquilo. Aí eu procurei outro caminho né?

Repórter: E o caminho escolhido permite que ele ande pelas ruas de cabeça erguida. Elias foi convidado a participar de um projeto social: "Esporte Solidário". Através dele, disputou provas de atletismo durante seis anos. Ele correu e foi ao encontro de um novo destino.

Elias: A escolha mais certa da minha que eu fiz foi o esporte, né? Porque se não fosse o esporte eu poderia tá lá na rua como um 'traficantezinho', alguma coisa assim..., ou então podia tá até morto, como outros parceiro meu que já tá.

Repórter: O esporte levou Elias ao caminho da educação. Hoje ele cursa engenharia eletrônica. O projeto social é responsável por 60% do custo dos seus estudos. Mas a ajuda não pára por aí. O dinheiro para conseguir pagar os 40% da mensalidade da faculdade, Elias consegue trabalhando numa pizzaria em São Paulo – emprego que também foi conseguido através do projeto Esporte Solidário, uma oportunidade que para ele é mais uma etapa no meio do caminho.

Elias: Esta é uma oportunidade que o esporte me deu e eu nem penso em desistir, porque eu sei que meu trabalho como garçom é passageiro, mas o que eu quero na vida mesmo é vencer e vencer como engenheiro eletrônico.

Repórter: O atletismo pode não ter ganho um recordista, mas o esporte com certeza produziu um *cidadão vencedor*. [matéria 9]

⁷⁸ Matéria nº 9, quadro 2, p. 86.

Observa-se que as palavras do jovem Elias fazem coro a uma discursividade mais ampla: àquela que legitima o esporte como ferramenta multifuncional de transformação social, que além de educar o jovem diretamente, serve também de veículo que permite o acesso à educação dita formal. Importante salientar que o acesso à educação é um dos direitos sociais previstos tanto no artigo 6º da Constituição, quanto no artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente⁷⁹.

Um outro aspecto para o qual precisamos estar atentos, no que se refere aos conteúdos veiculados pela mídia é que, embora esses conteúdos sejam apresentados na condição de produtos jornalísticos que visam *noticiar a realidade*, as reportagens e entrevistas, frequentemente, passam por processos midiáticos *de produção e edição* de voz e imagem: assim, estamos diante de realidades igualmente produzidas e editadas.

No caso das matérias televisivas examinadas neste estudo, pode-se observar nitidamente que, em sua maioria, seguiam uma espécie de roteiro-dirigido nos quais os *jovens esportistas carentes* eram visibilizados quase sempre de duas formas específicas: àqueles que atingiram a fama e ascensão econômica através de suas conquistas esportivas e aqueles que, se não atingiram fama e ascensão através do esporte, ao menos foram impactados positivamente por ele de modo a superar condições de vida extremamente adversas.

O Seminário Internacional *“Criança, Jovens e Violência Armada”*, realizado na cidade do Rio de Janeiro por iniciativa da ONG VivaRio, foi alvo de matéria⁸⁰ no telejornal Bom Dia Brasil. Por meio deste seminário, que reuniu estudiosos para discutir a importância do esporte como arma no combate a violência e criminalidade juvenil, foram encaminhadas proposições à organismos internacionais como a UNICEF, a Comissão de Direito da Criança da ONU, a Rede Internacional de Ação sobre Armas Pequenas, a organização dos Estados Americanos, bem como a Secretaria Especial de Direitos

⁷⁹ Consta no Art. 6º da Constituição Federal (BRASIL, 1988) – “São direitos sociais a educação, (...) na forma desta Constituição”. No artigo Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) – “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, (...)”.

⁸⁰ Matéria n. 16, quadro 2, p. 86.

Humanos do Governo Federal. Interessa-nos observar o modo como tal problemática foi tratada, a partir de um dos trechos da matéria no qual o repórter refere:

Segundo estudiosos, cada vez mais cedo menores se envolvem com a criminalidade. A morte brutal do menino João Hélio no início de fevereiro, durante uma tentativa de assalto, chocou pela crueldade e por terem sido os acusados todos jovens – um deles de 16 anos. Uma pesquisa feita em quatro países por organizações de combate a violência, traçou o perfil dos jovens criminosos. **Eles são na maioria homens, negros ou pardos, com idade entre 15 e 25 anos, e que vivem em locais com alta taxa de desemprego e escolas com baixa qualidade de ensino**⁸¹. Resultados de pesquisas como estas, estão sendo apresentados neste encontro que reúne instituições de todo o mundo aqui no rio. Pesquisadores e representantes de organizações não governamentais querem criar em conjunto de propostas para diminuir a criminalidade infantil.

Pode-se perceber assim que, a partir deste perfil *estigmatizante* disseminado globalmente, os projetos sociais esportivos desenvolvem técnicas e estratégias cujo objetivo precípua tem sido *endireitar e moldar comportamentos*, visando assim, transformar os *jovens violentos* em *verdadeiros cidadãos*. E não são poucas as evidências que apontam práticas bem concretas por meio das quais estas estigmatizações passam a efetivar-se no cotidiano do programa sócio-esportivo analisado.

Um exemplo disto são as temáticas transversais que se constituíram no foco da capacitação fornecida pelo Ministério do Esporte aos coordenadores de núcleos (professores de Pedagogia, Letras e Educação Física) e aos monitores do Programa Segundo Tempo: o combate à gravidez precoce, à prostituição e ao abuso de drogas. Um outro fato bastante inusitado em se tratando de políticas voltadas a infância e adolescência: vários núcleos deste programa são desenvolvidos dentro de delegacias de polícia e em quartéis do exército – por meio da parceria entre o Ministério do Esporte e o Ministério da Defesa, recebendo o nome “*Segundo Tempo – Forças no Esporte*”. Esta parceria atende em quartéis do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, nas diversas regiões do país, cerca de 5 mil crianças e adolescentes carentes, em áreas de risco social” (matéria 9).

⁸¹ Grifo nosso.

Nas palavras de diferentes atores envolvidos, pode-se ter uma idéia dos objetivos desta parceria um tanto inusitada, que de acordo com a assessoria de comunicação do programa Segundo Tempo, tem por objetivo *“traçar ações de reforço aos laços entre as crianças do Segundo Tempo com a polícia e a escola, (...) além de mapear os casos de risco”* (matéria 9).

○ Segundo Tempo é um celeiro de atletas e uma excelente oportunidade para identificar talentos. Os alunos despontam para o esporte porque têm no Segundo Tempo a chance se formarem cidadãos para a vida. Longe do perigo das ruas, os núcleos investem na oportunidade de um futuro melhor, oferecendo a prática esportiva, o reforço escolar e alimentar e assistência médica e odontológica (Capitão Azulai, coordenador prático do núcleo dos Fuzileiros Navais. Matéria nº 9, quadro 3, p. 114)

Investir nas crianças é um gesto de amor, de solidariedade, de humanidade. Não vejo outra saída para combater a criminalidade senão oferecer à nossa juventude uma oportunidade de um futuro melhor, com esporte e muita educação (Ivanilson de Melo, delegado titular da 27ª DP do Recanto das Emas, delegacia parceira do Programa Segundo Tempo. Matéria nº 40, quadro 3, p. 115).

As parcerias locais com as quatro delegacias servirão também para mostrar à população uma outra imagem da Polícia Civil – que a ação deles não é somente a de combater o crime, mas também de educar. Uma imensidão de crianças aguardava ansiosa na lista de espera. São jovens que corriam o risco de ficar nas ruas convivendo com o perigo da violência, das drogas e alcoolismo e que graças ao Segundo Tempo terão um futuro melhor (Antônio Sérgio Cunha, presidente da Opai, organização parceira do Programa Segundo Tempo. Matéria nº 40, quadro 3, p. 115).

Seguindo a mesma tônica, os jovens que integram o projeto reiteram este discurso em inúmeros depoimentos veiculados no site do Programa:

Faço futebol e basquete na parte da tarde. Isso tira a gente das ruas e das más companhias (Nelson, 13 anos. Matéria nº 12, quadro 3).

Eu faço capoeira há quase um mês e estou gostando muito. Antes eu ficava na rua (Israel, 13 anos. Matéria nº 22, quadro 3).

○ Segundo Tempo faz com que a gente não tenha tempo para fazer coisa errada (Paula, 11 anos. Matéria nº 21, quadro 3).

Nunca mais vou repetir de ano porque no Segundo Tempo tenho acompanhamento onde esclareço todas as minhas dúvidas (Ezequiel, 14 anos. Matéria nº 30, quadro 3).

Num trabalho que denominam como *Resgate da Cidadania*, a parceria entre o Programa Segundo Tempo, a Dipcom e a ONG OPAI (Obras de Promoção e Assistência à Infância e a Adolescência) orgulha-se de ter identificado inúmeros problemas vivenciados por crianças e jovens integrantes do programa. Como afirma uma delegada, com relação ao ato protagonizado por uma menina de 9 anos de idade:

Além do triste hábito de pequenos furtos descobrimos junto com a escola outra triste realidade. A menina também enfrentava problemas de desajuste familiar e de exploração do trabalho infantil, atuando como pedinte”.

5.3 “O esporte é uma ferramenta na promoção da paz mundial”

Articulada a temática do combate à violência e criminalidade, os produtos televisivos costuma atribuir ao esporte a tarefa de promover uma cultura de paz entre os jovens, conforme se pode perceber na tabela abaixo:

Tabela 2 – O esporte educando para a paz

<i>Temática Central</i>	Esporte: arma no combate à violência e à criminalidade/Educação para a paz
Matérias em que aparece	7, 16,17,20, 21, 23
Eixos/campos discursivos	Saúde, educação e o desenvolvimento econômico e social.
Personagens da trama narrativa	Depoimento de pais, políticos, gestores, jovens.
Temáticas transversais /discursos associados	Esporte para tirar os jovens das ruas / arma contra a violência / combater criminalidade / afastar do tráfico de drogas melhorar a saúde.

Na era da globalização e da livre exportação de tecnologias sociais, o *know how*⁸² e o *pioneirismo* do Programa Segundo Tempo tem servido inclusive de modelo a países africanos como a Costa do Marfim e Angola, que firmam convênios de cooperação técnica com o Ministério do Esporte brasileiro a fim de assegurar a devolução da cidadania das crianças e jovens de seu país.

Na visão da embaixadora da Costa do Marfim, somente a educação, somada à oportunidade da prática esportiva, é capaz de mudar o destino das pessoas e de nortear seus compatriotas no caminho da paz.

O esporte tira os meninos do banditismo, afasta nossos jovens das revoltas armadas e faz com que deixem de lado as armas". (Matéria nº 12, quadro 3).

É interessante observar, no que se refere à legitimação do esporte como uma ferramenta de promoção da paz mundial e confraternização entre os povos, que se aceitarmos sem maiores contestações a afirmação de que "o esporte une indivíduos e comunidades, destacando os aspectos comuns e servindo de ponte entre diferenças étnicas e culturais" (ONU, 2003, p.3) correremos o sério risco de conduzir ao esquecimento os diversos usos que já foram feitos desta atividade. Cabe recordar os usos para fins de disputa entre regimes políticos no cenário internacional, bem como para tentativa de confirmação de supremacia de uma nação e de uma etnia sobre as demais, tal como o fez o líder nazista Adolf Hitler por ocasião das Olimpíadas de Berlim, em 1936⁸³.

⁸² Terminologia que indica experiência profissional; saber fazer bem uma coisa. Acervo tecnológico ou de recursos humanos de uma organização, um país ou uma pessoa.

⁸³ Apenas para recordar, os Jogos Olímpicos de Berlim foram utilizados em prol dos interesses de propaganda do governo totalitário nazista, tornando-se um marco de referência do uso do esporte para fins políticos. A olimpíada de Berlim representou para Hitler uma grande oportunidade de divulgar internacionalmente a imagem poderosa da Alemanha Nazista. Não estando dispostos a colaborar com a política nazista, os comitês olímpicos dos EUA, da França e da Inglaterra chegaram a ameaçar um boicote aos jogos, o que só foi revertido perante uma série de compromissos e medidas firmados pelo governo alemão junto ao COI. Além de mostrar ao mundo a força do governo nazista e a organização implementada pelo mesmo, Hitler tinha a intenção de comprovar a supremacia da raça ariana nas provas atléticas dos jogos. O que se viu ocorrer, no entanto, como ameaça a hegemonia alemã foram as oito medalhas olímpicas de ouro conquistadas pela equipe de atletismo dos Estados Unidos, composta entre outros por dez atletas negros. Assim, apesar de Hitler ter conseguido impressionar a todo o mundo com o poder totalitário do nazismo alemão e com a organização social promovida pelo mesmo, fracassou em tentar demonstrar a

Cabe lembrar ainda um outro momento histórico no qual o esporte foi usado como instrumento de propaganda política transformando-se em “arma simbólica” através da qual governos opostos buscavam reafirmar através das vitórias esportivas sua soberania e prestígio político: o chamado período da *Guerra Fria*. Durante este período, tornou-se comum que estádios, ginásios e piscinas transformassem em “*campos de batalha*” onde toda a pressão característica de um estado de guerra se estendia para a rivalidade entre os atletas, inflamando ainda mais os sentimentos nacionalistas nas populações (SIGOLI, JUNIOR, 2004).

Todos estes aspectos nos conduzem a uma noção anti-essencialista e anti-substancialista de esporte, comprovando que o mesmo pode assumir contornos amplamente contraditórios: tanto unir pessoas por um sentimento comum de nacionalismo – exaltando os hinos, bandeiras e cores de sua pátria, quanto criar hostilidades entre nações na medida em que fatos políticos e rivalidades históricas vêm à tona por ocasião das disputas esportivas.

O próprio Comitê Olímpico Internacional veio a adotar em 1990 uma medida decisiva para reduzir o nacionalismo exacerbado nos Jogos Olímpicos. A carta olímpica condena a influência política externa nos Jogos por meio dos seguintes princípios:

Não haverá discriminação racial, religiosa ou política contra qualquer país ou pessoa participante dos jogos;

Não será atribuídos pontos e não será determinada uma nação vencedora dos Jogos Olímpicos e;

Não será admitida qualquer propaganda ou manifestação de cunho político, religioso ou racial (SIGOLI, DE ROSE JR, 2004, p. 118).

suposta supremacia racial dos alemães arianos – derrotados por atletas negros, judeus e asiáticos. (SIGOLI, JUNIOR, 2004).

6 UMA BREVE SÍNTESE

A procura da verdade – seja a verdade subjetiva do convencimento, a objetiva da realidade, ou a social do dinheiro ou poder – traz sempre consigo, se nela se emprega quem merece prêmio, o conhecimento último de sua inexistência. A sorte grande da vida sai somente aos que compraram por acaso. A arte tem valia porque nos tira daqui (Fernando Pessoa – Livro do Desassossego, p. 336).

Nesta sessão do estudo, foram analisados trechos de textos extraídos de documentos de domínio público e das mídias institucional, geral e esportiva (formato *online*), por meio dos quais se buscou estabelecer um feixe de relações que possibilitasse propor uma discussão e uma reflexão acerca dos *modos* como são construídos e visibilizados discursos acerca da função social do esporte na atualidade e, como estes discursos e as práticas a ele associadas produzem *efeitos* no processo de subjetivação e nas vidas dos jovens usuários de projetos sociais esportivos.

Na medida em que foram sendo articuladas algumas relações de sentidos entre diferentes questões que, a meu ver, estariam implicadas no processo de crescente desportivização das políticas para a juventude carente, foi possível observar a penetração cada vez mais intensa da mídia em nossa sociedade globalizada. Tal poder de penetração social estaria provocando uma *transformação nas redes de poder* (FISCHER, 1996, p.282) responsáveis pela formação dos *valores básicos* das novas gerações; valores estes que tradicionalmente ficavam ao encargo de espaços tradicionais como a família, a escola e as instituições religiosas. Neste processo, a informação é eleita como o valor máximo através das constantes reiterações que partem das vozes de diferentes protagonistas sociais (representando diferentes espaços institucionais) e ecoam de dentro dos produtos oferecidos pela mídia. A partir do momento que a mídia passa a reivindicar para si a responsabilidade por facilitar ao seu público o acesso à verdade,

[...] é como se estivéssemos atingindo a mais alta sofisticação das estratégias de bio-poder: não só nos ocupamos da vida inteira das populações, mas contamos para isso com uma tecnologia de comunicações que multiplica informações

médicas, modelos de tratamentos de saúde, técnicas cotidianas de cuidados com o corpo. (IDEM, P. 282)

É devido a este “apelo quase universal do esporte” (ONU, 2003, p. 27) que diferentes instituições e aparelhos políticos ou econômicos (dentre os quais pode-se incluir organismos internacionais como ONU, os meios de comunicação, e os próprios projetos sociais) dele se utilizam como forma de comunicar suas mensagens e disseminar suas verdades na sociedade.

No que se refere à proliferação de discursos que enfatizam os benefícios do esporte para a vida dos chamados “jovens carentes”, foi possível identificar – a partir dos produtos midiáticos analisados – algumas das estratégias de conscientização através do esporte: a visibilização de perfis de indivíduos que *afetados positivamente* pelo esporte e o uso da imagem e popularidade das chamadas *estrelas do esporte* como porta-vozes ou *exemplo* de sucesso a ser seguido são algumas delas.

É por meio destas estratégias que muitos dos discursos que buscam elevar o esporte à condição de uma atividade essencialmente positiva, de caráter funcional multivariado, acabam por assumir caráter de verdade constituindo-se em *legítimos mantras*, entoados pela mídia e pelos projetos sociais esportivos, com o intuito de legitimar o esporte como ferramenta de educação, de inclusão e ascensão social, de promoção da paz social, de combate da violência, dentre outras utilidades. Mantras estes que, como vimos, não atuam de modo isolado e sim articulados, se entrecruzando e estabelecendo relações de interdependência.

Assim, é provável que as multifuncionalidades atribuídas ao esporte correspondam, em termos práticos, mais a reflexos da concepção salvacionista que regem as políticas sociais de esporte e as produções midiáticas do que, efetivamente, aos investimentos destinados a este setor. Senão, como explicar o histórico processo de marginalização do esporte e da Educação Física que, como vimos, se constitui hoje numa espécie de tendência social?

Além do mais, o processo de estigmatização social, evidente tanto nos discursos como nas práticas que são dirigidas aos jovens carentes em nossa sociedade e, por meio

das quais, se busca moldar comportamentos e transformar os supostos jovens violentos em verdadeiros cidadãos, contribuem para que estes jovens se subjetivem na condição de sujeitos que representam um risco e um fardo para a sociedade.

A partir de Foucault, entendemos os discursos como “práticas” que estando permeadas por relações de poder, formam efetivamente “os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2001, p.56). Assim, toda a espécie de estigmas sociais encontra-se, a nosso ver, diretamente implicada na constituição dos sujeitos “*jovens carentes*”, os quais foi possível observar, acabam confessando-se vulneráveis frente às inúmeras carências a que são constantemente submetidos. São estes jovens, no meu entender, “sujeitos carentes” sim, no que se refere à qualidade do ensino, da moradia, da alimentação e de toda a sorte de oportunidades que lhes são constantemente negadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Vigiar e punir ou educar?** In: Revista Educação. Foucault pensa a educação. São Paulo: Segmento, 2007.

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro:** esporte, televisão e educação física. Campinas/SP, 1994.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. – 2. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

BRASIL. **Constituição.** Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Cultura. **Lei Rouanet** (Lei nº. 8.313/91). Brasília, 1991.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Campinas: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1990.

_____. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Conferência Nacional de Esportes.** Brasília, 2004.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1988 (coleção corpo e motricidade). p.224.

CMI BRASIL. Centro de Mídia Independente. Disponível em:
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/01/272353.shtml> Acesso em: 11 set. 2007.

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria L. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em:
 <http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php?link=.%2Ftextos%2Ftexto23.htm&codtexto=23&cod=23&tp=t&nome_autor=&p=> Acesso em: 14 ago. 2006.

COB – Comitê Olímpico Brasileiro. **Olimpismo:** suas origens e seus ideais. Disponível em:
http://www.rio2007.org.br/site/memoria_olimpica/cartilha_olimpismo.pdf Acesso em: 31 mar. 2008.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO PRIBERAN. Disponível em:
<http://www.priberam.pt/default.aspx>

ESTEVE, José Maria. **A terceira revolução educacional:** a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado. 1996.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação da cultura**. Curriculum sem fronteiras. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. V.2, nº1, P.41-54. Jan./Jun. 2002.

_____. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, nov., 2001 Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Augusto de. **O local mais desenvolvido do mundo DLIS**. Distrito Federal: Agencia de Educação para o Desenvolvimento, 2004.

GUARESCHI, Neuza M. F.; HUNING, Simone (Orgs.). **Implicações da psicologia no contemporâneo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HARDMAN, K.; MARSHALL, J. (1999). **Worldwide Survey of the State and Status of School Physical Education: summary of findings**, ICSSPE. In: ONU. **Esporte para o desenvolvimento e a paz: em direção à realização das Nações Unidas sobre o esporte para ao desenvolvimento e a paz**. Nações Unidas, 2003.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2003 – PNAD**. Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br> > Acesso em: 15 jun. 2006.

IPEA. **A Iniciativa Privada e o Espírito Público: A evolução da ação social das empresas privadas no Brasil**. Brasília: DISOC, 2006. Disponível em:
<http://getinternet.ipea.gov.br/asocial/>. Acesso em: 26 out. 2006.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático Pedagógica do Esporte**. – 4. ed. Ijuí: Unijui, 2001.

MELLO, Marcelo Paula de. **Esporte e Juventude Pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MELO NETO, F.P.; FROES C. **Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial: a administração do terceiro setor**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Projeto quer aumentar acesso à cultura**. Disponível em:
<http://www.cultura.gov.br>. Acesso em: 06 nov. 2007.

ONU. **Esporte para o desenvolvimento e a paz:** em direção à realização das metas de desenvolvimento do Milênio. Nações Unidas, 2003. 53 p.

ONU. <http://www.onu-brasil.org.br>. Fonte: United Nations e Unic-Rio.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. Campinas: Ed. Pontes - 4º ed. - São Paulo, 2002.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição.** São Paulo: Circulo do Livro, 1989.

RUBIO, Kátia (2002). **Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil.** Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. VII. nº 373, 10 de mai. 2002. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocript/b3w-373.htm>. > Acesso em: 08 de jul. 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. – 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

SIGOLI, Mário André; DE ROSE JR., Dante. **A história do uso político do esporte.** Revista Brasil, Cidade e Movimento. 2004; 12(2): 111-119.

SILVA, Eduardo M. F. da; AGUIAR, Marianne T. de A. **Terceiro Setor:** Buscando uma Conceituação. Disponível em: <http://www.fundata.org.br/artigos.htm>. Acesso em: 15 set. 2007.

SPINK, Peter. Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez Editor, 1999.

UNESCO. (http://www.unesco.org.br/unesco/parceirosBrasil/comoserparceiro/mostra_documento).

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso.** São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim... (Clarice Lispector)

Por meio deste estudo, me propus a problematizar o processo de desportivização das políticas sociais para a juventude, processo este que se torna evidente diante da proliferação massiva de projetos sociais que percebem no esporte uma ferramenta pedagógica, capaz de operar verdadeiros milagres na vida dos chamados “jovens carentes”.

Partindo de uma perspectiva sócio-histórica, me dediquei inicialmente a investigar algumas das condições sociais, históricos e culturais que possibilitaram a emergência do esporte e das atividades atléticas na civilização humana, como forma de melhor refletir sobre sua crescente incorporação nas políticas sociais brasileiras.

Conforme se pôde constatar, o uso utilitário e funcional do esporte e das atividades atléticas não se trata de uma *invenção do presente*, posto que, desde os relatos históricos mais remotos de sua incorporação na vida humana, esta atividade já era utilizada para fins diversos, em conformidade com os valores, os modos de vida, e as necessidades de organização social de diferentes culturas, em diferentes períodos históricos.

Neste sentido, entendo que a atual proliferação e desportivização das políticas sociais endereçadas aos jovens oriundos de contextos sociais ditos “vulneráveis” guardam estreita relação com toda sorte de problemas de caráter social, político e econômico que tem afetado a sociedade brasileira ao longo dos tempos. Os efeitos combinados da *situação de crise* gerada pela agravação de uma série de desigualdades têm, a meu ver, contribuído significativamente para que o esporte seja vislumbrado sob uma *ótica salvacionista* e, conseqüentemente, utilizado como uma *estratégia compensatória* que visa *solucionar, conter*, ou ao menos *mascarar* uma infinidade de mazelas sociais a que estes “jovens carentes” encontram-se constantemente submetidos.

Um outro aspecto que, sob meu ponto de vista, parece contribuir para esta tendência à desportivização, refere-se o tão deflagrado *custo-efetividade do esporte*, ou popularmente falando, a suposta noção de que é uma *atividade barata e que funciona*. Sem entrar no mérito de saber se, *de fato*, funciona ou não, entendo que o grande perigo reside no fato de que, conforme foi aqui discutido, apesar da aparente hipervalorização presente na maioria dos discursos, pode-se perceber que a educação física (canal institucional responsável pelo ensino e prática do desporto nas escolas) tem enfrentado – em proporções globais – um processo de marginalização.

Diante dos déficits em termos de investimentos e qualificação – reclamação constante dos profissionais que atuam neste setor – fica a nítida sensação de que há uma espécie de *crença* de que a mera difusão de discursos salvacionistas já seria por si só, suficiente para que o esporte operasse seus *milagres*. Os gestores das políticas sociais esportivas parecem respaldar-se na mesma lógica salvacionista referida por Fraga (2005), através da qual “(...) para investir em atividade física de baixo custo, basta permear as estruturas já existentes com mensagens de fácil assimilação, fazer circular a “palavra da salvação” para que ela alcance mais sujeitos” (p.31).

A despeito de toda essa discursividade que atesta os inúmeros benefícios pedagógicos do esporte, o que pude constatar a partir deste estudo, aliado a vários diálogos que mantive com profissionais da educação física em minha experiência profissional pregressa em programas de educação através do esporte é que, muitos dos discursos que circulam nos documentos oficiais destes programas, bem como nas falas de seus gestores, infelizmente, não condizem efetivamente com aquilo que ocorre na prática cotidiana.

Assim, pode-se dizer que grande parte dos projetos sociais de esporte dispõe hoje de planos pedagógicos pautados quase que única e exclusivamente em uma *concepção hegemônica de esporte*, o que significa dizer que o esporte é aprendido e praticado também nestes contextos mantendo-se a ênfase na competitividade e na obediência às regras convencionalmente estabelecidas para cada modalidade esportiva. Não que haja com isso uma tentativa de minha parte em empreender críticas ao modelo de esporte competitivo e de alto rendimento. Apenas penso que, ao seguir este modelo hegemônico

regrado e competitivo no âmbito dos projetos sociais, ao invés de estar promovendo a inclusão e a transmissão dos valores positivos tão frequentemente difundidos como a solidariedade, o respeito, a cooperação, o esporte acaba efetivamente promovendo a exclusão e valores contrários, como o individualismo e a competitividade exacerbada. Parafraseando uma das célebres frases do educador físico, sociólogo, psicólogo e lingüista francês Pierre Parlebas (1980, citado por Betti, 1991, p. 55), penso que seja preciso compreender de uma vez por todas que “O desporto não possui nenhuma virtude mágica. (...) Ele é conforme: ele é aquilo que se fizer dele”.

Lembro que uma das principais razões que motivaram a realização deste estudo foi minha perplexidade e insatisfação diante de certas concepções românticas, salvacionistas e/ou compensatórias frequentemente associadas ao esporte no âmbito destes projetos. Isto porque, entendia ser uma enorme incongruência atribuir ao esporte a responsabilidade pela solução de problemas sociais e pela transmissão de valores como a solidariedade, o respeito, a honestidade, a cidadania, na medida em que a sociedade, de um modo geral, tem se encarregado em transmitir valores diretamente opostos, num culto freqüente à competitividade e ao individualismo, além dos péssimos exemplos de corrupção, violência e intolerância com as diferenças. Uma última questão: apesar de todos os aspectos positivos, como esperar que o esporte obtenha sucesso perante uma tarefa hercúlea como esta?

À guisa de qualquer tipo de conclusão, chego ao fim deste trabalho. Busquei, a partir do campo da psicologia social e desportiva, introduzir um diálogo que fosse ao encontro de algumas importantes questões que tem cercado as políticas sociais de esporte. Diante da abrangência da temática, penso porém que se impõe um desafio: o de que as desconstruções aqui empreendidas possam de alguma forma influir na construção de outros modos de pensar e planejar o esporte, contribuindo assim para o aprimoramento e qualificação das políticas sócio-desportivas brasileiras.

Referências Bibliográficas:

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da Informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: UFRGS, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** – 6ª edição – São Paulo: Loyola, 2000.

ANEXOS



Ofício 1347/06-CEP

Porto Alegre, 20 de novembro de 2006.

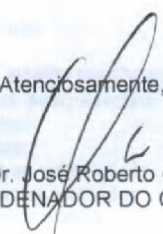
Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 06/03451, intitulado:
**“Jovem carente? Esporte urgente! problematizando discursos das políticas
sociais e da mídia contemporânea”.**

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser
encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Profa Helena Beatriz Kochenborger Scarparo
N/Universidade

RENTENDADO AO SERVIÇO POSTAL SA

1. MUDOU SE

2. END. RESIDENTE

3. NÃO EXISTE N.º INDICADO

4. DESCONHECIDO

5. REQUISADO

6. NÃO PROCURADO

7. AUSENTE

8. FALCIDO

9. CEP

INFORMAÇÃO ESCRITA PELO PORTADOR OU ZELADOR

PARA USOS DOS CORREIOS

Impresso Fechado
Pode ser aberto pela ECT



Av. Santo Amaro, 1386
1º andar - Vila Nova Conceição
CEP 04506-001 - São Paulo - SP



Termine o ano com um balanço positivo.
Tome uma iniciativa que custa pouco e vale muito.



Torne sua empresa sócia da Fundação Abrinq. São doações a partir de R\$50 mensais que podem transformar muitos futuros.

Há 17 anos, a **Fundação Abrinq** realiza um trabalho que não é brincadeira. Nossa Instituição defende os direitos das crianças e adolescentes que precisam de apoio para crescer, estudar, desenvolver as suas habilidades. Para cumprir esse objetivo, criou um mecanismo simples: ela se propõe a ser uma ponte entre quem precisa de ajuda e aqueles que querem ajudar.

Toda criança precisa de apoio e incentivo. E a Fundação Abrinq trabalha para isso.

A **Fundação Abrinq** mantém programas e projetos que já ajudaram mais de 5 milhões de crianças e adolescentes em todo o Brasil.

Entre em contato com a Fundação Abrinq.

Como sócia, sua empresa colabora para a formação de um país mais justo e ajuda a transformar o futuro de milhares de crianças. E isso vale muito.

Faça sua doação por telefone: 0800 55 1220
Pela internet: www.doeagora.org.br/socio

**VOCÊ TAMBÉM PODE SER UM DOADOR PESSOA FÍSICA.
BASTA ENTRAR EM CONTATO COM A FUNDAÇÃO ABRINQ.**

ESTA EMPRESA
APÓIA A
FUNDAÇÃO ABRINQ



Boas ações também colaboram com a imagem da sua empresa. Confira as opções de contribuição.

Doações mensais de R\$50,00 a R\$249,00: Sócio Mantenedor VIP

Além de ajudar a manter a Fundação Abrinq, a sua empresa poderá usar a logomarca "Esta empresa apóia a Fundação Abrinq", e divulgar a doação para funcionários e fornecedores via intranet, boletins, apresentações e cartazes internos. A empresa também receberá materiais de divulgação e terá o nome impresso no relatório anual e no site da Fundação Abrinq.

Doações mensais de R\$250,00 a R\$999,00: Sócio Mantenedor Master

Além dos benefícios do Sócio Mantenedor VIP, sua empresa poderá divulgar o apoio à Fundação Abrinq também para os clientes por meio de folders institucionais, catálogos, notas fiscais, relatório anual, site e assinatura de e-mail. A empresa também receberá materiais de divulgação, terá o nome impresso no relatório anual e no site da Fundação Abrinq.

Doações mensais a partir de R\$1.000,00: Sócio Mantenedor Honorável

Além dos benefícios já citados nas outras categorias, a empresa poderá inserir a logomarca "Esta empresa apóia a Fundação Abrinq" em uma campanha publicitária por ano, em materiais de papelaria e banners em eventos. A empresa receberá materiais de divulgação, terá o nome e a logomarca no relatório anual e no site da Fundação Abrinq, além de espaço para a divulgação de um banner em nossa homepage.

Entre em contato com a Fundação Abrinq.
A sua colaboração pode fazer a diferença no
ano novo de uma criança.



ANEXOS

22/11/2004 - 18h:04m - Segunda-feira

Globo, COB e CO-RIO firmam convênio

RIO - Com o objetivo de impulsionar o esporte brasileiro, as Organizações Globo assinaram convênio com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Comitê Organizador dos Jogos Pan-americanos RIO 2007 (CO-RIO). A meta do acordo é aproveitar a mobilização em torno do RIO 2007 para usar o esporte como fator de integração e desenvolvimento social.

João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, destacou a importância que uma competição desse porte tem para o país.

- O efeito de um evento desta magnitude não se reflete apenas nos benefícios que ele traz para a cidade-sede, mas naquilo que ele contribui para o desenvolvimento de todo o Brasil. O papel das Organizações Globo neste convênio é ajudar todas as instâncias envolvidas com a realização dos Jogos e mobilizar a sociedade brasileira em torno deste projeto. Podem contar com nosso esforço para que esta mobilização seja eficaz.

O convênio estabeleceu a criação das Ações Pan-americanas (APAs). Trata-se de um calendário que reunirá eventos de propriedade do COB, do CO-RIO ou das empresas de mídia Globo, que começarão já este ano e evoluirão gradativamente até a realização dos Jogos, em julho de 2007. Haverá eventos esportivos de alto rendimento, muitos deles preparatórios para o RIO 2007, um programa voltado para o esporte estudantil e realização de ações de cunho esportivo, social e cultural, com participação popular, até 2007.

Carlos Arthur Nuzman, presidente do COB e do CO-RIO, ressaltou que os Jogos devem ser usados no desenvolvimento social do país.

- A idéia é mobilizar desde já a sociedade brasileira, fazendo dos Jogos Pan-americanos, em 2007, uma grande plataforma para transformar o esporte e torná-lo um efetivo instrumento de desenvolvimento social, levando os seus valores e ideais para todo o Brasil - disse.

As empresas de mídia Globo se comprometem, pelo convênio, a dar ampla cobertura a todos os eventos das APAs, assegurando grande visibilidade para o RIO 2007 nas várias plataformas de mídia.

- Percebemos que os Jogos Pan-americanos são uma grande oportunidade para o estímulo das práticas esportivas no Brasil, gerando desenvolvimento econômico e social, com o fortalecimento da educação - explicou Érico Magalhães, diretor da TV Globo, sintetizando a visão de todas as empresas de mídia Globo que assinaram o convênio (TV Globo, Infoglobo, Globosat, Rádio Globo e Editora Globo).

Encontre esta reportagem em:

<http://pan2007.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA866455-3853,00.html>

12/12/2006 - 20h00m - Atualizado em 12/12/2006 - 20h05m



ARTISTAS E ATLETAS SELAM ACORDO DE PAZ SOBRE PATROCÍNIO

BRASÍLIA (Reuters) - Artistas e atletas encontraram uma saída para repartir o bolo de patrocínios privados. Ao invés de brigar pelo mesmo tipo de recursos, representantes das duas categorias reunidos em Brasília na terça-feira fizeram uma proposta para ampliar o leque de incentivos fiscais às empresas interessadas em investir nos dois setores.

Com o acordo firmado entre as duas categorias, o texto da lei que tramita no Senado deverá ser alterado. As mudanças determinam que os incentivos concedidos a projetos do esporte não saíam mais do mesmo percentual hoje destinado a projetos culturais através da Lei Rouanet.

O esporte contaria com incentivos fiscais, mas oriundos de outros tipos de investimentos dedutíveis no imposto de renda.

A lei do esporte, que tramita no Senado, previa deduções de 4 por cento do Imposto de Renda para as companhias que patrocinassem o esporte. O problema é que, originalmente, esses investimentos disputariam a mesma fatia de dinheiro com a cultura, já beneficiária da isenção de 4 por cento.

Diante da polêmica, ficou decidido que as doações para iniciativas ligadas ao esporte sairão de áreas como investimento tecnológico e despesas com vale-alimentação, que podem ser abatidas no IR no limite de 4 por cento.

Um grupo de estrelas do esporte e da cultura visitou o Senado nesta terça-feira para discutir a mudança na lei em tramitação. A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, disse que o governo está "extremamente atento" ao que chamou de "saudável disputa" por incentivos fiscais.

Ela destacou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu uma "solução criativa" para o caso.

"Juntos, nós somos mais fortes, mais poderosos. O esporte já tem apoio. Temos que apostar no mecenato para mostrar que é viável investir mais na cultura", afirmou o ator Ney Latorraca.

"Se não der certo, eu vou ficar nu no teatro municipal e no Congresso", brincou.

Para artistas, as empresas fariam muito mais doações ao esporte que à cultura, piorando o que chamam de baixo grau de investimento em teatro, dança e música pela iniciativa privada.

"Foi um mal-entendido. A cultura tem toda razão em brigar para não dividir o bolo e o esporte tem o direito de brigar por espaço na lei de incentivos. Agora temos um acordo e estamos juntos", disse Hortência, ex-jogadora de basquete.

Segundo dados do Ministério da Cultura, pouco mais de 1.900 empresas privadas usaram o incentivo do governo para investir em arte no ano de 2005. O montante equivale a cerca de 730 milhões de reais no período. Há, no entanto, uma demanda reprimida de quase 180 mil empresas que poderiam atuar como patrocinadores, mas ainda estão de fora.

(Com reportagem de Isabel Versiani)

(Por Natuza Nery)

13/12/2006 - 21h17m - Atualizado em 13/12/2006 - 21h20m



PRESSÃO DE ARTISTAS FEZ GOVERNO MUDAR LEI PARA ESPORTE

O governo alterou hoje na Comissão de Educação do Senado (CE) os principais pontos do projeto que institui a Lei de Incentivos Fiscal ao Esporte. De iniciativa do próprio governo, o texto foi aprovado no mês passado na Câmara, em regime de urgência, sem nenhum tipo de debate. A principal mudança é que a fonte de recursos será o Programa de Alimentação do Trabalhador e não mais a Lei Rouanet, como previa inicialmente. A mudança ocorreu depois que artistas iniciaram uma romaria ao Senado para impedir que os recursos dessa lei tivessem de ser repartidos com os atletas. Outra alteração é que a dedução no Imposto de Renda de empresas ou pessoas físicas que contribuírem para o setor não será mais total para os desportos educacional, de participação e de rendimento.

Caberá ao Executivo fixar anualmente o valor dessa deduções, de forma a estimular o esporte nas escolas e a valorizar o que tiver retorno social. Também ficou o governo encarregado de diferenciar as doações de patrocínios, para que o Estado não tenha de abrir mão de receitas tributárias para subsidiar ações de publicidade de indivíduos e de empresas. A votação da proposta em plenário era

aguardada para ontem. Mas dependeria da desobstrução da pauta, trancada por oito medidas provisórias. Em seguida, será votado novamente pelos deputados, já que houve mudanças no texto. A votação foi acompanhada por artistas e atletas. Estiveram na comissão, entre outros, Beatriz Segall, Fernanda Montenegro, a ex-jogadora de basquete Hortência, o atleta paraolímpico Clodoaldo Francisco da Silva, e o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). A líder do PT, senadora Ideli Salvatti (SC), acredita que os percentuais das deduções devem ficar entre 30% e 100%, como ocorre na Lei Rouanet. Segundo ela, o programa a que o incentivo está ligado se destina hoje apenas à alimentação do trabalhador, já que o incentivo para tecnologia foi incluído desde novembro do ano passado em uma nova lei. Alterações dessa lei estão sendo proposta em outro projeto que está prestes a ser examinado na Comissão de Educação do Senado.

A emenda alterando a Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte prevê que poderá ser investido no esporte até 4% do Imposto de Renda devido por empresas e de 6% para pessoas físicas. O texto afirma que os recursos aplicados em atividades de maior rentabilidade econômica terão percentual de dedução menor.

29.12.2006

Fim da queda de braço

Chegou ao fim a disputa entre artistas e atletas por incentivos fiscais. O presidente Lula sanciona hoje a lei de incentivo ao esporte. Artistas e esportistas selaram, finalmente, a paz. A solução para o impasse foi criar uma nova faixa de isenção fiscal para os esportes independente dos incentivos para a cultura.

Os artistas saíram satisfeitos. Para a cultura, o governo manteve os incentivos fiscais de até R\$ 1,2 bilhão. É o valor que as empresas podem deduzir do imposto de renda se investirem no setor.

“Foi encontrada a solução que resolveu e atendeu a todos nós”, comemora a atriz Nathalia Timberg. Os atletas e dirigentes também comemoraram. Eles não tinham nada e deixaram o Palácio do Planalto com incentivos fiscais de R\$ 300 milhões. Dinheiro para deduzir dos impostos das empresas que investirem em projetos esportivos de inclusão social e modalidades que hoje não recebem apoio. “Estamos em um momento muito feliz. Durante 23 anos corremos atrás dessa lei, não foi muito fácil, como nunca foram fáceis as coisas pra nós esportistas. Sempre corremos atrás dos nossos objetivos, e estamos conseguindo”, aponta a ex-jogadora de basquete Hortência.

O acordo fechado no Palácio do Planalto também não mexe com os incentivos que o empresário recebe para investir no programa de alimentação do trabalhador. Com os três setores atendidos, o presidente Lula vai enviar uma medida provisória ao Congresso para acertar de vez a legislação. A nova lei deve ser regulamentada em janeiro, deixando claro que o dinheiro do esporte não poderá ser investido em clubes profissionais nem em atletas que já tenham patrocínio. A prioridade é investir em projetos de inclusão social.

Encontre esta reportagem em:

<http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1402807-3682,00.html>

ARTISTAS SE REÚNEM COM GIL; DISPUTA COM ATLETAS VAI AO SENADO

Por Pedro Fonseca

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A disputa por incentivos fiscais com os atletas levou artistas a se reunirem nesta tarde com os ministros da Cultura, Gilberto Gil, e do Esporte, Orlando Silva Junior, em mais uma etapa da queda de braço que terá novo capítulo na terça-feira no Congresso.

Preocupados com a possibilidade de verem o dinheiro da Lei Rouanet trocar de rumo após a aprovação da Lei de Incentivo ao Esporte na Câmara, em novembro, representantes da classe artística reuniram-se com os ministros e o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, para tentar impedir a aprovação do projeto no Senado, com votação marcada para quarta-feira.

À reunião no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, estiveram presentes o cineasta Luiz Carlos Barreto e as artistas Fernanda Montenegro e Marília Pera, entre outros. Após o encontro, eles anunciaram que terão um café da manhã na terça com alguns senadores em Brasília, após convite da senadora Roseana Sarney (PFL-MA).

"Vimos com preocupação a aprovação dessa medida", disse Gil a repórteres após mais de três horas de reunião. "O setor cultural vai trabalhar junto ao Congresso pela extensão do prazo (da votação)."

O projeto de Lei do Esporte prevê que as empresas poderiam investir até 4 por cento do Imposto de Renda devido em patrocínio do esporte. O percentual é o mesmo determinado na lei cultural, e os artistas apontam uma maior exposição dos atletas como motivo para seu temor de perda de recursos. Pessoas físicas também poderão doar 6 por cento do Imposto de Renda devido, de acordo com o projeto.

"Entre Ronaldo e Fernanda Montenegro, claro que o patrocínio vai para o Ronaldo", disse a atriz Marília Pera. O projeto, no entanto, não prevê recursos para o futebol, enquadrado como esporte profissional.

Uma das soluções levantadas na reunião seria o aumento do valor permitido para abatimento no Imposto de Renda das empresas de 4 para 8 por cento, com esporte e cultura ficando cada um com 4 por cento. Entretanto, esse assunto obrigaria a mudança da lei 9352/97, que regulamente a renúncia fiscal.

Gil também criticou a postura da Receita Federal de aceitar apenas incentivos fiscais de empresas que trabalham com lucro real, que segundo o ministro seriam apenas 7 por cento do total. O ministro defendeu a inclusão das empresas que adotam o lucro presumido no projeto.

"Os grandes entraves envolvendo este tema são criados pela Receita Federal, que não gosta de incentivos fiscais", atacou.

Do outro lado do cabo-de-guerra, os esportistas enviaram nesta segunda uma carta a todos os senadores solicitando "atenção especial" ao projeto de lei. Na terça, eles serão representado pelos medalhistas olímpicos Gustavo Borges, Hortência e Robson Caetano, entre outros, numa audiência na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado.

"Jamais combati à cultura e jamais vou combater, mas é uma falta de entendimento da parte deles pensar dessa forma (querer o adiamento da votação)", disse o presidente da Comissão de Atletas, o ex-jogador de vôlei Bernard Rajzman, que foi secretário nacional de Desportes do governo Collor -- cargo que hoje corresponderia ao de ministro do Esporte.

13/12/2006 - 07h59m - Atualizado em 13/12/2006 - 08h24m



ACORDO SEPARA INCENTIVOS FISCAIS PARA CULTURA E ESPORTES

Lei Rouanet continuará exclusiva para artes.

Esporte terá verba de outro programa governamental.

Num dia em que celebridades das artes e do esporte foram ao Congresso defender seus interesses, foi fechado um acordo a respeito dos incentivos fiscais para quem patrocinar atividades nas duas áreas. Artistas e atletas travavam uma queda-de-braço há duas semanas, quando a Câmara aprovou projeto de incentivos para o setor esportivo que ameaçava tirar recursos habitualmente destinados a iniciativas artísticas.

A proposta da Câmara, que agora está em discussão pelo Senado, previa abatimento de até 4% do Imposto de Renda para empresas que financiem projetos esportivos e de até 6% para pessoas físicas. Os incentivos seriam garantidos pela Lei Rouanet, que custeia a maioria dos projetos culturais do País.

O texto provocou um impasse entre artistas e atletas. Na segunda-feira, em encontro no Rio com representantes das duas áreas, os ministros Gilberto Gil (Cultura) e Orlando Silva (Esportes) chegaram a propor elevar de 4% para 8% a parcela do Imposto de Renda que as empresas poderiam aplicar, na tentativa de acabar com a briga.

Na terça-feira (12), já no Senado, Gil e Orlando Silva conseguiram uma solução que agradou aos dois lados. Pelo acordo, o texto da Câmara será alterado para que a Lei Rouanet continue exclusiva para incentivos às artes. Os recursos para o esporte sairão de outra fonte, o Programa de Alimentação do Trabalhador e Renovação Tecnológica.

"Foi um dia proveitoso e espero que ambas as partes saiam satisfeitas", festejou a atriz Fernanda Montenegro, depois de um debate a portas abertas na Comissão de Educação do Senado. "Fizemos um acordo muito bacana e agora temos que fazer um esforço para a aprovação", concordou a ex-jogadora de basquete Hortência. "Não podíamos permitir que nos fossem retirados os pouquíssimos recursos que temos", argumentou a atriz Beatriz Segal. Como as três, vários artistas e atletas circularam ontem pelo Senado, incluindo o ator Ney Latorraca, o velejador Lars Grael e o ex-jogador de vôlei Bernard.

Agora, já com a modificação que transfere os incentivos para o Programa de Alimentação do Trabalhador e Renovação Tecnológica, o projeto deve ser aprovado nesta quarta (13) pela Comissão de Educação. Se isso ocorrer, entrará imediatamente na pauta do plenário do Senado.

Para acelerar sua aprovação, o projeto vai ser apreciado em regime de urgência, que pula algumas etapas da discussão. "A cultura não está contra o esporte, nem o esporte contra a cultura", afirmou o senador Wellington Salgado (PMDB-MG), presidente da Comissão de Educação. "Com a mudança na captação de recursos, cada um preserva seu espaço."

Domingo, 10/12/2006

Fantastico

Um grupo de artista protestam contra a lei de incentivo ao esporte, que está em fase de discussão no Congresso. Os artitas defendem que o apoio ao esporte, seja feito sem comprometer a verba cultural

Fernanda Montenegro: "Eu acho que nós da cultura perderíamos, pela visibilidade porque o esporte é uma coisa altamente popular não é, altamente demonstrativa também, você pode se pendurar com todos os patrocínios em cima do corpo, e tem essa visibilidade e esse retorno que todo o patrocinador quer.